

ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO



**DE CEI UFGD A CEI MARIA ALICE SILVESTRE (2008-2018):
ENTRELAÇANDO MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS**

DOURADOS/MS
2026

ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO

**DE CEI UFGD A CEI MARIA ALICE SILVESTRE (2008-2018):
ENTRELAÇANDO MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Míria Izabel Campos

**DOURADOS/MS
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

N244d Nascimento, Antonieta Aliandre Moraes
DE CEI UFGD a CEI Maia Alice Silvestre (2008-2018): Entrelaçando movimentos, histórias e memórias [recurso eletrônico] / Antonieta Aliandre Moraes Nascimento. – 2026.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Miria Isabel Campos.
Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2026.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. História da Educação. 2. Educação Infantil. 3. Pesquisa-formação. 4. Narrativas (auto)biográficas. 5. Creches universitárias. I. Campos, Miria Isabel. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO

**DE CEI UFGD A CEI MARIA ALICE SILVESTRE (2008-2018):
ENTRELAÇANDO MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS**

EXAME DE QUALIFICAÇÃO

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. Míria Izabel Campos
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Presidente - Orientadora

Profa. Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/FCH)
Membro Titular - Externo

Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/FAED)
Membro Titular - Interno

Profa. Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/FAED)
Membro Suplente - Interno

Profa. Dra. Alzira Salete Menegat
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/FCH)
Membro Suplente - Externo

**DOURADOS-MS
2026**

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação, primeiramente, a mim mesma, por não desistir diante dos desafios e por compreender que este percurso foi também um processo de crescimento e transformação.

À minha orientadora, Professora Dra. Míria Izabel Campos, pela condução cuidadosa, pela escuta sensível, pelo incentivo constante e pela confiança depositada ao longo desta caminhada, sendo inspiração acadêmica e humana neste percurso.

Às Professoras Dra. Alessandra Cristina Furtado e Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias, pela honra de participarem desta trajetória, pelas valiosas contribuições e pelo compromisso com a pesquisa, a formação e a produção do conhecimento.

À Professora Dra. Magda Sarat, inspiração neste processo, pela sensibilidade, sabedoria e pelas narrativas que atravessam minha formação e fortalecem os sentidos desta caminhada acadêmica.

À Professora Dra. Célia Maria Foster, cuja trajetória também inspira esta escrita, especialmente na beleza de ser mãe de Maria Alice, presença significativa e inspiradora, que, de diferentes maneiras, representa os afetos, os vínculos e os sentidos que acompanham os percursos de vida e formação.

À todas vocês, mulheres que foram referência durante esta caminhada, expresso minha profunda gratidão. Esta conquista também carrega um pouco de cada uma de vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, soberano e Criador do universo, fonte de toda sabedoria e de toda ciência, em quem minha fé permanece firmada. A Ele, minha gratidão pela força que me sustentou ao longo desta caminhada, pela esperança renovada em cada etapa e pela graça que tornou possível a realização deste trabalho.

À minha Família, alicerce nesta caminhada...

Primeiramente, ao meu esposo, pela parceria constante, pela presença firme em cada etapa deste percurso, pelas viagens percorridas para chegar até a universidade, demonstrando amor e cuidado, pela compreensão nos dias de ausência, e pelo incentivo verbalizados através das palavras sábias, das orações a mim dispensadas, que por muitas vezes me sustentou. Você é o companheiro de todas as horas, seguimos juntos sempre.

Aos meus dois filhos mais velhos Matheus Henrique e Samuel Henrique, que hoje já seguem seus próprios caminhos, mas permanecem presentes em meu coração, agradeço pelo amor, pelo incentivo e pela alegria de vê-los crescer, tornando cada conquista também parte da história de vocês. Ao meu filho caçula Luís Henrique, companheiro de tantas idas e vindas à universidade, agradeço pela paciência, por compreensão nas ausências, pela presença e pelo carinho com que tantas vezes esteve ao meu lado, dividindo comigo a mesa de estudos, com seus desenhos criativos, que me fizeram acreditar que ser mãe e pesquisadora é possível nesta travessia.

À minha mãe, Maria Manoela Aliendre Moraes, *in memoriam*, com todo amor e saudade. Mulher guerreira, forte e de muita fé, minha amiga de todas as horas, meu porto seguro em tantos momentos da vida. Embora sua presença física já não esteja entre nós, carrego comigo seus ensinamentos, seu amor e as memórias que ajudaram a moldar quem sou. Tenho a certeza de que esta conquista também lhe pertenceria e que seu coração estaria transbordando de alegria por este momento. Sua ausência permanece, mas seu amor continua vivo em mim.

Ao meu pai Laudenir Balbuena de Moraes, minha eterna gratidão. Homem de luta, que, jamais mediu esforços para investir em minha vida e em meus estudos. Com amor e coragem, buscou oferecer o melhor que estava ao seu alcance. Sei dos sacrifícios feitos, da saudade da distância quando precisei morar com minhas tias para continuar meus estudos, mas também reconheço sua presença constante, sempre que possível, demonstrada em cuidado, incentivo e amor. Esta conquista também é sua, pois carrega marcas profundas do seu esforço, dedicação e confiança em mim.

À minha sogra a quem carinhosamente chamo de vó, sim, a vó de meus filhos. Sempre presente em minhas maiores conquistas, obrigada pelo abrigo no aconchego do quarto que por dois anos, foram meu pouso para permanecer no percurso.

À minha orientadora professora Míria Izabel Campos, presença sensível, humana, neste percurso. Gratidão, a Sra. fez jus ao termo “orientadora”, pegou em minhas mãos e me ensinou que escrever é também um ato de escuta de si, compreender-se na própria trajetória, onde memória e reflexões se entrelaçam na construção de novos sentidos. Me fez compreender que a pesquisa deixa de ser apenas caminho, processo investigativo e se torna também transformação: “*A Transformação de si a partir de um movimento de pesquisa-formação...*” Inspirado em Marie-Christine Josso.

Às Professoras da Banca Examinadora, Dra. Alessandra Cristina Furtado e Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias, pela leitura atenta, pelas indicações para o meu crescimento e melhora na/da pesquisa. Para sempre levarei os seus ensinamentos.

Aos professores que acompanharam minha trajetória desde o tempo em que ingressei como aluna especial até o percurso como aluna regular, expresso minha sincera gratidão. Cada disciplina, cada leitura, cada diálogo e cada provocação teórica contribuíram para ampliar meus horizontes e fortalecer meu percurso formativo. A passagem de aluna especial à condição de aluna regular não representou apenas uma mudança acadêmica, mas também um movimento de amadurecimento, de pertencimento e de reafirmação do desejo de seguir aprendendo e pesquisando. Meu muito obrigada: professora Dra. Alessandra Cristina Furtado, professora Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani, professora Dra. Kênia Hilda Moreira, professora Dra. Maria de Lourdes dos Santos e professor Dr. Reinaldo dos Santos.

Aos colegas com quem compartilhei as disciplinas ao longo desta caminhada, que no início parecia impossível prosseguir, agradeço pelas trocas, pelas conversas, pelas leituras partilhadas e pelas inquietações divididas, pelas lágrimas acolhidas. Em cada encontro, nas salas de aula e para além delas, construímos aprendizagens que ultrapassaram os conteúdos acadêmicos e fizeram deste percurso uma experiência também de convivência, escuta e crescimento acadêmico. Vocês fizeram a diferença em toda esta trajetória, muito obrigada: Karina Aparecida, Rosemary Moraes Marales, Aline Silva e Silva, Myrella Araújo de Freitas, Adriana Pizzato, Lucélia da Silva Cavalcante, Rosangela Farias da Silva, Rosangela Lopes.

Entrevistadas/o...

À professora Magda Sarat, expresso minha profunda gratidão por ter partilhado comigo suas narrativas, atravessadas por sua vasta experiência e por sua presença efetiva na história aqui investigada. Como alguém que participou desse processo, sua escuta, suas memórias e a generosidade com que abriu seus arquivos pessoais, disponibilizando documentos e fontes fundamentais para esta pesquisa, foram decisivas para que muitos fios desta trajetória pudessem ser tecidos e compreendidos

À professora Célia Maria Foster, expresso minha sincera gratidão por me receber em sua residência com tanta generosidade e acolhimento. Agradeço por compartilhar parte significativa de sua trajetória de vida, de sua caminhada acadêmica e, sobretudo, das memórias atravessadas pelo afeto e pela saudade como mãe de Maria Alice. Sua narrativa conferiu profundidade humana a esta pesquisa e tornou possível compreender, para além dos documentos, os sentidos de memória, homenagem e pertencimento que hoje atravessam a história do CEI Maria Alice Silvestre

Ao professor Claudemir, expresso minha gratidão pela receptividade e compromisso com que partilhou suas narrativas. Sua disponibilidade em revisitar memórias de sua atuação, primeiro como professor do CEI e, posteriormente, como coordenador, contribuiu de maneira fundamental para a compreensão dos caminhos, desafios e construções que marcaram a trajetória da instituição. Sua narrativa trouxe à pesquisa a riqueza de quem viveu esse processo por dentro e ajudou a tecer, com sensibilidade e reflexão, parte importante desta história

À equipe do CEI...

Às/aos professoras/es e estagiárias/os que foram colegas de trabalho, das formações *in loco*, de horas atividades, das construções pedagógicas, das conversas nos corredores, dos passeios aos arredores do CEI, muito obrigada, vocês foram importantes em minha trajetória na instituição.

Às professoras Nataly Gomes Ovando e Mary Ane Souza, expresso minha gratidão pela caminhada, primeiro, como colegas de trabalho no cotidiano do CEI e, posteriormente, como coordenadoras da instituição, no tempo em que atuei como professora na instituição, ambas contribuíram com dedicação, sensibilidade e compromisso, vocês, foram inspiração para mim. Compreendendo que a formação continuada também pode ser caminho de crescimento profissional, reflexão e transformação.

À equipe administrativa, com quem pude contar de maneira significativa para as buscas das fontes documentais, na pessoa da Fabiana, hoje secretária do CEI, mas na época, mãe do Nicolas, criança da turma da Pré-escola, em que atuei como professora.

À atual coordenadora, Eliana Maria Ferreira, muito bem lembrada ao longo dessa história e que, prontamente, abriu as portas da instituição e dos arquivos em busca das fontes documentais.

À Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE), minha gratidão por conceder parte dos documentos referentes ao CEI UFGD. Registro aqui meu reconhecimento pela importância das políticas institucionais de apoio às/aos estudantes, que tornam possível a concretização de sonhos e projetos acadêmicos.

À Secretaria Municipal de Educação de Dourados/MS, expresso minha profunda gratidão por ter acolhido esta pesquisa e aberto as portas para a realização das buscas documentais, fundamentais à construção deste estudo. Em especial, agradeço ao setor da Reserva Técnica, pela disponibilidade, receptividade e pelo acesso concedido à documentação do CEI UFGD, indispensável para a constituição desta investigação. Agradeço, ainda, pela concessão da Licença para Estudos, garantindo meu afastamento, direito que possibilitou dedicação mais intensa ao Mestrado e à realização desta pesquisa.

NASCIMENTO, Antonieta Aliendre Moraes. **De CEI UFGD a CEI Maria Alice Silvestre (2008-2018):** entrelaçando movimentos, histórias e memórias. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2026.

RESUMO

Esta pesquisa intitulada, “De CEI UFGD a CEI Maria Alice Silvestre (2008-2018): entrelaçando movimentos, histórias e memórias” está vinculada à Linha de Pesquisa “História da Educação, Memória e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGEdu/UFGD) e foi desenvolvida na Faculdade de Educação (FAED), no âmbito do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC). Enleada à pesquisa maior da orientadora denominada “VIDA E FORMAÇÃO: narrativas de professoras da Educação Infantil do Mato Grosso do Sul”, teve como objetivo geral narrar a história da fundação e implementação do Centro de Educação Infantil - CEI UFGD até se tornar CEI Maria Alice Silvestre, entre 2008 - 2018. Definiu-se como objetivos específicos: Analisar os “movimentos” que levaram a fundação/criação do CEI no espaço da UFGD, distinguindo suas/seus idealizadoras/es, motivações, políticas da universidade e do município; Compreender as “histórias” que envolveram a escolha do local para a construção do CEI UFGD, os percursos trilhados e as tramas que envolveram a sua implementação; 3. Entrelaçar as “memórias” das/o envolvidas/o, acessadas a partir da recolha de narrativas, que tiveram como pressuposto *teóricometodológico* as abordagens narrativas e (auto)biográficas. Metodologicamente se constituiu como *pesquisaformação*, narrativa e (auto)biográfica, referida teoricamente a partir dos conceitos de Norbert Elias (1897-1990), figuração, interdependência e poder. As fontes analisadas construíram-se com documentos acessados no CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, na Secretaria Municipal de Educação de Dourados e na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, bem como com fontes orais advindas de entrevistas para recolha de narrativas e memórias da professora Magda Sarat, da professora Célia Maria Foster Silvestre e do professor Claudemir Dantes da Silva. Os resultados evidenciaram que os movimentos liderados pela comunidade acadêmica, em especial pelas estudantes, foram essenciais para a idealização da creche no espaço da UFGD, em período que a universidade se encontrava em expansão e reconhecimento. Também ficou explícito que garantir a permanência na universidade, era desafiador, em diferentes sentidos para servidoras/es e estudantes, dentre eles, o de conciliar a maternidade com as demandas acadêmicas das alunas. Entrelaçando movimentos, histórias e memórias no percurso desta escrita, tornou possível compreender a importância desta instituição de Educação Infantil ser criada e consolidada dentro do campus universitário, contribuindo com um capítulo significativo da História da Educação da UFGD, do entorno da Unidade II da universidade, da região da grande Dourados e do Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: História da Educação. Educação Infantil. *Pesquisaformação*. Narrativas (auto)biográficas. Creches universitárias.

NASCIMENTO, Antonieta Aliendre Moraes. **From CEI UFGD to CEI Maria Alice Silvestre (2008-2018):** intertwining movements, stories and memories. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2026.

ABSTRACT

This research, titled “From CEI UFGD to CEI Maria Alice Silvestre (2008–2018): Interweaving Movements, Histories, and Memories,” is linked to the “History of Education, Memory, and Society” research line of the Graduate Program in Education at the Federal University of Grande Dourados (PPGEDu/UFGD) and was conducted at the Faculty of Education (FAED) within the Education and Civilizing Process Research Group (GPEPC). Connected to the supervisor’s broader research project—entitled “Life and Professional Development: Narratives of Early Childhood Education Teachers in Mato Grosso do Sul”—this study’s general objective was to narrate the history of the founding and implementation of the CEI UFGD (Early Childhood Education Center) and its subsequent transition into the CEI Maria Alice Silvestre between 2008 and 2018. Its specific objectives were defined as follows: to analyze the “movements” that led to the founding/creation of the CEI within the UFGD campus, identifying the initiators, motivations, and relevant university and municipal policies; to understand the “histories” surrounding the choice of site for the CEI UFGD’s construction, the paths taken, and the complex circumstances involved in its implementation; and to interweave the “memories” of those involved—accessed through the collection of narratives—grounded in the theoretical-methodological framework of narrative and (auto)biographical approaches. Methodologically, the study was structured as a “research-as-formation” project utilizing narrative and (auto)biographical methods, theoretically informed by Norbert Elias’s (1897–1990) concepts of figuration, interdependence, and power. The sources analyzed were compiled from documents accessed at the CEI UFGD (CEI Maria Alice Silvestre), the Dourados Municipal Department of Education, and the Pro-Rectorate for Community and Student Affairs, as well as from oral sources—specifically interviews gathering narratives and memories—provided by Professor Magda Sarat, Professor Célia Maria Foster Silvestre, and Professor Claudemir Dantes da Silva. The results demonstrated that movements led by the academic community—particularly by female students—were essential to the conception of the daycare center within the UFGD grounds during a period of university expansion and growing recognition. It also became evident that ensuring university retention posed challenges in various respects for both staff and students, including the difficulty of balancing motherhood with academic demands. By interweaving movements, histories, and memories throughout this text, it became possible to understand the importance of establishing and consolidating this early childhood education institution within the university campus, thereby contributing a significant chapter to the history of education at UFGD, the area surrounding the university’s Unit II, the Greater Dourados region, and the state of Mato Grosso do Sul.

Keywords: History of Education. Early Childhood Education. Research and Training. (Auto)biographical Narratives. University Daycare Centers.

NASCIMENTO, Antonieta Aliendre Moraes. **Del CEI UFGD al CEI María Alice Silvestre (2008-2018):** entrelazando movimientos, historias y memorias. 119p. – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2026.

RESUMEN

Esta investigación, titulada “Del CEI UFGD al CEI Maria Alice Silvestre (2008-2018): entrelazando movimientos, historias y recuerdos”, está vinculada a la Línea de Investigación “Historia de la Educación, Memoria y Sociedad” del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Grande Dourados (PPGEdu/UFGD) y fue desarrollada en la Facultad de Educación (FAED), en el marco del Grupo de Investigación Educación y Proceso Civilizador (GPEPC). Enlazado con el proyecto de investigación más amplio del supervisor titulado “VIDA Y FORMACIÓN: narrativas de docentes de Educación Infantil en Mato Grosso do Sul”, el objetivo general fue narrar la historia de la fundación e implementación del Centro de Educación Infantil (CEI) de la UFGD hasta que se convirtió en el CEI Maria Alice Silvestre, entre 2008 y 2018. Los objetivos específicos fueron definidos como: 1. Analizar los “movimientos” que llevaron a la fundación/creación del CEI dentro del campus de la UFGD, distinguiendo a sus idealizadores, motivaciones y políticas de la universidad y el municipio; 2. Comprender las “historias” involucradas en la elección de la ubicación para la construcción del CEI de la UFGD, los caminos tomados y las complejidades involucradas en su implementación; 3. Entrelazar las “memorias” de los involucrados, obtenidas de la colección de narrativas, que tenían como presupuesto teórico y metodológico los enfoques narrativos y (auto)biográficos. Metodológicamente, esta investigación se estructuró como un estudio narrativo y (auto)biográfico, fundamentado teóricamente en los conceptos de Norbert Elias (1897-1990): figuración, interdependencia y poder. Las fuentes analizadas se construyeron a partir de documentos consultados en el CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, la Secretaría Municipal de Educación de Dourados y el Pro-Rectorado de Asuntos Comunitarios y Estudiantiles, así como fuentes orales de entrevistas para recopilar narrativas y recuerdos de la profesora Magda Sarat, la profesora Célia Maria Foster Silvestre y el profesor Claudemir Dantes da Silva. Los resultados mostraron que los movimientos liderados por la comunidad académica, especialmente el alumnado, fueron esenciales para la idealización de la guardería dentro del campus de la UFGD, durante un período de expansión y reconocimiento de la universidad. También se evidenció que garantizar la continuidad de la matrícula universitaria suponía un reto de diversas maneras tanto para el personal como para el alumnado, incluyendo la conciliación de la maternidad con las exigencias académicas de las estudiantes. Al entrelazar movimientos, historias y recuerdos a lo largo de este proceso de escritura, fue posible comprender la importancia de la creación y consolidación de esta institución de Educación Infantil dentro del campus universitario, lo que contribuyó significativamente a la Historia de la Educación en la UFGD, el área circundante a la Unidad II de la universidad, la región de Dourados y Mato Grosso do Sul.

Palabras clave: Historia de la Educación. Educación Infantil. Investigación-formación. Narrativas (auto)biográficas. Guarderías universitarias.

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRASIL 1988 – Constituição da República Federativa do Brasil
BRASIL 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente
BRASIL 1996 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
BRASIL 2009 – Proposta Pedagógica na Educação Infantil
CAPES – Coordenação de Pessoal de Nível Superior
CEAs – Centro Acadêmicos
CEI – Centro de Educação Infantil
CEI UFGD – Centro de Educação Infantil da Universidade Federal da Grande Dourados
CEIMAS – Centro de Educação Infantil Maria Alice Silvestre
CEUD – Centro Universitário de Dourados
CNE/CBE1 – Conselho Nacional de Educação
COAE – Coordenadoria de Assuntos Comunitários e Estudantis
COC – Coordenadoria de Cultura
COEX – Coordenadoria de Extensão
COFIC – Coordenadoria de Formação e Integração Comunitária
CPD – Centro Pedagógico de Dourados
CPNV - Campus de Naviraí
DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EPE – Escola Paulistinha de Enfermagem
FAED – Faculdade de Educação
FAIND – Faculdade Intercultural Indígena de Dourados
GCUB – Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras
GPEIND - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Infantil de Dourados
GPEPC - Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador
GT07 – Grupo de Trabalho
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LADHEME - Laboratório de Documentação História da Educação e Memória
LAPEDI – Laboratório de Práticas Pedagógicas na Educação Infantil
LDB 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LHEMS – Linha de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade

PEC-G – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PCI – Plano de Desenvolvimento da Universidade
PIBIC – Programa Institucional de Iniciação Científica
PP – Projeto Pedagógico
PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados
PROAE – Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis
PROEC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PROPG – Pró-Reitoria de Pós-Graduação
REUNI – Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RU – Restaurante Universitário
SEI – Serviço de Educação Integral
SEMED – Secretaria Municipal de Educação de Dourados
UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFG – Universidade de Goiás
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNESP – Universidade Estadual Paulista
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP – Universidade Paulista Federal de São Paulo
UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados
UUFEI'S – Unidade Universitárias Federais de Educação Infantil

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Acordo de Cooperação Técnica.....	14
Imagem 2: O Progresso.....	41
Imagem 3: Ata nº 01/2011 Criação do CEI.....	56
Imagem 4: Diário Oficial da União.....	59
Imagem 5: Ata da APM.....	61
Imagem 6: Armário com arquivos.....	65
Imagem 7: Livro Ata de abertura.....	67
Imagem 8: Registros às primeiras reuniões pedagógicas com as famílias.....	70
Imagem 9: Pesquisa em arquivos da instituição CEI MAS.....	79
Imagem 10: CI'S Recebidas e Enviadas.....	79-80
Imagem 11: Biografia Maria Alice Silvestre.....	85
Imagem 12: Resolução 232.....	87
Imagem 13: Mapa da Unidade II da UFGD – parte 1.....	88
Imagem 14: Mapa da Unidade II da UFGD – parte 2.....	89

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PRODUÇÕES ACADÊMICAS SELECIONADAS.....	25
QUADRO 2 – NARRATIVAS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS.....	30
QUADRO 3 - LOCALIZAÇÃO E SELEÇÃO DAS FONTES DOCUMENTAIS: COAE/PROE, CEI MARIA ALICE SILVESTRE E SEMED.....	31
QUADRO 4 – INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM DOURADOS-MS ENTRE A DÉCADA DE 2008 A 2018.....	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: <i>pesquisaformação</i>, narrativa e (auto)biográfica.....	12
SEÇÃO 2 – MOVIMENTOS CONSTITUTIVOS DO CEI.	35
2.1 Movimentos institucionais que antecederam a criação do CEI UFGD.	35
2.2 Movimento estudantil e luta das mulheres: tramas e ações no interior da UFGD.	42
SEÇÃO 3 – HISTÓRIAS PARA LEMBRAR E MARCAR.....	55
3.1 História da fundação e implementação do CEI UFGD (2008-2012).	55
3.2 De CEI UFGD a CEI Maria Alice Silvestre: institucionalização, identidade e significados	78
4 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS: entrelaçando movimentos, histórias e memórias	94
5 REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	105

1 INTRODUÇÃO: *pesquisa* *formação*¹, narrativa e (auto)biográfica

*Era o menino e os bichinhos
Era o menino e o Sol
O menino e o rio
Era o menino e as árvores*

*Cresci brincando no chão
Entre formigas
Meu quintal é maior
Do que o mundo*

*Por dentro de nossa casa
Passava um rio inventado
Tudo o que não invento
É falso*

Márcio de Camillo e Manoel de Barros²
O Menino e o Rio (2012).

Em diálogo com essa perspectiva, a canção *O Menino e o Rio*, de Márcio de Camillo, aproximo-me³ sensivelmente do percurso desta pesquisa ao rememorar a infância como território de pertencimento e o rio como metáfora das experiências que atravessam e constituem o sujeito. A partir da terceira estrofe, a narrativa musical sugere que aquilo que é vivido na infância permanece, acompanhando-nos ao longo da vida, mesmo quando seguimos outros caminhos.

Essa mensagem dialoga com a compreensão de memória assumida neste trabalho, entendida não apenas como recordação do passado, mas como dimensão constitutiva da identidade e da trajetória profissional. Assim como o menino da canção carrega o rio em si, reconheço que minha história com a Educação Infantil e com o CEI também me atravessa e me constitui, orientando meu olhar, minhas escolhas e meu modo de narrar esta experiência institucional. Nesse sentido, a música torna-se um recurso poético que amplia a compreensão

¹ Ao longo do texto, como aprendemos com Bragança (2018, p. 65), “[...] usamos o dispositivo de unir as palavras, ressaltando-as em itálico, na busca de apontar a indissociabilidade de conceitos, bem como visando favorecer o excesso de sentido”.

² “O menino e o Rio” é uma canção e vídeo poema lançado em 2012 pelo músico Márcio de Camillo, que musicou versos do poeta mato-grossense Manoel de Barros. A obra integra o projeto *Criancieras*, uma iniciativa que transforma a poesias em espetáculos, animação e aplicativos educativos.

³ Usaremos a primeira pessoa do singular, neste momento de apresentação de memórias e histórias da pesquisadora Antonieta e, sempre que necessário, em outras construções posteriores ao longo do texto, por se tratar de escrita (auto)biográfica.

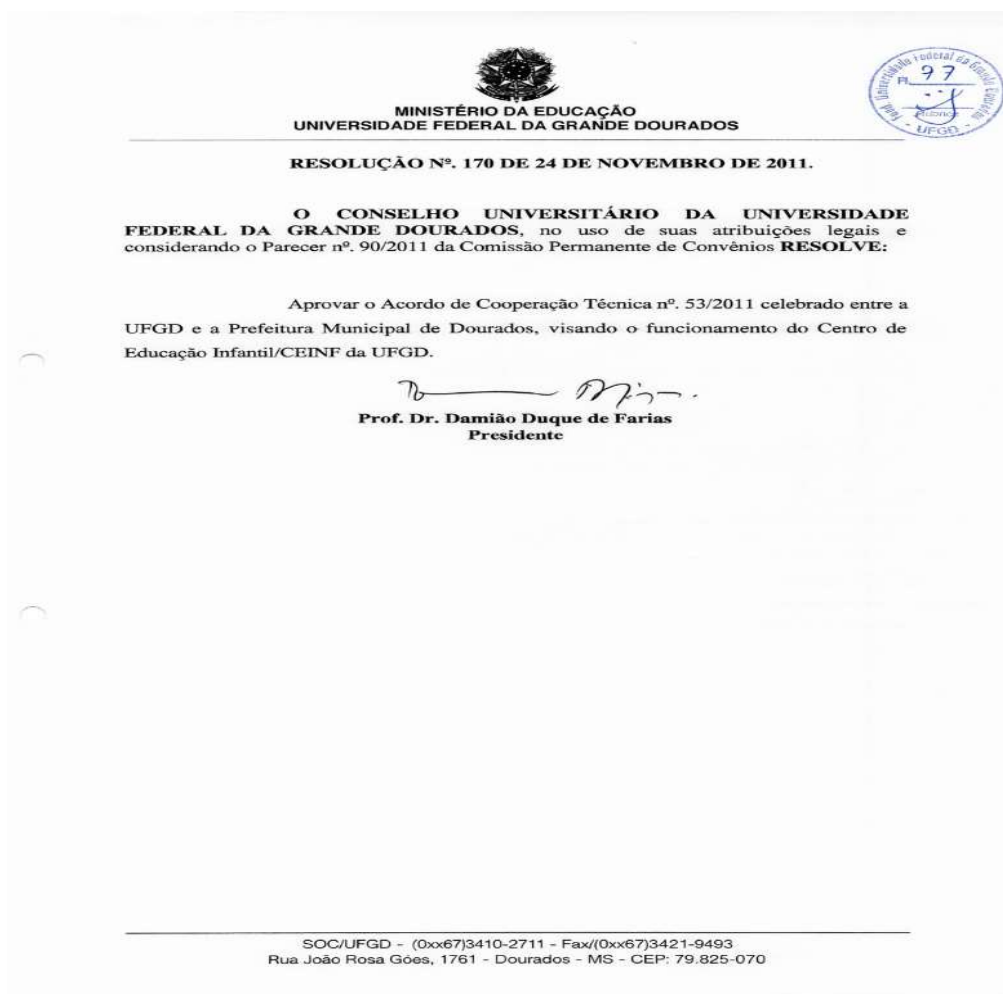
da infância como experiência fundadora e reforça o caráter (auto)biográfico desta investigação, na qual movimento, história e memória se entrelaçam na produção de sentidos sobre o vivido.

Isto posto, registramos que esta Dissertação é resultado de *pesquisaformação*, narrativa e (auto)biográfica desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC), da Linha de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade, cuja proposta foi narrar a história da fundação e implementação do Centro de Educação Infantil - CEI UFGD, posteriormente nomeado como Centro de Educação Infantil Maria Alice Silvestre (CEIMAS), situado na Unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul (MS), enquanto um espaço que contribui como lugar propulsor de práticas pedagógicas.

Inicialmente reconhecido como CEI UFGD, foi inaugurado em março de 2012, em resposta à reivindicação da comunidade acadêmica. O início do seu funcionamento se deu a partir de um Acordo de Cooperação Técnica entre a UFGD e a Prefeitura Municipal de Dourados, conforme Imagem 1 da 1ª página do documento⁴:

⁴ O documento completo tem 19 páginas, pois consta do acordo e de um plano de trabalho. E também, nas nossas buscas, localizamos o Diário Oficial da União onde está publicado o Acordo de Cooperação Técnica. Voltaremos às análises desses dois documentos na Seção 2 deste trabalho.

Imagem 1: Acordo de Cooperação Técnica



Fonte: COAE/PROAE (2024).

Transcrição do documento – Imagem 1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
RESOLUÇÃO Nº. 170 DE 24 DE NOVEMBRO DE 2011.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, no uso de suas atribuições legais e considerando o Parecer nº. 90/2011 da Comissão Permanente de Convênios **RESOLVE**:

Aprovar o Acordo de Cooperação Técnica nº. 53/2011 celebrado entre a UFGD e a Prefeitura Municipal de Dourados, visando o funcionamento do Centro de Educação Infantil/CEINF da UFGD.

Prof. Dr. Damião Duque de Farias
Presidente

Este acordo deu legalidade ao funcionamento do CEI UFGD como instituição conveniada, sendo que a Prefeitura Municipal de Dourados passou a exercer a função de

colaborar com a contratação da equipe profissional, bem como o fornecimento de todo o material de consumo, alimentos para as refeições das crianças, materiais de limpeza, material pedagógico e material de secretaria.

A referida instituição se comprometeu com o atendimento de crianças de 4 meses a 5 anos de idade, apresentando uma organização por turmas desde o berçário à pré-escola, sendo as vagas distribuídas entre a UFGD e a prefeitura, conforme aponta Moraes (2022, p. 299)⁵:

As vagas da universidade foram destinadas para atender, por ordem de prioridade, filhas e filhos das/os estudantes de graduação e de pós-graduação, em situação de vulnerabilidade socioeconômica; de funcionárias e funcionários terceirizadas/os; servidoras e servidores administrativas/os e docentes. E as vagas que couberam à Prefeitura Municipal também foram ocupadas, por ordem de prioridade, por filhas e filhos de moradores e moradoras da região e de acadêmicas/os da UEMS.

A partir deste documento de Acordo de Cooperação Técnica, podemos compreender que este não apenas deu legalidade ao funcionamento do CEI UFGD, mas estruturou as condições concretas para o seu funcionamento. Ao atribuir à Prefeitura Municipal de Dourados a responsabilidade pela contratação da equipe e pelo fornecimento de alimentação e materiais, o documento evidencia que a permanência estudantil demandou investimento público e articulação interinstitucional.

O atendimento de crianças de 4 meses a 5 anos, organizadas do berçário à pré-escola, demonstra que o CEI foi concebido como espaço educativo estruturado, e não apenas assistencial, pois foi ao encontro do que está previsto pela legislação, ou seja, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1996). Já os critérios de distribuição das vagas, priorizando estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, indicam que a política se orientou por princípios de equidade, articulando permanência universitária e garantia do direito à educação infantil.

Assim, entendemos, o documento revela a consolidação institucional de uma demanda social, transformando reivindicação em política pública concreta.

O interesse por esta temática se deu por minha trajetória como professora na Educação Infantil e, especialmente, por atuar como professora regente na referida instituição no período de 2018 a 2021. E, como professora da educação infantil, trago em primeiro momento as minhas histórias e vivências da infância, como se eu estivesse carregando em

⁵ Escolhemos explicitar aqui sobre a referência Moraes (2022). Trata-se do 10º capítulo que integra a obra organizada por Damião Duque de Farias, denominada “**UFGD em memórias**: gestão democrática e excelência acadêmica (2005-2015)” - Curitiba: CRV, 2022. p. 287-319. O referido capítulo trata da “Assistência estudantil como política de inclusão na UFGD”. Por esse enquadramento, a criação e implementação do CEI UFGD constitui as discussões, obviamente, por ser parte significativa da política de assistência adotada pela UFGD.

minhas mãos um “retrovisor da alma”, pois olhar para este passado, emana sentimentos e lembranças que marcaram a criança que fui.

Sendo assim, neste tempo da escrita eu compartilho narrativas que dizem respeito a períodos cruciais por mim percorridos e, para isso, foi necessário fazer caminhos de volta, “retornar ao labirinto das minhas memórias” (Bragança, 2023, p. 6). Para esta pesquisa, escolho lembranças dos tempos da infância, tempos de formação e tempos de experiências como profissional da educação, em especial da educação infantil, que de certa forma me levaram a almejar o Mestrado.

Sou a primogênita de dois irmãos, filha única por sete anos, e me recordo muito bem dos esforços de meus pais para nos proporcionar uma vida digna. Minha mãe, uma costureira de excelência, meu pai um boiadeiro viajante, ambos, com muitas dificuldades procuraram nos dar uma educação que consideravam de qualidade. Passei minha primeira infância entre o município de Bela Vista, de onde são minhas raízes paternas e maternas, e o município de Dourados, cidade em que meus avós paternos, escolheram para que seus filhos seguissem seus estudos.

Em Bela Vista, recordo de minha “casinha azul” de madeira e o “meu quintal maior que o mundo” (Barros, 2015). Lembro-me de subir nos pés de caju e de goiaba, das brincadeiras de faz de conta, em que o chão era como uma folha de papel em branco, os rabiscos e riscos eram os meus primeiros registros e, este chão arenoso, era o cenário da “escolinha”. Como escreveu o poeta Manoel de Barros (2000, p. 15), “o chão é o livro das origens”, e essa frase expressa a ideia de que o chão é o primeiro lugar de nossas histórias, onde escrevemos nossos “rabiscos e riscos”, o chão se transformava em um cenário de imaginação, era mais que um espaço físico, era um lugar de mundo, linguagens e infância.

No município de Dourados, morei na fazenda Vale da Esperança, o campo, os rios, os animais e as árvores eram minhas companhias. Vejo-me olhando para a estrada na ânsia de chegar os primos e juntos, “catar” os coquinhos de macaúbas, bater no pilão, para no final da tarde, tomar o delicioso mata-doce, que minha mãe fazia com tanto carinho. Retomando Manoel de Barros (2003, p. 27), “a infância é um território onde as coisas pequenas são maiores que o mundo”. E assim eram esses momentos singelos, que se tornaram imensos na minha memória, as macaúbas, o pilão, o mata-doce, são coisas pequenas e simples, mas que na infância ganham grandeza.

Chegou à idade de frequentar a escola, então, meus pais decidiram matricular-me na escola Imaculada Conceição, conhecida como a escola das irmãs e muito bem-conceituada no município de Dourados. Recordo-me o dia em que fomos conhecer a escola para

realizarmos a matrícula. Que deslumbramento, que escola linda, enorme, cheia de gente bonita, e o sentimento era uma mistura de alegria e medo. Neste dia fomos recepcionados por uma das irmãs que, com suas doces palavras, dirigiu-se a mim, abaixou-se, olhou em meus olhos e disse: “Seu nome Antonieta, é muito lindo, é nome de rainha e também se parece com o meu, Imã Antonina!”. Que recepção, que acolhimento, para uma criança que estava com receio, afinal estaria sem a presença dos pais pela primeira vez.

Muitas lembranças boas eu tenho desta escola, a minha primeira professora, a querida professora Almerinda, hoje aposentada pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em Dourados. Lembro-me, também, da sala do pré-escolar que trazia no chão o desenho de um círculo e, ao chegarmos, escolhíamos um lugarzinho para sentar, lembro do alfabeto de madeira que manuseávamos para construção das palavras, as festas juninas, que até hoje são realizadas na escola, as cantatas de finais de ano, onde os ensaios eram feitos com muita antecedência para que no dia tudo saísse perfeito, os jogos interclasses e tantos momentos de peraltice que marcaram minha trajetória ali, pois permaneci da educação infantil até o sétimo ano.

Ao ingressar no ensino médio meus pais, por motivo de trabalho, retornaram para o município de Bela Vista e eu permaneci em Dourados para dar continuidade aos estudos. Meu pai carregava a cultura familiar de que os tios com melhores condições financeiras acolhiam os sobrinhos para morar e cuidar. Foi assim com ele e ele repetiu comigo. Fui acolhida pelas minhas tias, com quem morei, até ingressar à faculdade e me casar.

Em se tratando do contexto universitário, a minha caminhada para chegar à graduação, exigiu-me esforço e maturidade. Sou da última turma de três anos do curso de Pedagogia do Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), concluído em 2002. Durante toda esta trajetória acadêmica, sempre participei das semanas pedagógicas oferecidas pela instituição, bem como a realização dos estágios supervisionados nas creches e escolas, cumprindo com todos os requisitos que o curso exigia. Estes estágios foram cruciais na definição da minha carreira como profissional, pois através deles, tive a convicção que atuaria como professora na educação infantil.

Dessa forma, as experiências formativas vivenciadas durante a graduação não apenas consolidaram minha escolha pela educação infantil, mas também ampliaram meu olhar para os espaços institucionais destinados às crianças pequenas. Foi a partir desse percurso, e da vivência acumulada ao longo dos anos, que reconheci a importância de conhecer, compreender e narrar a história da instituição que marcou profundamente meu fazer profissional e minha trajetória investigativa.

Referindo-me ainda sobre meu interesse em narrar esta história, soma-se o meu entendimento de que o hoje, CEI Maria Alice Silvestre, é uma instituição que desempenha um papel significativo, pois vem ao encontro do anseio das famílias que exercem seus ofícios, na UFGD e na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), discentes que desenvolvem cotidianamente seus estudos na Cidade Universitária, bem como toda a comunidade em seu entorno, que esperam contar com uma instituição de Educação Infantil de qualidade educacional, que respeita o direito das crianças de 0 a 5 anos de idade de serem cuidadas e educadas em período integral (Brasil, 1988; 1990; 1996; 2009). Para além disso, percebemos (eu e a minha orientadora, professora Míria) a importância de a instituição estar situada dentro do campus da universidade e ser um espaço para desenvolvimento de projetos de pesquisa, projetos de extensão e projetos de ensino, sendo geradora de oportunidades de estágios para acadêmicas/os dos cursos da UFGD e da UEMS.

Assim, ao reconhecer o papel social, educativo e formativo desempenhado pelo CEI Maria Alice Silvestre no contexto universitário e em seu entorno, torna-se crucial compreender que a relevância desta instituição não se constitui de forma isolada. Pelo contrário, ela se insere em um cenário mais amplo de conquistas e garantias legais voltadas para a infância no Brasil, que sustentam e legitimam sua atuação. É nesse horizonte que se torna importante pontuarmos alguns artefatos legais sobre a efetivação da educação infantil no Brasil.

A partir da Constituição Federal de 1988, promulgada em 20 de outubro, ficou determinado como dever do Estado a garantia da oferta de Creches e Pré-escolas para as crianças de 0 a 6 anos de idade (Brasil, 1988)⁶. Em 13 julho de 1990 foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 1990, que assegurou à criança todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, dentre eles, o direito a frequentar as creches e pré-escolas (Brasil, 1990). Além dessas duas conquistas, destaca-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/96, decretada em 20 de dezembro, pela qual a Educação Infantil foi incorporada como primeira etapa da Educação Básica. Esta Lei define que a finalidade da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até 5 anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996). Posteriormente, no ano de 2009, a Resolução nº 5, de 17 de dezembro, fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

⁶ Em 6 de fevereiro de 2006, a Lei nº 11.274, institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade. Assim, a Educação Infantil passou a atender as crianças de 0 a 5 anos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm Acesso em: 06 set. 2024.

Educação Infantil (DCNEI), diretrizes “[...] a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil” (Brasil, 2009, p. 1).

Nesse contexto de lutas para garantir o atendimento à primeira infância, entendemos que lançar luz à história da fundação do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre apresenta relevância social incontestável especialmente quando situada no cenário mais amplo de constituição e fortalecimento do município de Dourados. Visto Dourados ser considerado um importante centro agropecuário, comercial, industrial e de serviços da região, possuindo a segunda maior arrecadação do ICMS do Estado (Dourados, 2019), evidencia-se sua posição estratégica no interior de Mato Grosso do Sul. Tal configuração econômica, marcada pelo crescimento e pela diversificação produtiva, também impulsionou a expansão do ensino superior, especialmente com a criação da Universidade Federal da Grande Dourados, concebida, conforme analisa Marcelo Matias de Almeida (2020), como instrumento de desenvolvimento regional e de resposta às demandas sociais emergentes. É nesse entrelaçamento entre desenvolvimento econômico, expansão universitária e demandas sociais, que se inscreve a criação do CEI.

Antes de prosseguir, faz-se necessário realçar acerca da importância incontestável da relevância pessoal deste estudo, já narrada anteriormente. Dito isso, registramos que a nossa pesquisa visa analisar, conhecer e narrar a história desta instituição, que no ano de sua fundação em 2012, foi denominada CEI UFGD e, posteriormente, no ano de 2018, recebeu o nome de CEI Maria Alice Silvestre, após aprovação do Conselho Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados, através da Resolução nº 232, de 25 de outubro de 2018, que assim determinou:

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE: Aprovar a indicação do nome da ex-aluna do curso de Ciências Biológicas da UFGD, MARIA ALICE SILVESTRE (in memoriam), como nome a ser proposto para o Centro de Educação Infantil da UFGD (UFGD, 2018, n.p.).

Nessa perspectiva, intencionamos responder as seguintes problemáticas: Quais motivos levaram a criação/fundação da instituição? Quem foram suas/seus idealizadoras/es? Por que a instituição foi criada dentro de um espaço universitário? A partir destes questionamentos, o estudo da temática ganhou sentidos outros, por considerar a importância da Educação Infantil, entendendo que o CEI UFGD, hoje CEI Maria Alice Silvestre, contribui de maneira significativa para o desenvolvimento integral das crianças que ali frequentam e das/os professoras/es e demais educadoras/es que ali trabalham.

Consideramos, e por isso destacamos aqui, como característica marcante o fato de a instituição funcionar no interior do campus universitário. Ao refletirmos sobre o local, compreendemos que não se trata apenas de um espaço físico delimitado, mas de um lugar historicamente produzido, atravessado por relações institucionais, simbólicas e sociais. Ao dialogarmos com Magalhães (1998), o autor, elenca as categorias de análise nas pesquisas sobre “instituições escolares”, dentre elas, inclui a de: espaço (local/lugar, edifício, topografia). Para ele, a instituição educativa deve ser analisada como uma construção histórica que articula espaço, tempo, sujeitos e cultura escolar. O espaço, nessa perspectiva, integra a materialidade da instituição e participa da produção de sua memória e de sua identidade. Por conseguinte, o lugar onde a escola se inscreve não é neutro, ele expressa relações de poder, projetos de sociedade e concepções de formação.

A UFGD, atualmente, é composta por diversos cursos de Graduação e Pós-Graduação, distribuídos por áreas assim denominadas: Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar; Colégio de Humanidades; e Colégio de Ciências da Vida. Devemos realçar, ainda, a presença da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), que congrega os cursos de Licenciatura em Educação do Campo com duas habilitações: Ciências da Natureza e Ciências Humanas⁷; e a Licenciatura Intercultural Indígena "Teko Arandu" cujo objetivo é a formação de professores indígenas das etnias Guarani e Kaiowá.

Por esse ângulo, importante assinalar, também, que a UFGD recebe estudantes estrangeiros e conta com os Programas de Mobilidades como PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação), Programa de Apadrinhamento Voluntário de Alunos Estrangeiros (Pós-Graduação), dentre outros, como o Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB)⁸, que tem como objetivo fomentar o intercâmbio científico. Em consequência de todas estas características inerentes à UFGD, observamos que o CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre atende a um público de crianças de uma vasta diversidade cultural, econômica e social. Dentre essas podemos citar: indígenas, estrangeiras, crianças do campo e moradoras do entorno da Unidade II da UFGD. Diante deste contexto, compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, conforme Magalhães (1998, p.133-134):

⁷ Neste presente tempo, o curso funciona em sete polos de atendimento que são realizados nos assentamentos dos municípios de Itaquiraí, Ponta Porã, Nioaque, Sidrolândia, Corumbá, Itaporã e Nova Alvorada do Sul. Disponível em: https://portal.ufgd.edu.br/cursos/licenciatura_ciencias_natureza/index Acesso em: 21 out. 2024.

⁸ Para o GCUB, a internacionalização universitária tem papel precípua na promoção do desenvolvimento humano, na difusão do conhecimento e na disseminação de valores universais, tais como o respeito às diferenças culturais. Disponível em: <https://www.gcub.org.br/sobre-o-grupo-coimbra-de-universidades-brasileiras/> Acesso em: 24 set. 2024.

É integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo, implicando-se na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. A sistematização e a (re)escrita do itinerário histórico de uma instituição educativa na multidimensionalidade e na construção de um sentido encontram nessa relação a sua principal base de informação e de orientação.

Retorno às minhas memórias, apontando que atuei como professora nesta instituição, e as experiências com toda esta diversidade, corroborou para dar início a essa trajetória no Mestrado. Então, o ponto pé inicial foi cursar, como aluna especial no primeiro semestre de 2023, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), na linha de pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade, a disciplina “História da Educação, Memória e Sociedade”, ministrada pela professora Dra. Alessandra Cristina Furtado. Seguindo a estrada com o deslocamento de 200km por semana, entre a cidade de Guia Lopes da Laguna e o município de Dourados, a jornada começou. As viagens eram uma vez por semana entre vales, montanhas e animais na pista, para chegar à universidade.

Professora Alessandra, por quem tenho muita estima, foi a ministrante da referida disciplina e em seu primeiro dia de aula, indagou-me com a seguinte questão: Qual é o seu objeto de pesquisa? Pergunta esta que com as orientações, os diálogos e reflexões estabelecidas durante as aulas, contribuíram de forma significativa para que então eu buscasse a orientadora que estaria junto comigo nesta caminhada. Foi então que, sem hesitar, procurei pela professora Dra. Míria Izabel Campos, com quem já havia estabelecido um diálogo em outros tempos, constituídos por momentos de formação continuada no projeto de extensão PROEC/UFGD denominado “Formação docente em educação infantil - (ODS4)”, parceria entre Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Infantil de Dourados (GEPEIND) e Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC). A professora Míria Izabel, prontamente aceitou me acompanhar e me incentivou a debuchar nas leituras propostas pela linha de pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade e me preparar para a aprovação no processo seletivo. Assim o fiz, e fui aprovada. Nesse sentido, de aluna especial para aluna regular, a carga horária semanal ficou mais intensa e foi necessário muita dedicação, empenho e compromisso, conciliando o trabalho como coordenadora pedagógica de uma creche, as viagens e leituras, para dar conta da escolha acadêmica que eu fizera.

As disciplinas no primeiro ano do Mestrado no PPGEdu foram caminhos abertos para compreender a profundidade de uma pesquisa séria e com rigores acadêmicos. As experiências com muitos outros foram importantes, principalmente, quando chegamos ao final do primeiro ano (2024) e tivemos a oportunidade de apresentar o Projeto de Pesquisa

na disciplina de Seminário de Pesquisa, ministrada pela professora Dra. Kênia Hilda Moreira, com quem também tive o privilégio de aprender, refletir, quando ela questionava se realmente esta pesquisa fazia sentido na linha da História da Educação, Memória e Sociedade. Na ocasião do Seminário de Pesquisa, ouvir contribuições, em especial na pessoa da professora Dra. Larissa Wayhs Trein Montiel, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí (CPNV), muito nos ajudou em nossa pesquisa.

Levando em consideração a abordagem metodológica escolhida para este trabalho, como sendo uma *pesquisaformação*, narrativa e (auto)biográfica, é importante relatar que por vezes nos fora questionado se este era o caminho. Portanto, imprescindível explicitar, que nos apropriamos cada vez mais da abordagem na qual a *pesquisaformação* é tecida a partir do diálogo “na indissociável relação com muitos outros” (Bragança, 2018, p. 68). “Uma *pesquisaformação*, em que a formação se produz em partilha, em movimento ‘auto’, ‘heter’ e ‘ecoformativo’” (Pineau, 2010). Sendo assim, vivenciar a pesquisa em educação como experiência com muitos outros, implica encontros, diálogos, palavras e escuta.

Por este motivo, compreendemos como substancial que a história desta instituição seja investigada, escrita e documentada, enquanto Instituição Educativa e de Educação Infantil no município de Dourados, MS. Ressaltamos o fato de o CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre se configurar como a única instituição de Educação Infantil dentro de uma cidade universitária no estado de Mato Grosso do Sul, o que nos instiga a pensar se universidades que mantêm esse atendimento em suas estruturas, de alguma forma influenciam com práticas pedagógicas de qualidade, já que as mesmas podem compartilhar e dialogar acerca dos diferentes cursos que são ofertados na universidade.

Sobre o recorte temporal estabelecido de 2008 a 2018, destacamos que este foi definido com a intencionalidade de analisar o processo anterior à fundação e início da implementação do então CEI UFGD. Sendo inicial o ano de 2008, por ser “[...] ainda em 2008, quando a proposta foi apresentada pela professora Magda Sarat [...]” (Moraes, 2022, p. 298), ano que a professora exercia o cargo de primeira Coordenadora da Coordenadoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da Universidade Federal da Grande Dourados (COAE/UFGD). Como recorte final ficou o ano de 2018, por ser o ano em que se deu a mudança do nome de CEI UFGD para CEI Maria Alice Silvestre, fato bastante significativo, haja vista que o CEI UFGD figura como Programa de Assistência Estudantil da UFGD, fazendo parte da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE)⁹.

⁹ A Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis - PROAE/UFGD tem como principais atribuições a elaboração e administração de ações, projetos e programas voltados à assistência estudantil e a integração

Entendemos e ressaltamos que se trata de uma pesquisa de história da educação do tempo presente, que nos permite pesquisar o passado, levando em consideração a história e os sujeitos que dela fizeram/fazem parte, como aponta Scocuglia (2011, p. 296-297):

As histórias da educação do tempo presente reconstroem as histórias da educação do passado sendo, portanto, fundamentais para a história e a historiografia da educação – do passado, do presente e da projeção do futuro. Por isso, o aprofundamento da pesquisa da história da educação do tempo presente é de suma importância.

Compreender de que lugar estamos falando se faz pertinente para a historicização, por isso sinalizamos que a pesquisa terá como recorte espacial o município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, região Centro Oeste do Brasil. O município foi fundado em 20 de dezembro de 1935 (ainda estado de Mato Grosso) e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), tem 243,367 habitantes, uma área territorial de 4.062.889 km², cuja localização é aproximadamente a 220 km de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, e 120 km da fronteira com o Paraguai¹⁰.

Em se tratando de uma pesquisa sobre história de uma instituição educativa, recorremos ao autor Justino Magalhães (2004), pois conforme ele escreve:

[...] meticulosa tessitura é esta, a de historiar uma instituição educativa na sua complexidade, definindo-lhe um quadro espacial temporal, reconhecendo-lhe uma ação sociocultural, material, simbólica, organizacional, antropológica, descobrindo-lhe, pois, um sentido (Magalhães, 2004, p. 169).

Destacamos ao pesquisar sobre a história do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre estamos contribuindo para a escrita da História da Educação do município de Dourados, sendo que a mesma vem se efetivando e consolidando a partir do desenvolvimento de inúmeros estudos de grande significância para a área. Sob este prisma, investigar a criação e os motivos que despertaram a comunidade a lutar por este espaço de Educação Infantil dentro do campus universitário, se apresenta como relevante e indispensável para se somar aos demais trabalhos já produzidos na Linha de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (LHEMS), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGEdu/UFGD).

Por esse viés, para conhecermos sobre as produções que vêm sendo elaboradas na temática desta Dissertação, realizamos mapeamento para a localização de teses, artigos e

comunitária. Através de seus Programas de Assistência Estudantil, a PROAE promove ações que visam garantir o acesso, a permanência e a diplomação dos/as estudantes na UFGD, tendo como diretrizes os princípios do Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES do Ministério da Educação - Decreto n. 7234, de 19 de julho de 2010 (Decreto nos Anexos). Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/pro-reitoria/proae/index> Acesso em: 06 set. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://portal.dourados.ms.gov.br/index.php/cidade-de-dourados/> Acesso em: 22 out. 2024.

dissertações, utilizando como fonte de consulta as plataformas, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), bem como no portal da UFGD, Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, no Laboratório de Práticas Pedagógicas na Educação da Infância (LAPEDI) e o Laboratório de Documentação História da Educação e Memória (LADHEME), ambos localizados na Faculdade de Educação (FAED).

Como procedimento inicial, na plataforma CAPES, utilizamos o descritor “EDUCAÇÃO INFANTIL” AND “CRECHE UNIVERSITÁRIA”, sendo encontrados 23 trabalhos, sem a necessidade de filtro, aplicamos os metadados títulos e resumos, dos quais selecionamos 7 trabalhos para compor esta revisão, sendo 5 dissertações, 1 tese e 1 artigo (GT 07 – ANPEd – Grupo de Trabalho “Educação de crianças de 0 a 6 anos”).

Na plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizamos o descritor “ESTUDANTES” AND “DIREITO” AND “CRECHE”, encontramos 6 trabalhos. Não utilizamos filtro por entender que pelo número de trabalhos, não havia necessidade e para a revisão, selecionamos 2 trabalhos, porque estes se aproximavam da nossa pesquisa, por estarem diretamente ligados a investigação em creches universitárias. É importante esclarecer, que a mudança dos descritores entre uma plataforma e a outra, se deu devido a um número muito grande de trabalhos encontrados e a avaliação que tivemos era fazer esta escolha para contemplar as pesquisas referentes ao nosso tema.

No portal da UFGD, buscamos diretamente pela página do LAPEDI e foi possível encontrar 24 teses e 8 dissertações, no total. Com o metadados títulos e resumos, separamos para análise 1 tese e 2 dissertações. Já nas buscas das pesquisas do LADHEME, ao entrar diretamente na página, não foi possível ter acesso aos trabalhos. Sendo assim, buscamos informações diretamente no laboratório e a orientação foi para acessar a página do Programa de Pós-Graduação da UFGD. Assim procedendo, obtivemos o acesso as 246 dissertações e 55 teses, referente as pesquisas de todas as linhas. Porém, o nosso foco de interesse, como já mencionado antes, eram pelas pesquisas da linha de pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade. Portanto, ao analisarmos os trabalhos com o metadados títulos, separamos 2 dissertações para a revisão, e dessas duas dissertações, apenas 1 irá compor a revisão.

Este levantamento, obteve a seleção de 13 trabalhos, dentre eles, 10 dissertações, 2 teses e 1 artigo, com aproximação à temática de nossa pesquisa, conforme apresentamos no Quadro 1.

Quadro 1 – Produções acadêmicas selecionadas

Autor(a)/ Ano	Título	Palavras-chave¹¹	Plataformas/Rep ositório/Bases de dados/ Tipo de pesquisa
Marilene Dandolini Raupp (2004)	A Educação Infantil nas Universidades Federais: questões, dilemas e perspectivas	Creche universitárias. Infâncias na universidade. Educação infantil. Creche. Pré-escolas.	CAPES Dissertação
Ceciane Fonseca Veloso de Melo (2010)	Narrativas infantis: estudos da agência da criança no contexto de uma creche universitária		BDTD Dissertação
Vania Almeida da Silva (2012)	A trajetória da educação infantil na UFSM: 23 anos de história do Ipê Amarelo	Infância, Educação Infantil, Políticas Públicas, Creche Universitária.	CAPES Dissertação
Isabela Pereira Lopes (2014)	O acesso às unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (UUFEI'S): a Escola de Educação Infantil da UFRJ		CAPES Dissertação
Ronise Nunes Santos (2015)	A História da “Casa Escola o Infantil do Bom Senso” (1973-1986)	História da educação. Instituição pré-escolar. Projeto “CASA Escola O Infantil do Bom Senso”. Dourados-MS.	LADHEME Dissertação
Flávia do Carmo Bullé (2016)	Impactos da “institucionalização”: um olhar a partir de encontros	Educação Infantil; Políticas Públicas, Creche Univertária, Resolução Nº1 CEB/CNE 2011.	BDTD Dissertação
Samara Grativol (2017)	Educação “pré-escolar” em Dourados: a escola Serviço de Educação Integral – SEI (1980-1995)	História das instituições; Infância; Mato Grosso do Sul.	LAPEDI Dissertação
Flávia Maria de Menezes Ligia Maria Motta Leão de Aquino (2017)	Onde estão as crianças da carochinha? Investigando a produção de conhecimento de uma creche Universitária	Creche Universitária. Criança. Produção de Conhecimento.	CAPES GT07 Artigo
Claudia Viana Melo (2019)	Da Creche Universitária a EEI-UFRJ: uma pedagogia da infância entre rastros, rascunhos e alinhavos	Educação infantil. EEI-UFRJ. Pedagogia da infância. Experiência em Walter Benjamin.	CAPES Tese
Silvânia Brito Araújo (2019)	Políticas públicas para a educação infantil: implementação de creches na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)	Creche Universitária. Educação Infantil. Políticas Públicas.	CAPES Dissertação
Eliana Maria Ferreira (2019)	Educação Infantil no cotidiano: diálogos entre adultos e crianças	Crianças; Experiências Cotidianas; Educação Infantil; Docência.	LAPEDI Tese
Rosana Carla de Oliveira (2019)	Paulistinha, a Creche Universitária da UNIFESP: a construção identitária de uma história multifacetada (1971-1996)	Instituição Escolar. Creche Universitária. Comunidade Infantil. Paulistinha. Memória.	CAPES Dissertação
Priscila Demeneghi da Silva Vargas (2022)	História do Lar Santa Rita e a assistência em Dourados -MT/MS (2965-19820)	Infância abandonada; assistência; história da educação.	LAPEDI Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Dentre as pesquisas apresentadas no Quadro 1, Santos (2015), Oliveira (2019) e Vargas (2022) abordam sobre história de instituições. Já as de Raupp (2004), Silva (2012), Lopes (2014) e Araújo (2019) discorrem sobre as creches em contextos universitários. As de Grativol (2017), Ferreira (2019) e Melo Ceciane (2010) relatam sobre práticas pedagógicas no cotidiano da educação infantil. Estas pesquisas, embora tratem das práticas pedagógicas, são relevantes

¹¹ As palavras-chave foram inseridas no Quadro 1 porque são importantes na identificação dos conceitos principais e temas abordados nas obras que estão sendo revisadas, assim como nos permitem perceber quais áreas foram mais estudadas e onde há lacunas de pesquisa. As palavras-chave são fundamentais para otimizar as pesquisas em bancos de dados, ajudando a encontrar artigos, relacionando-os de forma mais eficiente.

para a nossa investigação, pois a de Grativol (2017), trata de uma pesquisa sobre história de instituições, em especial de uma instituição da cidade de Dourados. A de Ferreira (2019), por ter como análise práticas que envolveram pesquisas com as crianças no CEI UFGD, que também constituirá locus da nossa pesquisa. A de Melo Ceciane será para nós referência, por trabalhar com narrativas, tendo como locus uma creche universitária. E por fim, as de Bullé (2016), Menezes e Aquino (2017) e Melo Claudia (2019), falam sobre as pesquisas e os projetos de extensão nos espaços das creches universitárias.

Iniciamos destacando a tese “Paulistinha, a creche universitária da Unifesp: a construção identitária de uma história multifacetada (1971-1996)”, de Rosana Carla de Oliveira (2019), que mais se aproxima da nossa pesquisa. Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a história da Creche Universitária Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Criada na década de 1970, a creche atendia os filhos das funcionárias da Escola Paulistinha de Enfermagem (EPE), que motivada pela reivindicação de duas funcionárias pelo direito de levar os filhos ao trabalho, resultou na criação da Comunidade Infantil.

Seguindo na mesma direção, discutindo dentro do contexto de história de instituições, observamos um diálogo com a dissertação de Santos (2015), que analisa a história da instituição pré-escolar, “Casa Escola O Infantil do Bom Senso”, buscando entender o processo de institucionalização, implementação e funcionamento; e a de Vargas (2022), que discorre sobre a “História do Lar Santa Rita de Cássia e a assistência em Dourados”, sendo a instituição uma Organização Não Governamental (ONG), criada com o propósito de acolher crianças abandonadas em Dourados-MT/MS e região. A pesquisa traz como foco, narrar a trajetória da instituição, sua origem e funcionamento. De certa forma, essas duas últimas pesquisas se relacionam com o nosso trabalho, por trazerem como intencionalidade a origem e o funcionamento dessas instituições, já que temos trabalhado em nossa pesquisa acerca da fundação do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre.

A pesquisa de Silva (2012), intitulada “A trajetória da Educação Infantil na UFSM: 23 anos de História do Ipê Amarelo”, aborda o percurso das creches Universitárias nas Instituições de Ensino, o seu papel, sua identidade acadêmica e a perspectiva de manutenção deste espaço na universidade. Dialogando com essa pesquisa, encontramos a dissertação de Raupp (2004), “A Educação Infantil nas Universidades Federais: questões, dilemas e perspectivas”. A pesquisa propõe discutir sobre os novos desafios para as unidades Universitárias Federais de Educação Infantil, a partir da Constituição Federal de 1988, apontando para a necessidade de que fosse repensado o papel das unidades de Educação Infantil no interior da universidade, bem como, a dissertação de Lopes (2012), “O acesso às unidades Universitárias Federais de

Educação Infantil (UUFEI'S): a Escola de Educação Infantil da UFRJ”, cujo objetivo foi o de analisar o processo de democratização do acesso à EEI-UFRJ, bem como as mudanças causadas pela resolução CNE/CBEI/2011, que ampliaram o acesso de filhos de estudantes e para a população em geral.

O estudo de Araújo (2019), “Políticas públicas para a educação infantil: implementação de creches na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)”, objetivou analisar a implementação e funcionamento das creches na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Este trabalho apresenta discussões de aspectos inerentes às unidades infantis no interior das universidades, bem como, aponta que as creches da UESB surgiram visando atendimento de demandas das comunidades universitárias. Consideramos este trabalho com aproximação do tema proposto para nossa pesquisa.

Como destacado anteriormente, mesmo se tratando de pesquisas com as práticas pedagógicas, por diferentes justificativas já indicadas, escolhemos apresentar a tese de Melo Ceciana (2010), com o título “Narrativas infantis: estudos da agência da criança no contexto de uma Creche Universitária”, que parte das análises das narrativas das crianças com o projeto político pedagógico que se aproxima da proposta chamada pedagogia da participação. Assim como a de Grativol (2019), “Educação “pré-escolar” em Dourados: a escola Serviço de Educação Integral – SEI (1980-1995)”, cujo objetivo foi compreender a concepção de criança e o trabalho pedagógico adotado pela escola, antes da implementação da Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996. E a de Ferreira (2019), “Educação Infantil no cotidiano: diálogos entre adultos e crianças”, que buscando entender a dinâmica do trabalho pedagógico, com foco na relação entre crianças e professores, destacou a importância de escutar as crianças como sujeitos de conhecimento e de promover uma pedagogia mais horizontal. Especificamente, cabe realçar, as pesquisas de Grativol (2019) e de Ferreira (2019), chama nossa atenção por se tratarem de pesquisas que abordam sobre a educação infantil no contexto do município de Dourados, MS, por serem pesquisas que estão vinculadas ao grupo de pesquisa do qual estamos inseridos, quer seja, Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC) e, sendo assim, trabalharem com o referencial eliasiano.

Por fim, dentre as pesquisas que dizem respeito aos projetos de extensão, destaca-se, primeiramente, a de Menezes e Aquino (2017), cujo objetivo foi encontrar as crianças na produção de conhecimento elaborada na e pela relação universidade e infância, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, que se desenvolveram nas creches Universitárias Paulistas, em especial a Creche Carochinha, no período de 1989 - 2012. E, a de Melo Claudia (2019), “Da creche universitária à EEI-UFRJ: uma pedagogia da infância entre rastros, rascunhos e

alinhavos”, que teve como objetivo investigar como os interlocutores pensaram as crianças e suas infâncias com o ensino, a pesquisa e a extensão no espaço físico da Escola de Educação Infantil da UFRJ, localizada no Campus da UFRJ, na cidade universitária. E, ainda, a pesquisa de Bullé (2016), “Impactos da “institucionalização”: um olhar a partir de encontros”, com a intencionalidade de compreender as transformações decorrentes de sua trajetória histórica.

Assim sendo, realçamos, que tivemos a pretensão, com esta revisão de literatura, de contribuir para investigação e análises acerca do tema da pesquisa ora finalizada, bem como que tal movimento nos permitisse identificar a existência de lacunas que necessitam ser investigadas, contribuindo com as pesquisas na área da educação, sobretudo na linha de História da Educação, Memória e Sociedade. Como constatamos, o CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre não foi mencionado como objeto de investigação em nenhuma pesquisa, em especial, as que retratam sobre história de instituições escolares no município de Dourados, MS. Neste sentido, entendemos que nossa pesquisa se justifica social e cientificamente, pois consideramos relevante e essencial narrar a história da referida instituição, contribuindo, dessa maneira, com a História da Educação do município de Dourados e do estado de Mato Grosso do Sul.

Além disso, a criação do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, vinculado à Universidade Federal da Grande Dourados, representa um marco no processo de consolidação das políticas públicas voltadas à Educação Infantil no âmbito universitário e municipal. Trata-se de uma instituição que emerge de demandas concretas da comunidade acadêmica e políticas de permanência estudantil e condições de trabalho de servidores e estudantes. Nesse sentido, sua fundação não pode ser compreendida apenas como a abertura de uma unidade escolar, mas como resultado de movimentos históricos, institucionais e sociais.

Posto isto, registramos que definimos como objetivo geral: Narrar a história da fundação e implementação do Centro de Educação Infantil - CEI UFGD até se tornar CEI Maria Alice Silvestre, entre 2008 - 2018. E elencamos com objetivos específicos: 1. Analisar os “movimentos” que levaram a fundação/criação do CEI no espaço da UFGD, distinguindo suas/seus idealizadoras/es, motivações, políticas da universidade e do município; 2. Compreender as “histórias” que envolveram a escolha do local para a construção do CEI UFGD, os percursos trilhados e as tramas que envolveram a sua implementação; 3. Entrelaçar as “memórias” das/o envolvidas/o, acessadas a partir da recolha de narrativas, que tiveram como pressuposto *teóricometodológico* as abordagens narrativas e (auto)biográficas.

Para falarmos da metodologia por nós escolhida, iniciamos destacando se tratar de uma *pesquisaformação*, ancorada em estudos com a abordagem narrativa e (auto)biográfica (Bragança; Abrahão; Ferreira, 2016). Por sua vez, é mister salientarmos, a pesquisa foi

desenvolvida ligada à pesquisa maior, da orientadora, denominada “VIDA E FORMAÇÃO: narrativas de professoras da Educação Infantil do Mato Grosso do Sul”¹².

“Na pesquisa (auto)biográfica a tessitura e a compreensão das fontes narrativas geram movimentos potencialmente formadores. Nesse sentido, assumimos a radicalidade da *pesquisaformação*” (Morais; Bragança, 2021, p. 5). Por conseguinte, escolhemos a abordagem narrativa e (auto)biográfica por sua condição geradora de formação/(trans)formação para a *professorapesquisadora* e para a orientadora, quando a pesquisa foi construída a partir de uma relação de horizontalidade, sustentada por princípios éticos, políticos e estéticos.

Tal perspectiva, reforçada por Josso (2010), nos convida a compreender a pesquisa-formação como uma tomada de consciência dos sujeitos a partir dos percursos trilhados em suas trajetórias de vida, profissionais e formativas. Essa compreensão permite reconhecer que, ao entrelaçar-se com contextos formativos e reflexivos, o pesquisador (auto)forma-se ao mesmo tempo em que constrói o conhecimento científico, promovendo, assim, uma experiência transformadora.

Sendo a pesquisa de cunho histórico e sociológico, decidimos trabalhar com os estudos do teórico Norbert Elias (1897-1990), o qual nos permitiu compreender as relações sociais dos indivíduos ao afirmar que “toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros, a sociedade sem o indivíduo ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo” (Elias, 1994, p. 67). Sob essa perspectiva, os conceitos eliasianos de figuração, interdependência e poder, foram por nós utilizados, quando buscamos identificar os “movimentos” que levaram a fundação/criação do CEI no espaço da UFGD, distinguindo idealizadoras/es, motivações, além das políticas da universidade e do município de Dourados.

Por figuração e interdependências, a partir de Elias (2008), assinalamos que:

[...] através das suas disposições e inclinações básicas [as pessoas] são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras nas mais diversas maneiras. Elas constituem teias de interdependências ou figurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados (Elias, 2008, p. 15, [acréscimo nosso]).

Ainda com Elias (2008), compreendemos que o poder, na sua concepção, se exerce de forma relacional, deixando de ser concebido como uma espécie de substância. Nesse sentido, segundo o autor, “[...] deveríamos ter presente que o equilíbrio de poder, tal como de um modo

¹² “VIDA E FORMAÇÃO: narrativas de professoras da Educação Infantil do Mato Grosso do Sul”: trata-se de projeto de pesquisa cadastrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG), vigente até 03 de janeiro de 2028. Projeto sem financiamento.

geral as relações humanas, é pelo menos bipolar e, usualmente, multipolar”. Ou seja, “o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas — de todas as relações humanas” (Elias, 2008, p. 80-81).

Com Bragança (2018, p. 69), entendemos que “viver a pesquisa em educação como experiência com muitos outros traz limiares entre as abordagens metodológicas (auto)biográfica e narrativas. A relação com, implica o encontro, o diálogo, o círculo virtuoso entre palavras e escuta”. Nesse sentido, nosso estudo caminhou fundamentado nos construtos de uma pesquisa exploratória, quando buscamos documentos relativos à história do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, bem como ouvimos as narrativas dos sujeitos que fizeram/fazem parte da história da instituição, pois apreendemos a importância da memória de pessoas envolvidas nos percursos da criação, implementação e definição do nome do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, para a realização da pesquisa.

Assim, sobre a recolha das narrativas, foram convidadas/o e aceitaram compartilhar as suas histórias e memórias, as seguintes pessoas, apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Narrativas, Histórias e Memórias

Nomes	Relação com a instituição CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre
Professora Magda Sarat	Primeira Coordenadora da então, Coordenadoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (COAE), sendo ela a pessoa que recebeu o grupo de discentes da UFGD, dentre elas/es, Maria Alice Silvestre, por ocasião da reivindicação por um espaço que acolhesse as crianças da primeira infância da UFGD
Professora Célia Maria Foster Silvestre	Mãe de Maria Alice Silvestre
Professor Claudemir Dantes da Silva	Segundo Coordenador do CEI UFGD, que esteve à frente dos trabalhos na instituição logo no início da sua implementação ¹³

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Aqui, cabe acentuar, a pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, de acordo com todas as indicações e perspectivas éticas que subsidiam os estudos que envolvem seres humanos, sendo aprovada, conforme Documento “Parecer Consubstanciado do CEP” - CAAE: 89149225.7.00005160, de 02 de julho de 2024. E, como o previsto no Projeto de Pesquisa aprovado na Plataforma Brasil, todas as pessoas entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE nos Anexos) antes da realização das entrevistas,

¹³ A primeira coordenadora do CEI UFGD foi a professora Eliana Maria Ferreira que permaneceu no cargo por um pequeno período, conforme Ata acessada no CEI Maria Alice Silvestre. Trataremos mais desta questão no desenvolvimento da Dissertação.

bem como, posteriormente, elas tiveram acesso às transcrições para efetuarem a liberação das narrativas para a escrita desta Dissertação

As três entrevistas foram realizadas no ano de 2025, de acordo com os roteiros individuais que também foram submetidos e aprovados na Plataforma Brasil (roteiros nos Anexos), em momentos distintos e situações específicas, de acordo com as condições das pessoas e respeitadas as suas escolhas, na seguinte sequência: a professora Magda Sarat, primeira entrevistada, por constituir moradia na cidade de Salvador, Bahia, teve a entrevista realizada pelo Google Meet. Com a professora Celia Foster a entrevista se realizou presencialmente, em sua residência. E a entrevista com o professor Claudemir Dantes também foi presencial, tendo sido realizada em seu ambiente de trabalho na Educação Infantil.

Sobre as narrativas, realçamos que elas assumem um papel central nos processos de pesquisa que envolvem memórias e trajetórias de vida, pois possibilitam compreender como os sujeitos atribuem sentidos às suas experiências. Ao se debruçar sobre essa dimensão do narrar, Benjamin (1996, p. 37) observa que “as narrativas são, pois, elementos que trazem forte significado pessoal e articulam presente, passado e futuro, instigado pela rememoração, trazendo não ‘uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a vive’”. Nessa perspectiva, compreendemos que as narrativas não constituem meros registros dos acontecimentos, mas são construções carregadas de afetos, seleções e esquecimentos, que expressam a maneira como cada indivíduo elabora e (re)constrói sua própria história.

Além das fontes orais já citadas no Quadro 2, visando à elaboração desta Dissertação, também buscamos por fontes documentais no CEI Maria Alice Silvestre, na Secretaria Municipal de Educação de Dourados (SEMED), bem como na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE) e conseguimos acesso a uma diversidade de documentos. Nas visitas feitas, levamos cartas de apresentação referente a nossa pesquisa, devidamente assinadas pela orientadora (Cartas nos Anexos). No Quadro 3, que apresentamos a seguir, trazemos a relação das fontes documentais encontradas, utilizadas e analisadas na elaboração deste texto.

Quadro 3 - Localização e seleção das fontes documentais: COAE/PROE, CEI Maria Alice Silvestre e SEMED

ACERVOS	DOCUMENTOS	PERÍODO	ASSUNTO
COAE ¹⁴ /PROAE	Acordo de Cooperação Técnica	2012 a 2018	Plano de trabalho

¹⁴ Coordenadoria de Assuntos Estudantis (COAE) foi o nome atribuído ao órgão da UFGD nos anos da sua criação, sendo ele ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEX). Posteriormente, ela se tornou uma Pró-Reitoria, quer seja, a PROAE.

			Acordo de Cooperação Técnica
CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre	ATA nº1/2011 – Aos dias doze do mês de dezembro do ano de dois mil e onze	12 de dezembro de 2011	Ata de criação do CEI UFGD
	ATA – Livro Ata de abertura	2014	Registro de abertura do livro Ata, referente às ocorrências administrativas, deliberações, resoluções e decisões em reuniões administrativas e pedagógicas
	ATA	2016	Registros de abertura da Ata, referente às primeiras reuniões pedagógicas
	ATA	2015/2016	Registro de Formações Continuadas
	ATA	2018	Paralisação do CEI
	PP	2016-2018	Proposta Pedagógica
	Arquivo pasta de estagiários		- Cartas de apresentação/Projetos de extensão - Ofícios apresentação -Intercâmbio México – Paulo Freire
SEMED	Diário Oficial da União -seção 3 nº 238	13 de dezembro 2011	Celebração entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e a Prefeitura de Dourados
	Diário Oficial do Município	16 de junho de 2014	ATA APM – CEI UFGD
	Resolução nº 232	25 de outubro de 2018	Indicação do nome da ex-aluna do curso de Ciências Biológicas da UFGD

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No trabalho com tais fontes documentais, o historiador ao manusear, analisar e compreendê-las, poderá utilizá-las cientificamente, encontrando sentido. Nessa perspectiva, temos nos estudos realizados em Le Goff (1990, p. 470) que:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento.

Assimilamos, assim, que estabelecer a busca dos documentos e, especialmente, presenças nos arquivos, tem sua significância nas pesquisas em História da Educação e, especialmente, em história de instituições escolares, pois os arquivos são “celeiros da história” (Moraes; Alves, 2002, p. 24), e ao manusearmos estes documentos, encontramos informações que quase sempre são importantes para as pesquisas do campo. Além disso, “o acervo de uma instituição, em função da reunião de documentos representativos de suas atividades, pode ser chamado de Arquivo” (Almeida, 2021, p. 20).

Para corroborar com as fontes documentais que obtivemos, realizamos os registros através da fotografia, deduzindo que as fotos também podem colaborar de maneira significativa com as tramas tecidas na pesquisa. Assim como os registros escritos, as fotografias, possuem relevância enquanto fontes documentais, pois nos fornecem evidências visuais que são capazes de ampliar a compreensão histórica que muitas vezes não estão presentes nos documentos escritos. Desse modo, possibilitam capturar instantes singulares, de preservação de memórias, constituindo-se, portanto, em instrumentos indispensáveis para a pesquisa em História da Educação (Vidal; Abdala, 2005). As autoras também ressaltam que as imagens fotográficas dialogam com os textos, conferindo maior densidade às narrativas históricas, complementando-as. Considerando esta perspectiva, as fotografias, em nossa pesquisa, são tomadas como fontes fundamentais para apropriarmos de todo o contexto histórico.

Isto posto, esta Dissertação segue organizada com a “Introdução: *pesquisaformação*, narrativa e (auto)biográfica”, que agora finalizamos. Em seguida, trazemos a Seção 2 intitulada “Movimentos Constitutivos do CEI”, estruturada com duas subseções. São elas: a Subseção 2.1 - “Movimentos institucionais que antecederam a criação do CEI UFGD” e a Subseção 2.2 - “Movimento estudantil e luta das mulheres: tramas e ações no interior da UFGD”. Em sequência, apresentamos a Seção 3 nomeada “Histórias para Lembrar e Marcar”, também construída com duas subseções. São elas: a Subseção 3.1 - “História da fundação e implementação do CEI UFGD (2008-2012)” e a Subseção 3.2 - “De CEI UFGD a CEI Maria Alice Silvestre: institucionalização, identidade e significados”. Caminhamos para o final e, para

este propósito, tecemos as “Considerações finalizadoras: entrelaçando histórias e memórias”. E, para o fim, trazemos as “Referências” e os “Anexos”.

SEÇÃO 2 – MOVIMENTOS CONSTITUTIVOS DO CEI

“A necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte” (Elias, 1994, p. 124).

Baseadas em escritas de Norbert Elias, registradas na obra “A sociedade dos indivíduos”, nesta Seção 2, nomeada “Movimentos constitutivos do CEI”, nos propusemos compreender os movimentos institucionais que antecederam a criação do CEI UFGD como parte de uma configuração histórica tecida por relações de interdependência. Para Elias (1994), indivíduo e sociedade não constituem instâncias opostas, mas dimensões que se formam a partir de processos relacionais e dinâmicos.

Sob este ângulo, compreendemos que a constituição da Universidade Federal da Grande Dourados não se circunscreve como ato isolado ou decisão pontual, mas como resultado de uma trama de forças envolvendo sujeitos, grupos, disputas políticas, projetos regionais e políticas nacionais. Ao investigarmos a trajetória da UFGD, seus embates fundacionais e sua consolidação institucional, buscamos evidenciar que o CEI surge dessa mesma configuração, pois ele é expressão de uma universidade que, ao afirmar sua autonomia, também se reconhece parte de redes sociais, regionais e históricas que a constituem e lhe conferem sentido.

2.1 Movimentos institucionais que antecederam a criação do CEI UFGD

Escolhemos iniciar esta subseção lançando luz à UFGD, à sua história, sua trajetória de mudanças e conquistas, pois é neste lócus que o CEI Maria Alice Silvestre se encontra instalado e em pleno funcionamento.

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) foi criada pela Lei nº 11.153, da Presidência da República, em 29 de julho de 2005 (Brasil, 2005). No ano em que se comemora seus “20 ANOS”, precisamos enaltecer esta que é uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, que se colocou à disposição de toda uma região, de 34 (trinta e quatro) municípios, no Cone Sul do Mato Grosso do Sul. A partir de sua criação, aos poucos a UFGD foi se pensando e se fazendo mais autônoma, participativa, democrática, inclusiva e diversa.

Em seus 20 anos, a UFGD apresenta números que demonstram envolvimento local/regional e percurso social e institucional: de 96 (noventa e seis) para 620 docentes; de 100 (cem) para mais de 900 (novecentos) técnicas/os administrativas/os; de aproximadamente 1.200 (mil e duzentos) alunas/os para mais de 8 (oito) mil. Em 2005, eram 12 (doze) cursos de graduação, e agora, são 40 (quarenta); eram 4 (quatro) cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*, com 3 mestrados e 1 doutorado, e em 2025, são 25 mestrados e 14 doutorados. Nestes 20 anos,

são mais de 13 (doze) mil alunas/os formadas/os nos diversos cursos de graduação, com destaque para mulheres (praticamente 60% do total) e indígenas (em torno de 550 [quinhentos e cinquenta], com participação importante da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), com 400 [quatrocentos] concluintes). No mesmo tempo foram formados mais de 3.500 (três mil e quinhentos) mestres e mais de 750 (setecentos e cinquenta) doutoras/es nos Programas de Pós-Graduação (além de dezenas de cursos de aperfeiçoamento, especialização e residência) (Portal UFGD, 2025).

Ao analisarmos os documentos institucionais que antecedem e acompanham a criação do CEI, torna-se fundamental compreender o projeto maior no qual a universidade se insere. Nesse sentido, o estudo de Marcelo Matias de Almeida (2020), intitulado *O desenvolvimento regional enquanto concepção institucional: analisando os documentos institucionais da Universidade Federal de Dourados*, oferece importante chave interpretativa. O autor evidencia que, desde sua criação, a Universidade Federal da Grande Dourados estrutura seu discurso institucional sob a perspectiva do desenvolvimento regional, assumindo compromisso explícito com a interiorização do ensino superior e com a promoção de impactos sociais, econômicos e culturais na região da Grande Dourados.

Conforme Almeida (2020, p. 331), “indicamos que a UFGD foi criada em 2005 a partir do desdobramento da UFMS e, desde a sua concepção, a valorização da questão regional esteve presente”. Essa afirmação revela que o princípio do desenvolvimento regional não se constitui como elemento acessório, mas como eixo estruturante da identidade institucional.

Ao situar a universidade como agente estratégico do desenvolvimento regional, Almeida (2020, p. 331) destaca ainda que “é neste contexto histórico de retomada da identidade regional que se insere o projeto de desmembramento da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), particularmente do seu campus de Dourados, em 2005, e de criação da UFGD”. Tal movimento evidencia que a constituição da universidade está diretamente vinculada às dinâmicas políticas e sociais da região, inscrevendo-se em um processo mais amplo de afirmação identitária e reorganização territorial.

Se, conforme aponta Marcelo Matias de Almeida (2020), a Universidade Federal da Grande Dourados nasce ancorada no discurso do desenvolvimento regional e na retomada de uma identidade territorial própria, a narrativa da professora Magda Sarat permite compreender como esse projeto institucional foi vivido concretamente por aqueles que participaram de sua constituição.

Ao chegar a Dourados em setembro de 2005, a professora Magda se insere exatamente no momento em que a universidade deixava de ser um campus da Universidade Federal de

Mato Grosso do Sul para afirmar-se como instituição autônoma. Em sua narrativa, a criação da UFGD aparece como processo, e não como evento acabado. Ela descreve um período de intensa organização institucional: elaboração de documentos, envio de processos a Brasília, constituição de comissões, votação do Estatuto e realização da Estatuínte. O que nos documentos aparece como “desmembramento”, em sua fala ganha contornos de experiência vivida, marcada por reuniões “infinitas”, debates acalorados e disputas políticas entre grupos favoráveis e contrários à criação da nova universidade.

A este respeito a professora Magda faz uma declaração importante: *“já naquela época existiam grupos de oposição, tinham praticamente dois grupos. Tinha um grupo que era a favor da criação da UFGD e o grupo que foi contra a criação. Entre o grupo que foi contra os professores da agronomia, majoritariamente, tinha gente da Letras, tinha gente da Educação, que era contra a criação da UFGD. Inclusive, a atual, na época, era a coordenadora do departamento, que era a professora Alaide Baruffi, o marido dela é Helder Baruffi, a professora Maria do Carmo Brasil, que estava no departamento de educação, mas era da história, era uma das pessoas que era desse grupo muito forte, junto com o professor Omar Daniel e várias outras pessoas”. Então, existia as reuniões, principalmente da Estatuínte, eram cheias de debate, cheias de todos aqueles vai e vem político, inclusive, disputas de espaço, enfim, tudo isso”*.

A professora evidencia que a UFGD não nasceu de consenso, mas de tensões. Ao mencionar a existência de dois grupos, um defensor da criação e outro contrário, revela que o processo de autonomia institucional foi atravessado por conflitos simbólicos e disputas de poder. Tal aspecto confirma a leitura de Almeida (2020), ao situar a criação da universidade no interior de dinâmicas políticas e identitárias da região. Contudo, a entrevista acrescenta uma dimensão que os documentos não captam plenamente: o clima de efervescência, o sentimento de “canteiro de obras”, a construção simultânea de espaços físicos, normativas e relações humanas.

A professora Magda nos conta que *“tudo estava sendo criado ao mesmo tempo: coordenadorias, políticas estudantis, estruturas administrativas, identidade institucional”*. Essa simultaneidade reforça a ideia de que a universidade não foi apenas instalada, mas construída coletivamente. Ao narrar as reuniões conduzidas pelo professor Damião Duque de Farias e o esforço conjunto para elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a professora nos permite perceber como o princípio do desenvolvimento regional, identificado por Almeida (2020) como eixo estruturante do discurso oficial, era traduzido em práticas concretas de planejamento e organização.

Além disso, a professora associa explicitamente a expansão universitária ao contexto político nacional, ao afirmar, no momento de sua aprovação no concurso, “*graças ao governo Lula que ampliou as universidades*”. Essa declaração conecta a criação da UFGD a uma política mais ampla de interiorização do ensino superior no Brasil, reforçando o argumento de que a instituição surge como parte de um projeto nacional de democratização do acesso e de fortalecimento das regiões interioranas.

Desse modo, ao dialogar com Almeida (2020), entrelaçando com as narrativas da professora Magda, é possível afirmar que a criação da UFGD se configura como acontecimento histórico multifacetado: ao mesmo tempo projeto político de desenvolvimento regional, processo administrativo de desmembramento institucional e experiência vivida por sujeitos que, em meio a tensões, esperanças e conflitos, participaram ativamente da construção de sua identidade. A memória narrada revela que a universidade nasce entre disputas e cooperações, entre planejamento formal e improviso cotidiano, constituindo-se como espaço em permanente elaboração.

Sendo assim, compreender a criação do CEI UFGD - Maria Alice Silvestre requer reconhecer que ele emerge no interior de uma instituição cuja concepção fundante está ancorada no compromisso com o desenvolvimento regional.

Ainda sobre a criação e implementação da UFGD, encontramos a seguinte afirmação descrita pelo professor Wilson Valentim Biasotto (2022), a qual consideramos significativo trazer aqui.

Portanto que fique claro desde o princípio: a criação da UFGD foi fruto de um trabalho coletivo e até transgeracional, ao longo de 25 anos, iniciado em 1980 e concluído em 2005. Essa criação coletiva foi construída por douradense e por migrantes, que trouxeram consigo não apenas um certificado que os habilitava a ministrar aulas. Com esses pioneiros, veio o imaginário social de paulistas, gaúchos, catarinenses, japoneses e, mais remotamente, dos italianos, portugueses, alemães, poloneses, árabes, enfim, uma gama enorme e rica de matizes que forma à Dourados e, por via de consequência, à UFGD (Biasotto, 2022, p. 21-50).

A narrativa de Biasotto (2022) aponta que a criação da UFGD não pode ser compreendida como ato isolado ou fruto da ação de poucos, mas como resultado de um processo coletivo e prolongado, no qual diferentes sujeitos e contextos históricos se entrelaçaram. Sob a ótica de Norbert Elias, trata-se de um exemplo concreto do conceito de figuração, no qual múltiplos atores, com origens, culturas e trajetórias distintas, se interdependem e, por meio dessa rede de relações, constroem uma instituição. Os “movimentos” descritos por Biasotto (2022), não se limitam ao deslocamento físico de migrantes ou à chegada de novos docentes;

eles incluem a circulação de imaginários sociais, valores e práticas que, ao se encontrarem, produziram novas configurações culturais e acadêmicas em Dourados. Nesse sentido, a luta pela implementação da UFGD inicia com diálogos estabelecidos, a partir de um Projeto de Lei n. 1.320, de 14 de abril de 1983, no qual o entrelaçamento das memórias e histórias individuais se converte em identidade institucional.

A trajetória da UFGD tem raízes no antigo Centro Pedagógico de Dourados (CPD), criado em 1971 como parte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Com o tempo, o CPD evoluiu para o Centro Universitário de Dourados (CEUD) e expandiu significativamente suas ofertas de ensino. Esse crescimento acelerado, aliado à demanda local por educação superior pública e gratuita, alimentou a ideia de um campus universitário autônomo. O projeto ganhou apoio da comunidade, lideranças políticas locais e do próprio município. Em meados dos anos 1970, os cursos ofertados eram de História, Letras, Agronomia e Pedagogia. Em 1980, foram implementados os cursos de Ciências Biológicas, Análises de Sistemas e as primeiras pós-graduações, mestrado em Agronomia e em História. Em 2000, avançou com os cursos de Medicina, Direito, Administração, mestrados em Entomologia e Conservação da Biodiversidade, Geografia e o primeiro doutorado da região, em Agronomia.

Diante de toda essa expansão, embora houvesse o campus da UFMS em Dourados e a UEMS, estes, não estavam sendo suficiente para atender toda região, e Dourados, neste contexto, já se apresentava como sendo uma das regiões mais estruturadas do Mato Grosso do Sul. Desta forma, iniciou-se o diálogo para a criação da Cidade Universitária, um lugar propulsor de ensino superior público, gratuito e de qualidade. Foi então, a partir desta conjuntura, que o projeto de Cidade Universitária nasceu e ganhou o apoio da comunidade, das lideranças políticas e cidades circunvizinhas.

Logo em seguida, no contexto do programa federal Avança Brasil (2000-2003), Dourados foi inserida como eixo estratégico de desenvolvimento regional, devido à sua posição geográfica, potencial agroindustrial e presença indígena significativa. Sobre o “Avança Brasil” encontramos que o Brasil instituiu este, que era um programa federal, no qual o país foi delimitado geograficamente em nove eixos nacionais de integração e desenvolvimento, sendo que Dourados e seu espaço regional foram inseridos no Eixo Sudoeste. Uma das funções essenciais desse eixo era permitir a integração territorial com os países limítrofes, por constituir, na visão governamental, um espaço geográfico privilegiado, estratégicas no processo de desconcentração da produção, estratégica de eficiência e competitividade, capacidade de difusão, importância do setor terciário, desafio do desemprego estrutural e integração com o Mercosul

Com base nisso, foi estabelecida legalmente a UFGD em 2005, por meio da Lei 11.153¹⁵, com tutoria da Universidade Federal de Goiás (UFG). A oficialização em 2005 marcou uma virada decisiva. Desde então, a universidade tem gerado transformações profundas no tecido social, econômico e cultural da cidade e região, cumprindo uma missão estratégica de inclusão, geração de conhecimento e desenvolvimento sustentável.

Criada com apenas sete cursos de graduação, a Universidade Federal da Grande Dourados viveu um momento decisivo ao ser incluída no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), política implementada pelo governo federal na década de 2000 para ampliar o acesso ao ensino superior público. A partir desse impulso, a instituição não apenas aumentou sua oferta de cursos de Graduação e Pós-Graduação, mas também fortaleceu seu corpo docente e técnico-administrativo, multiplicando as vagas disponíveis para estudantes de todo o país. Fiel a um projeto de educação inclusiva, a UFGD direcionou políticas específicas para atender comunidades historicamente excluídas, como povos indígenas e assentamentos rurais, e expandiu sua presença para municípios-polo da região por meio da Educação a Distância, consolidando-se como agente de transformação social e regional.

A UFGD mantém sua missão de produzir e disseminar conhecimentos, saberes e valores por meio de um ensino, pesquisa e extensão de excelência. Guiada pela transparência, pela ética e pelo compromisso com a responsabilidade social, a instituição promove o debate democrático e busca assegurar a igualdade de oportunidades para todos.

À luz da teoria de Norbert Elias, essa trajetória institucional resulta de redes de interdependência (Elias, 1994), compostas por sujeitos que, em suas lutas e mobilizações, constroem coletivamente o espaço universitário. Essa tensão entre autonomia e pertencimento, presente na criação e expansão da UFGD, expressa-se nas articulações entre comunidade acadêmica, movimentos estudantis, lideranças regionais e instâncias governamentais, que, de forma interdependente, consolidaram a universidade como agente de transformação social e regional. Apresentamos a seguir na Imagem 2, a capa do jornal *O Progresso*, publicada em 30 e 31 de julho de 2005, na qual se anuncia a sanção presidencial que oficializou a criação da

¹⁵ Como já aludido anteriormente no texto, a Referida Lei dispõe sobre a instituição Fundação Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, por desmembramento da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. *Parágrafo único*. A UFGD, entidade de natureza pública, vinculada ao Ministério da Educação, terá sede e foco no Município de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2005/lei-11153-29-julho-2005-537975-publicacaooriginal-31337-pl.html> Acesso em: 08 ago. 2025.

Universidade Federal da Grande Dourados, evidenciando a dimensão pública e regional atribuída ao acontecimento.

Imagem 2 - Capa do jornal *O Progresso* anunciando a sanção da Lei de criação da UFGD (30-31jul de 2005)



Fonte: *O Progresso*, Dourados, 30-31 jul. 2005, p. 1.

A manchete estampada na capa do jornal *O Progresso*, em 30 e 31 de julho de 2005, com o título “Lula sanciona o projeto de criação da UFGD”, marca a passagem do projeto à institucionalização formal da Universidade Federal da Grande Dourados. A visibilidade conferida ao evento, com fotografia do presidente e autoridades locais, inscreve a criação da UFGD no campo das conquistas regionais, evidenciando seu significado político e social para Dourados e municípios circunvizinhos. Nesse sentido, a manchete materializa no espaço público aquilo que, nos documentos institucionais e nas narrativas dos sujeitos envolvidos, aparece como projeto coletivo, a constituição de uma universidade comprometida com a interiorização do ensino superior e com a promoção do desenvolvimento regional.

Como podemos ver ao longo desta subseção, a criação da UFGD se configura como resultado de movimentos institucionais, redes de interdependência e construções coletivas que

deram forma à identidade da universidade. É nesse cenário, marcado por tensões, projetos e compromissos com o desenvolvimento regional, que se torna possível compreender os desdobramentos posteriores, entre eles a emergência de pautas vinculadas à permanência, à inclusão e às condições concretas de vida na universidade, contexto no qual se inscreve a criação do CEI UFGD - Maria Alice Silvestre.

Nesse cenário histórico, com uma UFGD “cheia de perspectivas”, ganha força a criação do Centro de Educação Infantil CEI UFGD, que surge como resultado do movimento estudantil, com espírito participativo e da disposição institucional em concretizar projetos capazes de articular ensino, pesquisa, extensão e assistência.

Desta forma, ao recuperar a memória dos primeiros anos da UFGD, bem como se deu o processo de criação da assistência estudantil, torna-se possível compreender que a criação do CEI UFGD, não foi um acontecimento isolado, mas parte de um movimento maior de consolidação da universidade. A história do CEI UFGD, portanto, está aqui sendo registrada a partir de fontes documentais e orais, enfatizando a relevância das narrativas (auto) biográficas para o entrelaçamento de movimentos, histórias e memórias.

2.2 Movimento estudantil e luta das mulheres: tramas e ações no interior da UFGD

O movimento estudantil na UFGD consolidou-se a partir de 2005, com a criação da universidade e a chegada de estudantes provenientes de diferentes regiões e contextos socioculturais, incluindo comunidades indígenas, quilombolas e áreas rurais, cujas demandas iniciais estavam ligadas à moradia, alimentação e transporte. Conforme registra Moraes (2022, p. 291):

Na UFGD, a preocupação com a assistência estudantil esteve presente desde os debates para a elaboração do projeto de sua criação, a partir do desmembramento do Campus de Dourados, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Moraes (2022) indica que a assistência estudantil surgiu como resposta desde a formulação do projeto de criação da UFGD, demonstrando que a instituição nasceu vinculada a uma concepção de universidade comprometida com a inclusão social, reconhecendo que o acesso ao ensino superior deveria ser acompanhado de condições concretas de permanência. Nesse sentido, a comunidade acadêmica e a sociedade civil local, anteciparam a necessidade de garantir políticas de apoio aos estudantes, especialmente em um contexto de desigualdade. As suas principais demandas eram moradia, alimentação, bolsa permanência e igualdade de voto.

Em 2006, a UFGD, inseriu a assistência estudantil com a extensão e a cultura na Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX)¹⁶, integrada com a Coordenadoria de Extensão (COEX), Coordenadoria de Cultura (COC) e a Coordenadoria de Assuntos Estudantis (COAE). Sendo assim, com instalação da Coordenadoria de Assuntos Estudantis, a assistência estudantil da UFGD, coordenada pela professora Magda Sarat, a convite do professor Damião, teve seu início.

Em entrevista a professora Magda narra que resistiu ao convite, pois já acumulava múltiplas funções, lecionava no curso de Educação, coordenava a implantação da Licenciatura Indígena e vivia um contexto familiar desafiador, com uma filha pequena e o marido residindo no Paraná. Apesar das dificuldades, aceitou o cargo e passou a coordenar simultaneamente a Licenciatura Indígena e a COAE, funções registradas posteriormente em seu memorial acadêmico, quando da sua banca para alçar o status de professora Titular da UFGD. Acerca deste início a professora Magda narrou: *“não havia nenhuma estrutura física ou material: lembro-me de uma reunião na sala da PROEX, quando me mostraram uma pequena sala, vazia, em frente ao anfiteatro da Unidade I, dizendo que ali funcionaria a COAE. Aos poucos, conseguimos uma mesa, um computador e começamos a montar o espaço”*. Ela conta que aos poucos, foram sendo providenciados móveis, computadores e a composição da equipe.

A imagem da sala vazia é emblemática. Ela revela que a universidade não nasce pronta, ela constrói-se no cotidiano, na improvisação, nas redes de colaboração e na materialidade dos pequenos gestos. A institucionalidade antecede-se de relações humanas e compromissos coletivos. Como afirma Elias (1994, 2008), novos arranjos sociais não surgem do nada, mas se estruturam a partir de redes de interdependência já existentes.

Referente a este início, também a partir de Moraes (2022, p. 292) a professora Magda Sarat registrou em seu depoimento:

Tudo precisava ser feito do início e não tínhamos nenhuma experiência. A proposta era construir em parceria, compartilhar experiências, ouvir as pessoas, e assim fizemos [...] Foi um período intenso de reuniões com todos os seguimentos dos estudantes para ouvir suas demandas, saber suas necessidades, pois estávamos sendo desafiados a fazer a instituição com propostas nova (Depoimento da coordenadora da COAE 2006-2008, professora Magda Sarat, em 29/12/2020).

O excerto citado, com depoimento da professora Magda, nos revela aspectos fundamentais, como o engajamento e a adoção de uma prática dialógica, baseada na escuta dos estudantes, que remete a uma concepção democrática de gestão universitária. Tal postura

¹⁶ Hoje, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC, composta pela Coordenadoria de Extensão (COEX) e Coordenadoria de Cultura (COC).

alinha-se ao que Chauí (2003) define como o ideal da universidade pública comprometida com a sociedade, que deve ser construída coletivamente e aberta às demandas sociais. Nesse sentido, o depoimento de Sarat, recolhido por Moraes (2022), evidencia que a assistência estudantil na UFGD nasceu não apenas de necessidades materiais, mas de um processo participativo, no qual a comunidade acadêmica se constituiu como protagonista da própria institucionalização.

A professora Magda traz a perspectiva do trabalho da COAE, que segundo ela era profundamente articulado com as/os estudantes. Menciona o intenso trabalho com os Centros Acadêmicos (CAs). Realizava reuniões frequentes, incentivando as/os estudantes a promoverem encontros e assembleias nas faculdades. O objetivo era fortalecer o movimento estudantil, ampliando a participação política e a organização das/os alunas/os dentro da universidade. Com o tempo, várias faculdades retomaram seus centros acadêmicos e passaram a participar ativamente das discussões e decisões coletivas. Promoveu reuniões com centros acadêmicos, incentivou sua reorganização, trouxe representantes da União Nacional dos Estudantes para dialogar com as/os acadêmicas/os e organizou viagens à Bienal da UNE, possibilitando às/aos estudantes da UFGD uma experiência significativa de engajamento político e cultural.

O registro das proposições apresentadas pelas/os estudantes, revela a centralidade da assistência estudantil como eixo estruturante da vida acadêmica na UFGD. As reivindicações ultrapassavam o simples acesso às aulas, pois diziam respeito às condições mínimas para que as/os discentes, em sua maioria oriundos de camadas populares e de municípios da região, pudessem permanecer e concluir seus cursos. Essas demandas refletem, portanto, a concepção de que a universidade pública só se consolida enquanto espaço democrático se garantir não apenas o ingresso, mas também a permanência das/os estudantes.

Nesse sentido, Norbert Elias, ao analisar os processos sociais, ressalta que as relações entre grupos distintos são atravessadas por tensões e lutas por reconhecimento. Elias (2008) mostra que os indivíduos e coletividades se envolvem em redes de interdependência que condicionam suas possibilidades de ação. No caso da UFGD, as reivindicações estudantis evidenciam justamente esse entrelaçamento: as/os discentes, dependentes das políticas institucionais, pressionavam a gestão para que suas necessidades fossem incorporadas à estrutura da universidade. Essa dinâmica remete também ao que Elias (1994) discute, quando enfatiza que a transformação social ocorre de maneira gradual, por meio de conflitos, negociações e acomodações entre grupos em posições de poder.

Assim, as demandas por restaurante, moradia e creche não podem ser vistas como meros pedidos pontuais, mas como parte de um processo civilizador dentro da universidade, em que

o movimento estudantil buscava superar barreiras de exclusão, ampliando o espaço de cidadania e promovendo uma redefinição da própria função social da instituição.

Outro depoimento da professora Magda Sarat, encontrado nos escritos de Moraes (2022, p. 293), revela que:

[...] a UFGD nascia cheia de perspectivas. Tínhamos verba e vontade de fazer as coisas. Fazíamos coletivamente, ouvindo as bases em incansáveis horas de reuniões promovidas pela administração e capitaneada pelo professor Damião (Depoimento da coordenadora da COAE 2006-2008, professora Magda Sarat, em 29/12/2020).

O depoimento da professora Magda evidencia um momento crucial marcado pelo comprometimento coletivo e pela abertura democrática na gestão da UFGD. A ênfase na “vontade de fazer as coisas” e na prática de ouvir as bases indica um processo participativo, raro em muitas instituições, que geralmente se organizam em modelos mais centralizadores. Ao destacar o protagonismo da comunidade acadêmica e o papel articulado da administração, o depoimento ressalta um ideal de universidade que nasce comprometida com o diálogo e a construção compartilhada. Contudo, esse mesmo entusiasmo pode ser lido criticamente como parte de uma fase inicial de implementação em que a disponibilidades de recursos e o engajamento político, com o tempo, poderia sofrer tensões diante das limitações orçamentárias e burocráticas que afetam o ensino superior público. Diante desta realidade, Moraes (2022, p. 297) pontua:

Demos início a elaboração e implementação de uma Política de Assistência Estudantil com ações e programas estruturais e estruturantes. Foi o caso de algumas obras, com orçamentos relativamente altos, além de equipamentos e mobiliários, também com orçamentos impactantes. Citamos o restaurante Universitário, a Moradia Estudantil e o Centro de Educação Infantil (CEI) que foram prédios licitados, construídos e completamente equipados, entre 2008 e 2012, com orçamentos significativos do Pnaes.

Frente a esta realidade orçamentária, a professora Magda cita em entrevista a chegada desta verba do Plano Nacional para Estudantes. De acordo com a professora tratava-se de um recurso expressivo, voltado especialmente para a infraestrutura e, segundo ela, este momento foi de entusiasmo e de grande envolvimento coletivo. E no conjunto desta fala a professora menciona que após várias reuniões, escuta dos acadêmicos dentre as inúmeras reivindicações, das/os estudantes, como a construção do restaurante, moradia, melhoria dos prédios, auxílio alimentação, bolsa permanência e a construção de uma creche, ela faz o seguinte questionamento: *“como nós vamos gastar este dinheiro? Já que o dinheiro é de vocês, como vocês querem que este dinheiro seja gasto?”*.

Ao perguntar às/aos estudantes como desejavam aplicar o recurso, a professora Magda aciona uma perspectiva pedagógica que ultrapassa as práticas tradicionais de gestão, rompendo com uma lógica vertical e convoca as/os estudantes à cogestão, compreendendo-as/os como sujeitos políticos. Com esta postura podemos analisar em uma perspectiva à luz de Paulo Freire, que defende uma educação baseada no diálogo e na participação ativa das/os educandos como sujeitos históricos e “coautores do mundo” (Freire, 1996).

A partir daí muitas ideias começaram a aparecer. Havia uma demanda muito forte em torno da criação do Restaurante Universitário (RU), da melhoria do transporte e, também, da construção de uma moradia estudantil. Essas eram pautas constantes entre as/os estudantes, especialmente porque, na época, o transporte era um verdadeiro caos.

Se, nos primeiros anos da UFGD, o movimento estudantil tensionava a universidade em torno de pautas como alimentação, moradia e transporte, ampliando o debate sobre permanência e assistência, é preciso reconhecer que essas demandas também eram atravessadas por experiências específicas, marcadas por desigualdades e responsabilidades desigualmente distribuídas. Entre elas, destacam-se as vivências das mulheres, estudantes, servidoras e docentes, que, ao mesmo tempo em que participavam das mobilizações coletivas, enfrentavam desafios particulares relacionados à maternidade, ao cuidado e à conciliação entre vida acadêmica e vida familiar.

Assim, a luta pela criação do CEI não pode ser compreendida apenas como desdobramento do movimento estudantil, mas também como expressão de tramas mais profundas, nas quais a presença feminina na universidade tensionava as estruturas institucionais e reivindicava condições concretas de permanência. É nesse ponto que a narrativa se desloca para a luta das mulheres, entendida como parte dos movimentos que deram forma à universidade que se consolidava.

Ao falar sobre a luta das mulheres, reconheço que não escrevo de um lugar neutro. Minha trajetória pessoal e profissional atravessa as reflexões que aqui se anunciam. Sou mulher, mãe de três filhos, professora da educação infantil e, hoje, mestrande, preciso ressaltar um percurso que não se construiu de forma linear, tampouco desprovido de desafios. Entre jornadas de trabalho, cuidados maternos, responsabilidades acadêmicas, fui compreendendo que minha história se entrelaça às histórias de tantas outras mulheres que, silenciosa ou explicitamente, lutaram por condições de permanência, formação e reconhecimento no interior da universidade. A decisão de narrar a luta das mulheres neste contexto não é apenas um recorte temático da pesquisa, mas também um gesto de reconhecimento, conto a minha própria história, marcada

por resistências cotidianas, redes de apoio e pela convicção de que ocupar o espaço da Pós-Graduação é, também, um ato político e coletivo.

Narrar essa luta não significa apenas registrar fatos, mas reconhecer experiências, afetos e resistências que atravessam a memória institucional e que foram fundamentais para a construção de espaços e possibilidades, dentre elas, as demandas que culminariam na criação do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, como um centro de educação infantil no interior da universidade.

Assim como a professora Magda Sarat afirmou, no âmbito da COAE e do próprio CEI, havia uma presença marcante de mulheres, especialmente nas etapas iniciais, o que conferiu ao projeto uma sensibilidade particular voltada à escuta e ao cuidado. Contudo, ao deslocar o olhar para a universidade como um todo, fez uma crítica contundente, segundo sua narrativa, a Universidade Federal da Grande Dourados nasceu de um grupo que, embora tivesse uma orientação política de esquerda, mantinha uma estrutura fortemente marcada pelo machismo.

O núcleo fundador era composto majoritariamente por homens, professores das áreas de História e Geografia, configuração que influenciou a cultura institucional e as relações de poder desde o início. De acordo com a professora, o curso de História ainda hoje mantém um perfil predominantemente masculino, evidenciando permanências de uma origem institucional marcada por esse predomínio e por práticas machistas.

Declarou, de forma enfática, que esse traço era visível em diversas ações e situações vivenciadas no início da UFGD, mas também reconheceu que algumas mulheres conseguiram romper essas barreiras e se afirmar com segurança. Entre elas, citou a professora Ceres Moraes¹⁷, a quem descreveu como uma mulher forte, que sempre defendeu suas posições e enfrentou os desafios dentro desse ambiente predominantemente masculino.

Destacou a resistência e a persistência das mulheres que, ao longo do tempo, vêm “*bancando*”, discutindo e compondo com esses grupos uma tentativa constante de existir e se manterem ativas nos espaços institucionais. Para ela, o fato de haver crianças circulando pelos corredores da universidade, especialmente com a criação do Centro de Educação Infantil, representa uma grande conquista. Ela afirma que a presença das crianças e das mulheres dentro

¹⁷ Imprescindível trazer aqui sobre a professora dra. Ceres Moraes, sua presença constante e importância fundamental nas lutas pela universidade, desde aluna no curso de História e depois como professora concursada ainda no Campus UFMS (1987). Como segunda coordenadora da Coordenadoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, posteriormente Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis, esteve à frente das batalhas pela consolidação de políticas de Assistência Estudantil, dentre elas, a criação e implementação do CEI UFGD, até a sua aposentadoria no ano de 2014.

da universidade é um símbolo de resistência e vitalidade uma prova de que, sem elas, “*o mundo para*”.

O ambiente universitário, exige das mulheres estratégias permanentes de conciliação e resistência. Ainda a partir das narrativas da professora Magda Sarat, ela conta sobre seu ingresso no Doutorado e salienta que fez sem afastamento, trabalhando no curso de Pedagogia e viajando semanalmente do Paraná para São Paulo, durante todos os seus créditos. Diante desta narrativa, olho para o meu contexto, ao percorrer 200km semanalmente para Dourados, idas e vindas com meu esposo e filho caçula, ambos comigo nesta jornada para conquistar o título de mestre. Assim como eu, muitas mulheres são atravessadas por adversidades, enfrentam lutas que na maioria das vezes são levadas a desistirem da tão almejada carreira profissional.

Em entrevista com a professora Célia Maria, mãe de Maria Alice, ela também nos faz refletir sobre este lugar de luta. Quando perguntamos a ela, se havia acompanhado o movimento dos estudantes, em especial a luta pela criação de um espaço dentro da universidade, uma luta da qual Maria Alice participou de forma efetiva e determinada, a mãe e professora Célia Maria, nos responde retrocedendo e revisitando a sua própria trajetória. E com um tom bastante tranquilo, mas profundamente implicado, explicou que, ao pensar sobre esse movimento e sobre o envolvimento da filha, era impossível não retomar a própria experiência de mulher, mãe e estudante. É possível, então, perceber que a professora Célia Maria ao relembrar o passado não faz apenas um movimento de voltar às lembranças, mas um modo de comparar a relação entre a sua trajetória e a da filha, entre o que viveu e o que Maria Alice viria a experienciar dentro da universidade.

A professora Célia Maria nos contou que ingressou na universidade aos trinta anos, já com os filhos pequenos. Naquele período, o primogênito, Gabriel, tinha entre sete e oito anos, Maria Alice era dois anos mais nova, e a caçula, Luna, tinha três anos. O marido, Rogério, cursava o mestrado, preparando-se para o doutorado, e a família vivia em Jaboticabal, enquanto ela estudava em Araraquara, na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Recordou as viagens constantes, o cansaço das distâncias e o desafio de conciliar as múltiplas tarefas que recaíam sobre ela: o estudo, a maternidade e o cuidado com a casa. Enquanto a escutava, era como se ela narrasse também a minha própria trajetória, pois nesse processo formativo que vivo, não há separação entre a mãe, a esposa e a pesquisadora: *é viverpesquisarnarrarformar*.

Essa experiência evidencia aquilo que Heleieth Saffioti (1976) analisou ao discutir a inserção das mulheres no espaço público sem a devida partilha das tarefas de casa. A presença feminina na universidade não eliminou a presença socialmente atribuída à mulher no cuidado com a família; ao contrário, intensificou o acúmulo de funções. A trajetória da professora Célia

Maria evidencia essa estrutura: estudar não significava suspender a maternidade, mas intensificá-la¹⁸. A universidade aparecia como espaço de emancipação, mas também como cenário onde se tornava evidente a desigualdade na organização do tempo e do trabalho.

Enquanto a professora Célia Maria falava, era possível perceber que o “retroceder” ao passado servia para compreender o presente. A lembrança de sua própria jornada como mulher e mãe universitária revelava os valores que atravessaram a formação de Maria Alice, especialmente o de responsabilidade social e o de lutar para transformar a realidade ao redor. Nesse ponto, o diálogo com Joan Scott (1990) nos faz compreender que não se trata apenas de experiências individuais, mas de experiências construídas socialmente, pois as experiências não são neutras. Para Scott (1990), gênero organiza simbolicamente as relações de poder. Assim, a experiência da estudante-mãe não é acidental; ela é produzida dentro de um sistema que naturaliza a dissociação entre produção intelectual e cuidado, como se este último fosse exterior à vida acadêmica.

Portanto, ao responder à pergunta sobre se acompanhou a luta da filha e o movimento estudantil, a professora Célia Maria ao rememorar sua história de estudante-mãe, exemplifica como as lutas de hoje são oriundas nas experiências de ontem. O gesto de retroceder no tempo é, portanto, um gesto de formação, da mãe que, ao narrar, reconhece em sua história o compromisso ético e político, orientou e de certa forma influenciou a vida da filha.

Ao narrar sua trajetória como estudante de Ciências Sociais na Unesp, a professora Célia Maria, destaca que este foi um período de muita dedicação, era preciso conciliar entre o sonho de estudar e as responsabilidades da maternidade. Contou que organizava sua rotina de modo a dar conta de tudo: *“Eu dava o suporte, levava para a escola, deixava a comida pronta, deixava uma amiga, vizinha, alerta”*. Recorda que, muitas vezes, os filhos permaneciam sozinhos em casa das seis da tarde até a meia-noite, enquanto ela viajava ou cumpria compromissos da universidade. *“Se fosse nesse atual momento”*, refletiu, *“provavelmente eu teria sido denunciada pelo Conselho Tutelar, independente de toda a segurança que eu sentia estar proporcionando”*.

Quando a professora declarou que organizava a rotina para *“dar conta de tudo”* e, aí, podemos ver a sobrecarga que recai sobre a mulher. Sua reflexão de que, *“se fosse nesse atual momento”*, poderia ter sido denunciada ao Conselho Tutelar, revela como a maternidade é vigiada e moralmente regulada. A estudante-mãe vive uma dupla exigência, produzir

¹⁸ Fundamental destacarmos aqui que a maternidade biológica é a que envolve as mulheres nesta pesquisa. Contudo, realçamos o nosso conhecimento, compreensão e respeito pelas escolhas de mulheres e de diversas famílias pela não maternidade biológica. Evidenciamos, também, a importância de todas e todos que cuidam de mães, pais, familiares, bem como a potência das redes de mulheres.

academicamente, bem como corresponder ao ideal que a sociedade nos cobra em relação a maternidade.

Mais adiante a professora contou que iniciou o mestrado, cujo tema eram os projetos de vida de mulheres jovens. Seu interesse era compreender se, no início dos anos 2000, as mulheres ainda almejavam casar e ter filhos ou se buscavam maior autonomia profissional. “*Meu projeto de mestrado foi esse*”, explicou. “*Então, meus filhos cresceram vendo esse movimento meu em relação à universidade*”. Neste sentido, podemos destacar esta fala da professora como um ponto fundamental em relação a escolha do tema de seu projeto, porque essa escolha não é neutra, ela é atravessada pelas experiências vividas ao longo de sua trajetória. Neste contexto, as narrativas (auto)biográficas possibilitam compreender como os sujeitos atribuem sentidos às suas experiências e reelaboram acontecimentos de suas vidas. Como observam Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 371), os “[...] indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha [...]”. Assim, ao investigar projetos de vida de mulheres jovens, a professora Célia Maria, também elaborava suas próprias vivências e escolhas, transformando aspectos de sua trajetória em objeto de pesquisa.

Continuamos, e percebemos que há um entrelaçamento entre o cotidiano familiar e a formação acadêmica, entre a mulher que estudava e a mãe que educava. Ao contar sua história, a professora aponta um percurso em que a universidade não é apenas um espaço de aprendizado, mas, também, um espaço de resistência e afirmação pessoal.

E foi nesse contexto familiar, que Maria Alice cresceu, presenciando uma forma de vida em que maternidade, estudo e engajamento eram indissociáveis. A luta pela criação do Centro de Educação Infantil na UFGD não surge, portanto, de forma isolada, mas como um produto daquilo que foi vivenciado por Célia Maria-mãe, Maria Alice-filha e tantas outras mulheres neste mesmo contexto de vida e histórias. Sendo assim, se a mãe experimentou a universidade sob a tensão e a falta de políticas de cuidado, a filha transforma essa ausência em pauta prioritária.

A luta das mulheres ontem, em nossa pesquisa, se apresenta na manifestação coletiva das alunas pela criação de um centro de educação infantil, revelando que a permanência na universidade é atravessada por relações de gênero.

Desse modo, a luta pelo CEI pode ser compreendida como parte de um movimento mais amplo das mulheres na universidade brasileira, um movimento que busca não apenas acesso, mas condições efetivas de permanência, reconhecimento e transformação das culturas institucionais.

Entendemos e trazemos aqui sobre a presença feminina na universidade, pois esta não significou, automaticamente, a transformação nas estruturas institucionais. Como problematiza Guacira Louro (2014), os espaços educacionais são constituídos por relações de gênero, o que ajuda a compreender porque experiências ligadas à maternidade e ao cuidado, muitas vezes, permanecem pouco consideradas. Nesse cenário, a trajetória da professora Célia Maria, e de tantas outras, evidencia que estudar não significava suspender a maternidade, mas intensificá-la.

É nesse horizonte que a reivindicação pela creche chega à professora Magda Sarat, não como demanda isolada, mas como expressão concreta de um conflito entre a organização universitária e as condições reais de vida das mulheres. A luta pelo CEI UFGD demonstra que permanecer na universidade, para muitas estudantes, técnicas e docentes mães, exigia negociações invisibilizadas, redes de apoio improvisadas e sobrecargas cotidianas.

Embora não seja objetivo desta seção desenvolver uma discussão aprofundada sobre gênero, torna-se basilar explicitar a categoria que fundamenta a análise. Nesse sentido, recorreremos à formulação de Joan Scott (1990), para quem gênero não se refere a um dado exclusivamente biológico, mas à construção social e cultural produzida a partir da diferença sexual. Conforme Scott (1990, p. 4), inspirada em leituras de Menegat (2009), trata-se de “uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres”. Tal compreensão desloca a maternidade do campo da natureza para o campo da história, permitindo entendê-la como experiência atravessada por relações de poder, normas institucionais e expectativas sociais.

Assim, ao situar a reivindicação do CEI nesse movimento mais amplo das mulheres na universidade, reconhecemos que a luta pela creche não era apenas por um espaço físico destinado às crianças, mas por reconhecimento institucional das condições concretas que atravessam a vida acadêmica das mulheres.

A professora Magda Sarat, narra que, em meio a intensas reuniões e discussões na COAE, recebeu o pedido da construção da creche na universidade, reivindicação oriunda de um grupo de alunas do curso de Biologia. Segundo a professora, a demanda surgiu após um fato marcante na época: cerca de oito ou nove alunas da Biologia haviam engravidado. Como o curso funcionava em período diurno, essa situação gerou um impacto significativo, pois eram justamente as mulheres que precisavam interromper os estudos para cuidar das/os filhas/os. Ela mencionou, ainda, que um aluno também participou das reuniões, pois ele e a namorada “engravidaram”, ou seja, “um futuro pai” se envolveu na luta. A professora ainda ponderou que tal situação foi muito própria curso, o que reforçava a necessidade de discutir sobre a criação

da creche. Destacou que as alunas se organizaram e compareceram juntas à reunião, demonstrando grande envolvimento e consciência sobre a importância da proposta. Entre elas, ela recordou especialmente de Maria Alice Silvestre, filha de um colega professor que também havia chegado recentemente à UFGD, fazendo parte do grupo de docentes efetivados a partir dos concursos de 2006 e, principalmente, de 2007.

A presença das alunas organizadas, indo juntas solicitar a reunião, denota que a permanência na universidade não depende apenas do acesso, mas de condições estruturais que contemplem as especificidades de gênero; a compreensão de que a maternidade, especialmente quando vivida durante a formação acadêmica, não deve significar abandono dos estudos. Nesse sentido, a demanda por uma creche universitária transcende o pedido por um serviço e se inscreve no campo da política de permanência, justiça social e equidade de gênero. Ela expressa a luta por um ambiente acadêmico capaz de acolher a pluralidade das trajetórias e realidades dos sujeitos que o compõem. Podemos dizer que a professora Magda Sarat, neste momento, se vê diante de uma demanda que não era apenas administrativa, mas profundamente ética, social e formativa. Para a professora Magda, o pedido das alunas pela criação de uma creche refletia não apenas uma necessidade prática, mas também o espírito de transformação e de construção coletiva que caracterizava aquele momento de efervescência na universidade.

Na narrativa da professora Célia Maria, esse mesmo movimento ganha contornos mais íntimos e, ao mesmo tempo, profundamente políticos. Ao recordar aquele período, ela afirma de maneira direta: *“Várias meninas engravidaram”*. A constatação não aparece como dado isolado, mas como sinal de uma realidade que começava a inquietar sua filha dentro e fora da universidade. Segundo Célia, as conversas iniciaram no espaço doméstico: *“E a Maria começou a trazer essas questões pra casa: ‘Olha, as meninas estão grávidas, não tem espaço, as meninas estão desistindo’”*.

O que começa como assunto compartilhado à mesa de casa transforma-se em inquietação ética. Maria Alice, descrita pela mãe como militante e sensível às desigualdades, não se limitava a observar a situação; ela se deixava afetar pela situação. Ao trazer para casa as histórias das colegas que abandonavam o curso diante da maternidade, Maria Alice rompe com o silêncio em torno da maternidade no espaço acadêmico. O fato de “falar disso” é, em si, um ato de resistência. Como destacam Reis, Baroni e Bragança (2024), narrar é um modo de “habitar a terra em contato com o outro” e, nesse caso, Maria Alice habita a universidade em contato com as dores e necessidades das outras mulheres ao seu redor.

Essa passagem do privado ao público permite compreender, à luz de Joan Scott (1990), que gênero não se refere apenas às diferenças entre homens e mulheres, mas constitui “uma

forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1990, p. 86). A ausência de uma creche universitária não era uma simples lacuna administrativa, ela expressava uma organização institucional construída sob pressupostos que desconsideravam a experiência feminina da maternidade. Ao problematizar a evasão das colegas, Maria Alice evidencia como as estruturas acadêmicas reproduziam desigualdades de gênero, ao pressupor um sujeito universitário desvinculado do cuidado e da reprodução social.

A professora Célia Maria conta que, à medida que as conversas se intensificavam, a pauta deixava de ser apenas preocupação individual e se convertia em mobilização: “*Essa virou uma pauta importante pra elas*”. Isto revela que não se tratava apenas da experiência de uma ou outra estudante, mas da construção de uma consciência coletiva entre as alunas. A maternidade das colegas evidenciava a ausência de políticas de permanência capazes de garantir às mulheres o direito de continuar estudando, que “ser mãe” não implicasse abdicar da formação acadêmica.

Foi nesse contexto que, conforme recorda a mãe, Maria Alice e as demais estudantes decidiram procurar a professora Magda Sarat: “*Elas procuraram a Magda, e a Magda super acolheu essa ideia*”, afirmou. A inquietação que nascera nas conversas entre colegas e nas falas partilhadas em casa encontra escuta institucional. A demanda deixa de ser apenas denúncia e passa a se configurar como proposta.

Esta narrativa da professora Célia Maria, evidencia o contraste entre trajetórias interrompidas e trajetórias que se transformam em luta. Ao mencionar casos de estudantes que desistiram do curso após a gravidez, como a jovem que teve gêmeas e precisou abandonar a graduação, sua fala ilumina as desigualdades de gênero presentes na educação superior. Se, como afirma Scott (1990), o gênero organiza simbolicamente as relações sociais e legitima hierarquias, a interrupção quase automática das trajetórias femininas diante da maternidade é retrato da realidade viva, acontecendo e que precisava/precisa mudar.

Nesse cenário, a mobilização pela creche representava mais do que um espaço físico, era a afirmação de que a universidade precisava reconhecer a maternidade como parte legítima da experiência acadêmica.

A criação do Centro de Educação Infantil (CEI) da Universidade Federal da Grande Dourado (UFGD), nesse sentido, começa a se delinear como resultado do entrelaçamento entre mobilização estudantil, escuta institucional e a desistência como destino das jovens mães universitárias.

Como destacou a professora Magda Sarat, a creche surgiu de um desejo genuíno das alunas, de um sonho coletivo e de uma militância voltada às necessidades estudantis. A

professora enfatiza que este protagonismo das alunas precisava ficar muito explícito, pois a iniciativa nasceu dentro da Coordenadoria de Assuntos Estudantis (COAE), e a verba utilizada era justamente desta área. Neste ato, ainda relembra que, ouviu muitas críticas do tipo: *“Só a UFGD constrói uma creche para alunos, onde já se viu?”*. Para essas observações, ela esclarece que a universidade havia agido assim, justamente porque os recursos eram provenientes dos próprios estudantes, e na sua visão, *“quem paga manda”*. Continua a sua declaração: *“Então, o dinheiro era dos alunos, eles foram ouvidos e o dinheiro foi investido naquilo que eles solicitaram. Em ouvir a necessidade das mulheres, das meninas e das alunas, foi o caso da sensibilidade do professor Damião Duque de Farias, em parceria com um governo que estava alinhado no mesmo propósito de pensar a universidade, as crianças, as desigualdades, as necessidades...”*.

A criação do CEI UFGD, neste contexto, se apresenta como uma política sensível à maternidade, reconhecendo que a falta de suporte costuma atingir principalmente as mulheres, que historicamente enfrentam maiores obstáculos para conciliar os estudos, trabalho e cuidado.

SEÇÃO 3 - HISTÓRIAS PARA LEMBRAR E MARCAR

“A história é sempre a história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (Elias, 1994, p. 45).

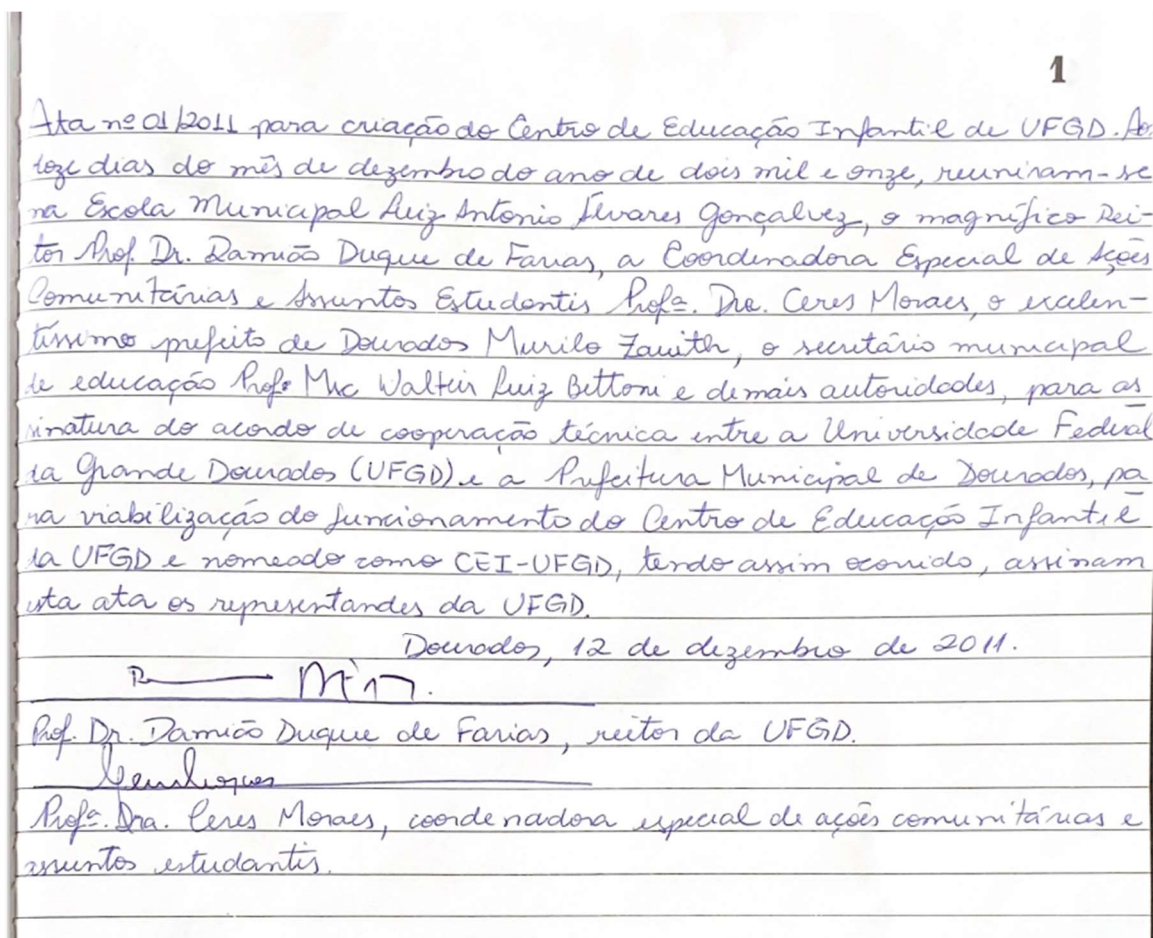
Nesta Seção 3 intitulada “Histórias para lembrar e marcar”, a nossa proposta foi percorrer os caminhos que foram trilhados para a criação e a implementação do Centro de Educação Infantil (CEI) no interior da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Ao revisar atas, resoluções e outros registros institucionais, não buscamos apenas reconstituir fatos, mas compreender os sentidos que foram sendo tecidos naquele momento inaugural. E trazendo Norbert Elias para o diálogo, almejamos lembrar e marcar as histórias como “[...] uma vida conjunta de muitos” (Elias, 1994, p. 45).

Assim, ao narrar esse percurso, reconheço que também me implico nele, pois contar a história do CEI é, de certo modo, aproximar-me das tramas que constituem a própria universidade e das experiências que atravessam minha trajetória como professora da Educação Infantil, naquele espaço. Assim, esta seção entrelaça documentos e memórias, instituição e experiência, buscando compreender como o CEI foi se consolidando como parte viva da/na história da UFGD.

3.1 A História da fundação do CEI UFGD (2008-2012)

Ao fazer o movimento de recuar ao dia 12 de dezembro de 2011, apresentamos a seguir a Imagem 3, na qual poderemos ler na denominada Ata nº 01/2011, sobre a criação do “Centro de Educação Infantil da UFGD”.

Imagem 3: Ata nº01/2011



Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

Transcrição do documento – Imagem 3

Ata nº01/2011 para criação do Centro de Educação Infantil de UFGD. Aos doze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e doze, reuniram-se na Escola Municipal Luiz Antônio Tavares Gonçalves, o magnífico Reitor Prof. Damião Duque de Farias, a Coordenadora Especial de Ações Comunitárias e Assuntos Estudantis Profª Dra. Ceres Moraes, o excelentíssimo prefeito de Dourados Murilo Zauith, o secretário municipal de educação Profº Mec Walter Luiz Bettoni e demais autoridades, para assinatura do acordo de cooperação técnica entre a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Prefeitura Municipal de Dourados, para viabilização do funcionamento do Centro de Educação Infantil da UFGD e nomeado como CEI-UFGD, tendo assim ocorrido, assinam esta ata os representantes da UFGD.

Dourados, 12 de dezembro de 2011.

Prof. Dr. Damião Duque de Farias, reitor da UFGD.

Profª Dra. Ceres Moraes, coordenadora especial de ações comunitárias e eventos estudantis.

Em nosso primeiro contato com o CEI Maria Alice Silvestre, em busca das fontes, realizado no dia 03 de setembro de 2024, a secretária nos disponibilizou, posteriormente via e-mail, os seguintes documentos: cópia da Ata de nº001/2011, data que se refere a criação do CEI UFGD e o Estatuto da APM, este, porém, não se encontra dentro do nosso recorte temporal, visto ser do ano de 2022, daí optarmos por não trazer aqui.

A Ata nº 01/2011, apresentada anteriormente na Imagem 3, é o documento que registra oficialmente a criação do CEI UFGD, posteriormente denominado CEI Maria Alice Silvestre e, como tal, constitui-se como fonte primordial para compreendermos os primeiros passos da instituição, revelando não apenas o Ato formal de sua fundação, mas também expectativas e sentidos à sua existência naquele momento histórico. Enquanto documento inaugural, carrega o peso simbólico de marcar o início de uma trajetória institucional.

Precisamos destacar, a criação do CEI UFGD esteve marcada por um movimento de articulação entre diferentes esferas de poder: a universidade, a prefeitura e demais autoridades municipais. O registro na referida Ata, da presença do reitor, da coordenadora de ações comunitárias e estudantis, do prefeito de Dourados e do secretário de educação revela que a fundação do centro extrapola uma decisão meramente administrativa, assumindo um caráter político e simbólico. Nesse sentido, a ata não só formaliza a criação do CEI, mas também projeta uma imagem de cooperação harmônica entre UFGD e poder público municipal, ocultando possíveis divergências e disputas que possam ter ocorrido nos bastidores. Nesse processo, podemos dialogar com Elias (1994), para quem as relações de poder não são posses fixas, mas teias de interdependência nas quais diferentes atores disputam posições e exercem influência mútua.

Em outra visita realizada ao CEI Maria Alice Silvestre, no dia 19 de setembro de 2024, na ausência da coordenação e da secretária, nos recebeu a estagiária que prontamente colaborou. Nesta ocasião pedimos todas as Atas, desde a sua criação. Não tendo muito êxito, nos disponibilizou apenas uma, referente as reuniões pedagógicas e reuniões com as famílias. Nela obtivemos informações pertinentes à nossa pesquisa, informações com as quais, como explana Julia (2001, p. 17), o “historiador pode fazer flechas com qualquer madeira”. Considerando a afirmação do autor, entendemos que toda informação encontrada nos arquivos pode e deve ser interpretada pelo historiador/pesquisador de maneira a contribuir com o conhecimento.

Em visita à Secretaria Municipal de Educação de Dourados (SEMED), no dia 04 de setembro, nos fora permitido olhar a pasta do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre com toda documentação da instituição, mas sem a autorização de tirarmos cópias. A responsável justificou que para uma próxima pesquisa irá pedir permissão para tal. Na pasta encontramos

documentos como: Diário Oficial da União, que trata do acordo de Cooperação Técnica celebrado entre a Universidade Federal da Grande Dourados e a Prefeitura Municipal de Dourados; o Diário Oficial da União, referente a Ata de fundação da APM da instituição; a resolução de nº 232, com a aprovação da indicação do nome do CEI UFGD para CEI Maria Alice Silvestre.

O documento publicado no Diário Oficial da União, referente ao Acordo de Cooperação Técnica entre a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Prefeitura Municipal de Dourados, constitui uma fonte documental estratégica para compreendermos os mecanismos institucionais e legais que sustentam as ações desenvolvidas no CEI. Segue a Imagem 4 com o registro do referido documento, destacando que já disponibilizamos no início da nossa Dissertação, quer seja, na “Introdução: *pesquisa* formação, narrativa e (auto)biográfica”, uma primeira imagem deste registro, inclusive com transcrição do conteúdo.

Imagem 4: Diário Oficial da União

44

ISSN 1677-7069

Diário Oficial da União - Seção 3

Nº 238, terça-feira, 13 de dezembro de 2011

RESULTADO DE JULGAMENTO
TOMADA DE PREÇOS Nº 2/2011

A UFCSA torna público o julgamento das propostas apresentadas junto a Tomada de Preços 002/UFCSA/2011, onde se tem classificadas em primeiro lugar a empresa SISPRE ARQUITETURA E SISTEMAS DE SEGURANÇA LTDA ME, ao preço global de R\$ 218.792,62 CPL.

MIRIAM DA COSTA OLIVEIRA
Reitora

(SISEC - 12/12/2011) 154032-15270-2011NE800001

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL
DA GRANDE DOURADOS

EXTRATOS DE ACORDOS DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

Espécie: Acordo de Cooperação Técnica nº 057/2011. Processo UFPG 23005.001675/2011-92, celebrado entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias - EMBRAPA. CNPJ 00.348.003/0001-10. Objeto: Estabelecer integração de esforços entre as partes, objetivando o fortalecimento de programas de pós-graduação strictu sensu ministrados pela UFPG, bem como, de programas de pesquisas da EMBRAPA, mediante a utilização de recursos humanos e materiais disponíveis, nas áreas de Produção Vegetal, Produção Animal e Entomologia, nas áreas de atuação e interesses comuns. Vigência: 05 anos. Data da assinatura: 29/11/2011. Signatários: Prof. Dr. Danilo Duque de Farias - Reitor da UFPG e Pedro Antonio Arraes Pereira - Diretor Presidente.

Espécie: Acordo de Cooperação Técnica nº 05/2011. Processo UFPG 23005.001991/2011-64, celebrado entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e a Prefeitura Municipal de Dourados-MS. CNPJ 03.115.928/0001-44. Objeto: cooperação de esforços entre os participantes com vistas a fazer funcionar o Centro de Educação Infantil - CEI, localizado na Unidade II da UFPG, em Dourados. Vigência: 05 anos. Data da assinatura: 12/12/2011. Signatários: Prof. Dr. Danilo Duque de Farias - Reitor da UFPG e Munilo Zanetti - Prefeito de Dourados.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

AVISO DE LICITAÇÃO

PREÇÃO Nº 148/2011 - UASG 150248

Nº Processo: 23005002117201114. Objeto: Pregão Eletrônico - Aquisição de Material de Consumo Hospitalar (Sondas, tubos e câmbios). Total de Itens Licitados: 00153. Edital: 13/12/2011 às 08h00 às 12h00 e de 14h às 17h00. Endereço: Rua Gerônimo Marques Matos, 558 Jardim Florida I - DOURADOS - MS. Entrega das Propostas: a partir de 13/12/2011 às 08h00 no site www.comprasnet.gov.br. Informações Gerais: Senhores Fornecedores, queiram por gentileza fazer cotação conforme exigências e especificações do edital e seus anexos.

FELIPE CARVALHO SILVA DE JESUS
Pregoeiro

(SISEC - 12/12/2011) 150248-26350-2011NE800788

RESULTADO DE JULGAMENTO
PREÇÃO Nº 143/2011

Foi vencedora do certame a empresa UNIVALE SERVIÇOS E COMERCIO LTDA CNPJ 08.839.835/0001-90 pelo valor total de R\$ 7.800,00.

WEDSON DESIDERIO FERNANDES
Diretor-Geral

(SISEC - 12/12/2011) 150248-26350-2011NE800788

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL
DO MARANHÃO

EXTRATO DE CONTRATO Nº 44/2011 UASG 154041

Nº Processo: 2311301851201157.
DISPENSA Nº 75/2011 Contratante: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. CNPJ Contratado: 33330486000129. Contratado: EMPRESA BRASILEIRA DE TELECOMUNICAÇÕES S A EMBRATEL. Objeto: Contrato de prestação de serviços telefônicos fixo contínuo -STFC. Fundamento Legal: Lei 8666/93, artigo 24, inciso IV. Vigência: 01/09/2011 a 01/03/2012. Valor Total: R\$141.622,68. Fonte: 112000000 - 2011NE801792. Data de Assinatura: 01/09/2011.
(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE800063

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/nstic/index.html>, pelo código 00032011121300044

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 1/2011 UASG 154041

Numero do Contrato: 55/2010.
Nº Processo: 013187201115.
CONCORRÊNCIA SISPP Nº 3/2010 Contratante: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. CNPJ Contratado: 07487058000150. Contratado: URBANA EMPREENDIMENTOS E ENGENHARIA LTDA. Objeto: Termo Aditivo Contratual e de Preço de Execução e Entrega da Obra de Reforma do Departamento de Coordenação e Sanitários e Subestação CCSS. Fundamento Legal: Artigo 37, parágrafo 1º, Inciso I e parágrafo 2º da Lei 8666/93. Vigência: 18/12/2011 a 14/06/2012. Data de Assinatura: 09/12/2011.
(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 2/2011 UASG 154041

Numero do Contrato: 72/2010.
Nº Processo: 015238201117.
CONCORRÊNCIA SISPP Nº 22/2010 Contratante: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. CNPJ Contratado: 1064856000153. Contratado: CONSTRUMEX CONSTRUÇÕES LTDA - Objeto: Termo Aditivo da Adesão de Serviços de Ampliação do Edifício Padrão de Administração e Salas de Aula no Campus Codo. Fundamento Legal: Artigo 37 parágrafo 1º, Inciso I, parágrafo 2º da Lei 8666/93. Vigência: 20/11/2011 a 29/12/2011. Valor Total: R\$148.106,80. Fonte: 112000000 - 2011NE02130. Data de Assinatura: 29/11/2011.
(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

RESULTADO DE JULGAMENTO
CONCORRÊNCIA Nº 17/2011

A Comissão Especial de Licitação da UFMA/PRECAM torna público o Resultado da Análise e Julgamento das Propostas das Empresas da Concorrência nº15/2011-CEL/PRECAM-SICON nº 17/2011. A Comissão classifica as seguintes empresas: CTL-CONSTRUÇÃO-TEKRAFL, LOCAÇÕES LTDA, MPB ENGENHARIA & COMERCIO LTDA, AGC ENGENHARIA LTDA e QUALITECH ENGENHARIA LTDA. Sendo a vencedora do certame a empresa CTL-CONSTRUÇÃO TERRAP LOCAÇÕES LTDA, com valor de R\$ 730.595,26 (setecentos e trinta mil quinhentos e noventa e cinco reais e vinte seis centavos).Desclassificando as seguintes empresas: EAGLE CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS LTDA, EM ENGENHARIA E CONSULTORIA LTDA, e a empresa FRONTAL OBRAS E SERVIÇOS LTDA.

LUÍZ REI DE FRANÇA MARQUES
Presidente da Comissão

(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

RETIFICAÇÃO

No Extrato de Termo Aditivo Nº 1/2011 pu lizado no D.O. de 17/02/2011, Seção 3, Pág. 58. Onde se lê Vigência: 03/02/2011 a 03/12/2011 Leia-se: Vigência: 03/02/2011 a 31/12/2011.
(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO E FINANÇAS

EXTRATO DE DISPENSA DE LICITAÇÃO Nº 201/2011 - UASG 154041

Nº Processo: 0107102011-17. Objeto: Reforço aditivo ao Projeto de Formação de Educadores e Educadoras do Campo, em nível de graduação, no estado do maranhão/Curso Especial de Licenciatura em Pedagogia da terra - PRONERA/UFMA que visa promover a formação de Educadores do campo, em nível superior, para as áreas de Reforma Agrária, no estado do Maranhão. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 24º, Inciso XIII da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Prestar apoio técnico e estrutural à execução do Projeto. Declaração de Dispensa em 13/09/2011. MARIA DE FATIMA DA SILVA FONTES, Assessora de Convênios. Ratificação em 06/12/2011. JOSE AMERICO DA COSTA BARROQUEIRO - Pro-reitor de Gestão e Finanças. Valor Global: R\$ 484.865,16. CNPJ CONTRATADA: 07.066.718/0001-12 FUNDAÇÃO SOUSANDRADE DE APOIO AO DESENVOL DA UFMA.
(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE800061

PRÓ-REITORIA DE RECURSOS HUMANOS

EXTRATOS DE CONVÊNIOS

Nº 005.097.138/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e Banco Bradesco S/A. OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 005.098.139/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e GEOSFERA - Tereza Diniz de Souza Técnica LTDA. OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 005.099.140/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e LT Nuss Distribuidora de Bebidas LTDA (DISBEL). OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 005.100.141/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e AJM DO SANTOS (Lojas ELETROSAT) OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 005.101.142/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e MATTY BIOENERGIA S/A. OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 005.102.143/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e AGRIMED. OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 005.103.144/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e CEDRUS AUTO CENTER LTDA. OBJETO: Concessão de estagio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

EXTRATOS DE TERMOS ADITIVOS

Nº 007.023.023/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Soustrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA - FSADU. OBJETO: alteração do Plano de Trabalho para o remanejamento de recursos entre rubricas, bem como aporte de rendimentos de recursos oriundos da aplicação financeira referente ao Contrato 007.014.017/2010. DATA DA ASSINATURA: 25 de novembro de 2011.

Nº 007.024.024/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Jorne Montello - FIMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato nº 007.033.033/2009. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 007.025.025/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Jorne Montello - FIMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato nº 007.025.025/2011. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 007.026.026/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Jorne Montello - FIMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato nº 007.016.016/2011. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 007.027.027/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Jorne Montello - FIMONTELLO. OBJETO: prorrogação do prazo de execução do Contrato nº 007.009.009/2011. DATA DA ASSINATURA: 25 de novembro de 2011.

Nº 007.028.028/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Jorne Montello - FIMONTELLO. OBJETO: prorrogação do prazo de execução do Contrato nº 007.016.016/2011. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 007.029.029/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Soustrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA - FSADU. OBJETO: alteração da vigência do Contrato Original e o aporte de recursos financeiros oriundos de aplicações financeiras no valor de R\$ 28.674,00 (vinte e oito mil seiscentos e setenta e quatro reais). DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 007.029.030/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Jorne Montello - FIMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato nº 007.030.030/2007. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

Nº 007.030.031/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação FSADU. OBJETO: prorrogação do prazo de execução do Contrato nº 007.014.017/2010. DATA DA ASSINATURA: 2 de dezembro de 2011.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

Fonte: SEMED (2024).



RESULTADO DE JULGAMENTO TOMADA DE PREÇOS Nº 2/2011

A UFCSPA toma público o julgamento das propostas apresentadas junto a Tomada de Preços 002/UFCSPA/2011, onde restou classificada em primeiro lugar a empresa SISPRE ARQUITETURA E SISTEMAS DE SEGURANÇA LTDA ME, ao preço global de R\$ 218.792,62 CPL.

MIRIAM DA COSTA OLIVEIRA
Reitora

(SISEC - 12/12/2011) 154032-15270-2011NE800001

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

EXTRATOS DE ACORDOS DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

Espécie: Acordo de Cooperação Técnica nº 057/2011, Processo UFGD 23005.001675/2011-92, celebrado entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária - EMBRAPA. CNPJ 00.348.003/0001-10. Objeto: Estabelecer integração de esforços entre as partes, objetivando o fortalecimento de programas de pós-graduação strictu sensu ministrados pela UFGD, bem como, de programas de pesquisas da Embrapa, mediante a utilização de recursos humanos e materiais disponíveis, nas áreas de Produção Vegetal, Produção Animal e Entomologia, nas áreas de atuação e interesses comuns. Vigência: 05 anos. Data da assinatura: 29/11/2011. Signatários: Prof. Dr. Damião Duque de Farias - Reitor da UFGD e Pedro Antonio Arraes Pereira - Diretor Presidente.

Espécie: Acordo de Cooperação Técnica nº 05/2011, Processo UFGD 23005.001991/2011-64, celebrado entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e a Prefeitura Municipal de Dourados-MS. CNPJ 03.115.926/0001-44. Objeto: conjugação de esforços entre os participantes com vistas a fazer funcionar o Centro de Educação Infantil - CEI, localizado na Unidade II da UFGD, em Dourados. Vigência: 05 anos. Data da assinatura: 12/12/2011. Signatários: Prof. Dr. Damião Duque de Farias - Reitor da UFGD e Murilo Zauith - Prefeito de Dourados.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

AVISO DE LICITAÇÃO PREGÃO Nº 148/2011 - UASG 150248

Nº Processo: 23005002117201114. Objeto: Pregão Eletrônico - Aquisição de Material de Consumo Hospitalar (Sondas, náboos e cisternas). Total de Itens Licitados: 00155. Edital: 13/12/2011 às 08h00 às 12h00 e de 14h às 17h00. Endereço: Rua Getúlio Marques Matos, 558 Jardim Flórida I - DOURADOS - MS. Entrega das Propostas: a partir de 13/12/2011 às 08h00 no site www.comprasnet.gov.br. Abertura das Propostas: 03/01/2012 às 10h00 no site www.comprasnet.gov.br. Informações Gerais: Senhores Fornecedores, queiram por gentileza fazer cotação conforme exigências e especificações do edital e seus anexos.

FELIPE CARVALHO SILVA DE JESUS
Pregoeiro

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 1/2011 UASG 154041

Número do Contrato: 55/2010.

Nº Processo: 015187201115.

CONCORRÊNCIA SISPP Nº 3/2010 Contratante: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO -MARANHÃO. CNPJ Contratado: 07487058000150. Contratado: URBANA EMPREENDIMENTOS E -ENGENHARIA LTDA. Objeto: Termo Aditivo Contratual e de Prazo de Execução e Entrega da Obra de Reforma de Departamentos e Coordenação e Sanitários e Subestação CCSO. Fundamento Legal: Artigo 57, parágrafo 1º, Inciso I e parágrafo 2º da Lei 8666/93. Vigência: 18/12/2011 a 14/06/2012. Data de Assinatura: 09/12/2011.

(SICON - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 2/2011 UASG 154041

Número do Contrato: 72/2010.

Nº Processo: 015238201117.

CONCORRÊNCIA SISPP Nº 22/2010 Contratante: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO -MARANHÃO. CNPJ Contratado: 10644856000153. Contratado: CONSTRUMEX CONSTRUÇÕES LTDA. Objeto: Termo Aditivo de Acréscimo de Serviços de Ampliação do Edifício Padrão de Administração e Salas de Aula no Campus Codo. Fundamento Legal: Artigo 57 parágrafo 1º, Inciso I, parágrafo 2º da Lei 8666/93. Vigência: 29/11/2011 a 29/12/2011. Valor Total: R\$148.106,80. Fonte: 112000000 - 2011NE802130. Data de Assinatura: 29/11/2011.

(SICON - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

RESULTADO DE JULGAMENTO CONCORRÊNCIA Nº 17/2011

A Comissão Especial de Licitação da UFMA/PRECAM torna público o Resultado da Análise e Julgamento das Propostas de Preços da Concorrência nº15/2011-CEL/PRECAM-SICON nº 17/2011. A Comissão classifica as seguintes empresas: CTL-CONSTRUÇÃO-TERRAPL, LOCAÇÕES LTDA, MP3 ENGENHARIA & COMERCIO LTDA, AGC ENGENHARIA LTDA e QUALITECH ENGENHARIA LTDA. Sendo a vencedora do certame a empresa CTL-CONSTRUÇÃO TERRAPL LOCAÇÕES LTDA, com valor de R\$ 730.595,26 (setecentos e trinta mil quinhentos e noventa e cinco reais e vinte e seis centavos). Desclassificando as seguintes empresas: EAGLE CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS LTDA, EM ENGENHARIA E CONSULTORIA LTDA, e a empresa FRONTTAL OBRAS E SERVIÇOS LTDA.

LUIZ REI DE FRANÇA MARQUES
Presidente da Comissão

(SISEC - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

RETIFICAÇÃO

No Extrato de Termo Aditivo Nº 1/2011 pu blicado no D.O. de 17/02/2011, Seção 3, Pág. 38. Onde se lê: Vigência: 03/02/2011 a 03/12/2011 Leia-se: Vigência: 03/02/2011 a 31/12/2011

(SICON - 12/12/2011) 154041-15258-2011NE900031

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO E FINANÇAS

N.º 005.099.140/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e LT Nunes Distribuidora de Bebidas LTDA (DISBEL). OBJETO: Concessão de estágio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 005.100.141/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e AJM DO SANTOS (Lojas ELETROSAT) OBJETO: Concessão de estágio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 005.101.142/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e MAITY BIOENERGIA S/A. OBJETO: Concessão de estágio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 005.102.143/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e AGRIMED. OBJETO: Concessão de estágio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 005.103.144/2011 CONVENIENTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e CEDRUS AUTO CENTER LTDA. OBJETO: Concessão de estágio. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

EXTRATOS DE TERMOS ADITIVOS

N.º 007.023.023/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Soudade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA - FSADU. OBJETO: alteração do Plano de Trabalho para o remanejamento de recursos entre rubricas, bem como aporte de rendimentos de recursos oriundos de aplicação financeira referente ao Contrato 007.014.017/2010. DATA DA ASSINATURA: 25 de novembro de 2011.

N.º 007.024.024/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Josué Montello - FJMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato n.º 007.055.055/2009. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 007.025.025/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Josué Montello - FJMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato n.º 007.025.025/2011. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 007.026.026/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Josué Montello - FJMONTELLO. OBJETO: prorrogação do Contrato n.º 007.056.056/2011. DATA DA ASSINATURA: 30 de novembro de 2011.

N.º 007.027.027/2011. CELEBRANTES: Universidade Federal do Maranhão - UFMA e a Fundação Josué Montello - FJMONTELLO. OBJETO: prorrogação do prazo de execução do Contrato n.º 007.009.009/2011. DATA DA ASSINATURA: 25 de novembro de 2011

Fonte: SEMED (2024).

Transcrição do documento – Imagem 4 Diário Oficial da União

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

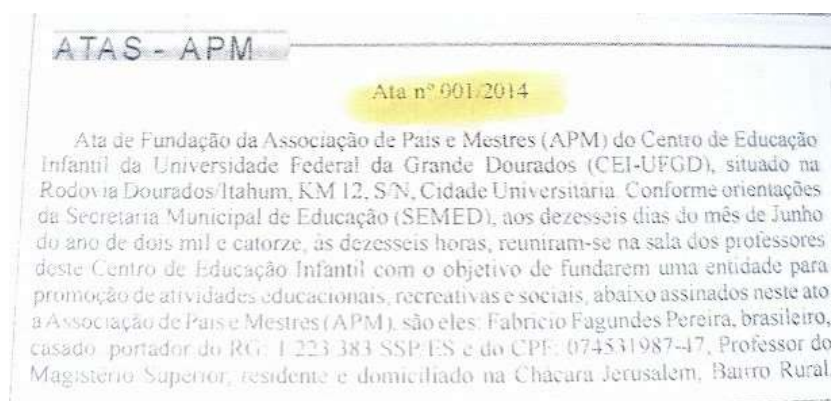
EXTRATO DE ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

Espécie: Acordo de Cooperação Técnica nº 05/2011, Processo UFGD 23005.001991/2011-64, celebra entre a Fundação Universitária Federal da Grande Dourados e a Prefeitura Municipal de Dourados-MS. CNPJ03.115.926/0001-44. Objetivo: conjugação de esforços entre os participantes com vistas a fazer funcionar o Centro de Educação Infantil-CEI, Localizado na Unidade II da UFGD, em Dourados. Vigência: 5anos. Data da assinatura: 12/12/2011. Signatários: Prof. Dr. Damião Duque de Farias – Reitor da UFGD e Murilo Zauith – Prefeito de Dourados.

Seguindo na apresentação dos documentos encontrados, realçamos que a Ata Associação de Pais e Mestres (APM), registrada no momento da fundação do CEI, constitui

uma fonte privilegiada para compreendermos a dimensão comunitária e participativa na origem da instituição. Ela documenta a reunião fundacional, registra a composição dos membros e autoridades presentes, e legitima juridicamente a existência da unidade, vinculando-a a um movimento de criação que envolve não apenas o poder público, mas também a comunidade escolar. Assim, a Ata da APM não apenas relata um acontecimento, mas registra a legitimidade jurídica e simbólica. A análise inicial do documento, portanto, nos permitiu apreender os modos de fundação da unidade e o tipo de relação pretendida entre gestão pública, universidade e comunidade.

Imagem 5: Ata da APM



Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

ATAS - APM	
Ata nº 001/2014	
Ata de Fundação da Associação de Pais e Mestres (APM) do Centro de Educação Infantil da Universidade Federal da Grande Dourados (CEI-UFGD), situado na Rodovia Dourados/Itahum, KM 12, S/N, Cidade Universitária. Conforme orientações da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), aos dezesseis dias do mês de Junho do ano de dois mil e catorze, às dezesseis horas, reuniram-se na sala dos professores deste Centro de Educação Infantil com o objetivo de fundarem uma entidade para promoção de atividades educacionais, recreativas e sociais, abaixo assinados neste ato a Associação de Pais e Mestres (APM), são eles: Fabricio Fagundes Pereira, brasileiro, casado, portador do RG: 1.223.383 SSP/ES e do CPF: 074531987-47, Professor do Magistério Superior, residente e domiciliado na Chácara Jerusalem, Bairro Rural,	Caixa Postal 181, Dourados-MS; Evani Soares, brasileira, união estável, portadora do RG: 1126714 SSP/MS e do CPF: 856.481.321-15, Técnico de Apoio Social, residente e domiciliada na Rua Ignácia de Mattos Brandão, Nº 1970, Jardim Novo Horizonte, Dourados-MS; Carla Cristina Oliveira de Avila, brasileira, casada, portadora do RG: 27.288.340-2 SSP/SP e do CPF: 256008908-42, Professora do Magistério Superior, residente e domiciliada na Chácara Jerusalem, Bairro Rural, Caixa Postal 181, Dourados-MS; Maria Rodrigues de Lima da Silva, brasileira, casada, portadora do RG: 00273116 SSP/MS e do CPF: 39115518191, Merendeira, residente e domiciliada na Fazenda Coqueiro I, Bairro Rural, Dourados-MS; Josilaine Andreia da Silva Gomes, brasileira, casada, portadora do RG: 000.875.737 SSP/MS e do CPF: 778821721-20, Assistente em Administração, residente e domiciliada na Rua Gonçalves Nunes Siqueira, Nº 1280, Jardim Rasslem, Dourados-MS; Maria José da Silva,

Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

ATAS - APM

Ata nº 001/2014

Ata de Fundação da Associação de Pais e Mestres (APM) do Centro de Educação Infantil da Universidade Federal da Grande Dourados (CEI-UFGD), situado na Rodovia Dourados/Itahum, KM 12, S/N, Cidade Universitária. Conforme orientações da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), aos dezesesseis dias do mês de Junho do ano de dois mil e catorze, às dezesesseis horas, reuniram-se na sala dos professores deste Centro de Educação Infantil com o objetivo de fundarem uma entidade para promoção de atividades educacionais, recreativas e sociais, abaixo assinados neste ato a Associação de Pais e Mestres (APM), são eles: Fabricio Fagundes Pereira, brasileiro, casado, portador do RG: 1.223.383 SSP/ES e do CPF: 074531987-47, Professor do Magistério Superior, residente e domiciliado na Chácara Jerusalem, Bairro Rural,

Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

TRASCRIÇÃO DO DOCUMENTO – Imagem 5: Ata da APM

ATAS – APM

Ata nº 001/2014

Ata de Fundação da Associação de Pais e Mestres (APM) do Centro de Educação Infantil da Universidade Federal da Grande Dourados (CEI-UFGD), situado na Rodovia Dourados/Itahum, KM12, S/N, Cidade Universitária. Conforme orientações da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), aos dezesesseis dias do mês de junho do ano de dois mil e catorze, às dezesesseis horas, reuniram-se na sala dos professores deste Centro de Educação Infantil com o objetivo de fundarem uma entidade para promoção de atividades educacionais, recreativas e sociais, abaixo assinados neste ato a Associação de Pais e Mestres (APM), são eles: Fabrício Fagundes Pereira, brasileiro, casado, portador do RG:1.223.383 SSP/ES e do CPF: 0745319847, Professor do Magistério Superior, residente e domicílio na Chácara Jerusalém, Bairro Rural,...

Já na PROAE, em nosso primeiro contato, realizado no dia 19 de setembro de 2024, visto o Pró-Reitor estar em férias, a pessoa responsável neste período, nos orientou a voltarmos em outro momento e que encaminharia a carta, para a devida autorização e acesso aos documentos necessários. Então, retornamos no dia 25 de setembro de 2024 e fomos direcionadas a procurarmos a Coordenadoria de Formação e Integração Comunitária (COFIC). Chegando ao órgão, o responsável nos pediu para que encaminhássemos a solicitação por e-mail com a relação de todos os documentos que pretendíamos analisar. Desta feita, assim procedemos e recebemos via e-mail o Acordo de Cooperação Técnica, o qual já havíamos acessado anteriormente.

Como aludido antes, em nossa “Introdução” já nos referimos a este acordo e apresentamos a página 1 do documento através da Imagem 1. Contudo, importante nesta subseção, dedicarmos a explicitação da importância deste documento, inclusive, aludindo ao seu texto completo que, conforme registrado em nota de rodapé nº 1, é composto por 9 páginas.

O Acordo de Cooperação Técnica nº 055/2011, celebrado entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Prefeitura Municipal de Dourados, evidencia um movimento institucional de formalização das relações entre universidade e rede municipal em torno do funcionamento do CEI UFGD. Ao unir esforços para garantir o atendimento às crianças em unidade pública de educação infantil, o documento revela um entrelaçamento entre políticas educacionais, interesses institucionais e responsabilidades compartilhadas. Sendo assim, entendemos que, mais do que um simples ato administrativo, esse acordo configura um instrumento de poder e de gestão, ao definir papéis, atribuições e responsabilidades entre as partes envolvidas. Além disso, esse tipo de parceria institucional insere-se na dinâmica mais ampla das políticas públicas de educação infantil, evidenciando a centralidade da cooperação entre entes federados e universidades públicas na sustentação de experiências pedagógicas compartilhadas.

Este acordo de Cooperação Técnica, apresenta em seu corpo textual, um conjunto de diretrizes, objetivos e compromissos estabelecidos entre as instituições envolvidas, sendo: preâmbulo, cláusulas e anexo do Plano de trabalho, visando à formalização de ações conjuntas para o desenvolvimento de projetos estratégicos. O documento explicita as finalidades do convênio, delimitando responsabilidades, e formas de execução das atividades pactuadas, com vistas a promover o funcionamento do Centro de Educação Infantil - CEI UFGD no espaço da Universidade Federal da Grande Dourados, MS.

Ao analisarmos o inciso IV, alínea B, do documento, referente ao atendimento, observamos a previsão de funcionamento nos períodos matutino, vespertino e noturno. O que chama a atenção, nesse ponto, é a possibilidade de atendimento no período noturno, o que traz à tona uma questão delicada e profundamente controversa no campo da Educação Infantil. Sobre esta questão, a professora Magda em entrevista faz a seguinte afirmação: *“a creche foi pensada em atender alunos e alunas do período diurno, pois a noite a criança deveria estar com a família”*.

Embora apresentada como uma ampliação de acesso, essa medida fere princípios fundamentais dessa etapa da educação, ao desconsiderar a especificidade da infância e os

direitos das crianças a experiências educativas e de cuidado integradas a tempos de descanso e convívio familiar¹⁹.

Como destaca Kramer (2007), a Educação Infantil deve ser concebida como espaço de formação humana integral e não como um simples serviço assistencial, subordinado às lógicas do mercado de trabalho. Nesse sentido, estender o atendimento para o turno noturno representa mais uma resposta a pressões sociais e econômicas do que uma decisão pedagógica orientada pelo interesse da criança.

Vital Didonet (1993) reforça essa crítica ao afirmar que o atendimento noturno contraria a própria natureza da Educação Infantil, que pressupõe práticas pedagógicas organizadas em tempos e espaços adequados ao desenvolvimento infantil. A criança pequena tem direito a uma rotina que contemple descanso, convivência familiar e experiências lúdicas em ambientes acolhedores. A oferta do período noturno para crianças pequenas revela, assim, uma lógica de gestão que prioriza a funcionalidade social do atendimento em detrimento dos direitos da infância, tensionando os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), que reconhecem a criança como sujeito de direitos e não como extensão das necessidades do mundo adulto.

Em outro momento, no dia 25 de setembro, dando continuidade à investigação no CEI Maria Alice Silvestre, a secretária nos levou a uma sala entre a cozinha e a lavanderia. Neste espaço, em um armário, encontramos caixas contendo documentos diversos, como ofícios, decretos, pastas de arquivos, atas dentre outros, os quais acrescentamos para a pesquisa.

¹⁹ Devemos aqui aludir ao Programa de Assistência Estudantil Brinquedoteca UFGD - Mitã Rory, que tem por objetivo oportunizar um espaço de convivência e de desenvolvimento de atividades lúdicas infantis, atendendo crianças de 04 (quatro) a 10 (dez) anos de idade, prioritariamente, filhos(as) de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, cadastrados como Perfil na PROAE/UFGD. É um espaço provido de brinquedos e jogos diversificados, destinados a favorecer às crianças brincar de forma livre e espontânea, enquanto seus pais e mães e/ou responsáveis frequentam as aulas presenciais. Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/programa/programas-para-todos-os-estudantes/brinquedoteca> Acesso em: 30 abr. 2026.

Imagem 6: armário contendo pastas e arquivos



Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

Nesta ocasião, para ter maior conforto no manuseio dos documentos, nos conduziram até a sala dos professores, embora com movimentos de entrada e saída das professoras/es e funcionários/os, foi possível manusear, ler, fotografar e digitalizar os documentos que nos eram pertinentes como fontes documentais. Estar na sala das/os professoras/es, naquele momento em busca de documentos para pesquisa, me fez rememorar minha trajetória enquanto professora naquela instituição. Sala em que atuei como professora regente com a turma do Pré 1, em que em outro momento se tornou sala de reuniões pedagógicas, espaço formativo e, até mesmo, como uma sala do descanso, entre um período e outro, considerando que eu atuava quarenta horas, ficando o dia todo no CEI UFGD, pois era custoso ir para casa e retornar para o trabalho.

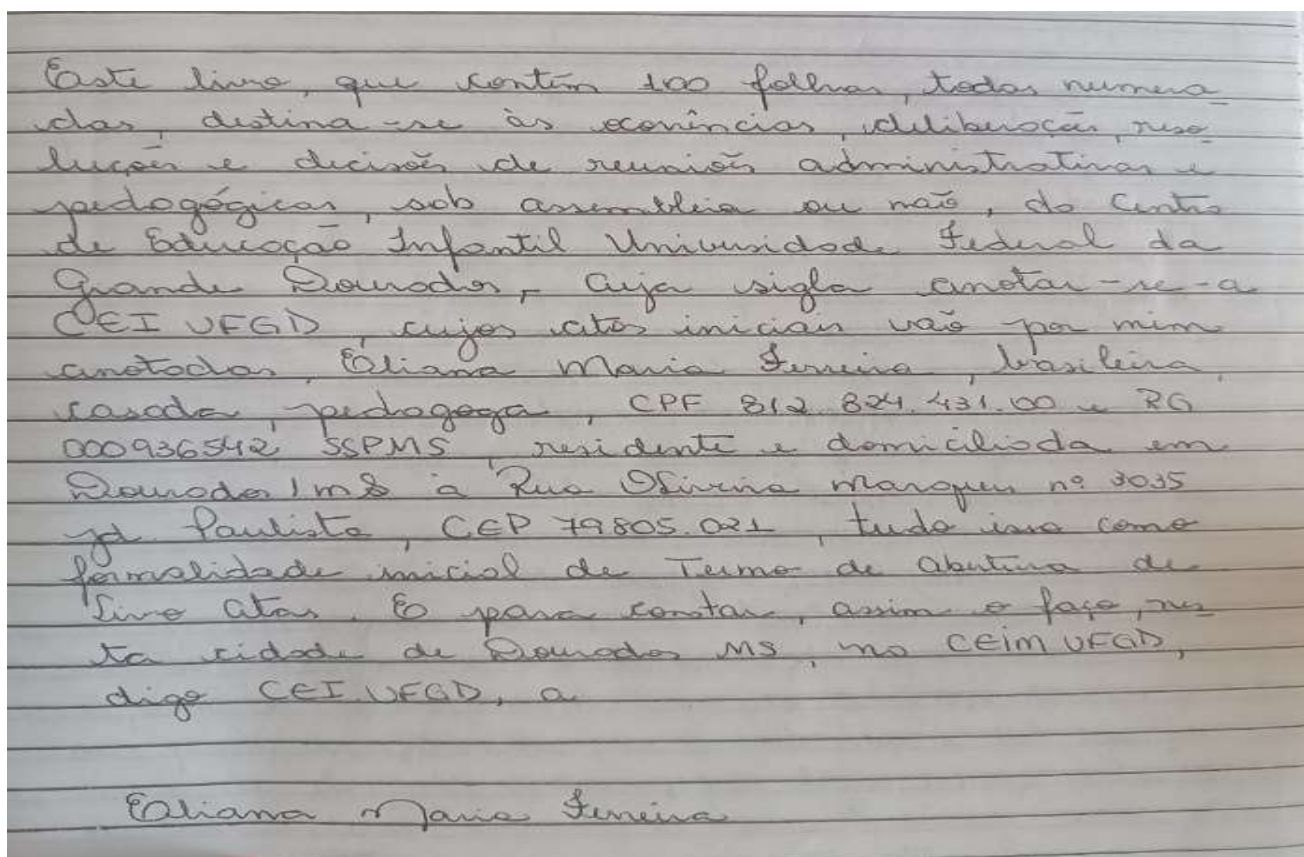
A leitura destas fontes ultrapassou a dimensão meramente descritiva, permitindo compreender os sentidos e significados que emergem da tessitura que as compõe. Neste sentido, as atas do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre que encontramos, não são tomadas apenas como documentos administrativos, mas como testemunhos que revelam a historicidade da instituição e a construção coletiva de sua identidade.

Sendo assim, acreditamos que todos os documentos foram/são de grande importância para a análise e investigação, pois ao manuseá-los, o historiador “faz as coisas falarem” (Pessavento, 2002, p. 9). Prosseguindo em nossa pesquisa, visando à construção do texto desta Dissertação, examinamos com o olhar atento aos detalhes, o que nos revelou mais e muito sobre a história da instituição. Buscamos por sinais, pistas (Ginzburg, 1989) que, com certeza, foram fundamentais para ampliar nosso conhecimento sobre a criação e implementação do CEI UFGD que, posteriormente, recebeu o nome de CEI Maria Alice Silvestre.

Ainda neste trabalho de “garimpar”, ao manusear os documentos, encontramos vários livros Atas, porém, nos atemos ao recorte temporal elencado para a pesquisa (2008-2018). Dentre eles foi possível analisar três livros.

A primeira Ata encontrada, refere-se ao ano de 2014, que foi utilizado como um livro de registros, conforme mencionado no Quadro 3 em nossa introdução. No referido documento, percebemos que a Ata foi escrita e assinada pela professora, Eliana Maria Ferreira, como sendo a coordenadora, o que instiga a questionar, porque seu nome, não era em sua maioria, mencionado como a primeira coordenadora do CEI UFGD? O que torna ainda mais relevante a análise crítica das fontes e o reconhecimento de que os registros institucionais não são neutros, mas atravessados por tensões e seleções históricas. Segue a Imagem 7 retratando a referida ata.

Imagem 7: Livro Ata de abertura



Este livro, que contém 100 folhas, todas numeradas, destina-se às ocorrências, deliberações, resoluções e decisões de reuniões administrativas e pedagógicas, sob assembleia ou não, do Centro de Educação Infantil Universidade Federal da Grande Dourados, cuja sigla anotar-se-á CEI UFGD, cujos atos iniciais vão por mim anotados, Eliana Maria Ferreira, brasileira, casada, pedagoga, CPF 812.824.431.00 e RG 000936542 SSPMS, residente e domiciliada em Dourados MS à Rua Oliveira Marques nº 3015 Jd. Paulista, CEP 79805.021, tudo isso como formalidade inicial de Termo de abertura de Livro Atas. E para constar, assim o faço, nesta cidade de Dourados MS, no CEIM UFGD, digo CEI UFGD, a

Eliana Maria Ferreira

Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

Transcrição da ATA – Imagem 7: Livro Ata de abertura

Este livro que contém 100 folhas, todas numeradas, destina-se às ocorrências, deliberações, resoluções e decisões, de reuniões administrativas e pedagógicas, sob assembleia ou não do Centro de Educação Infantil Universidade Federal da Grande Dourados, cujo sigla anotar-se-á CEI UFGD, cujos atos iniciais vão por mim anotados, Eliana Maria Ferreira, brasileira, casada, pedagoga, CPF 812.824.431.00 e RG 000936542 SSPMS, residente e domiciliada em Dourados, MS à Rua Oliveira Marques nº3015 Jd Paulista, CEP 79805.021, tudo isso como formalidade inicial de termo de abertura de Livro Atas. E para constar, assim o faço, nesta cidade de Dourados MS, no CEIM UFGD, digo CEI UFGD, a

Eliana Maria Ferreira

A partir disso, fundamental escrevermos, é responsabilidade do historiador, realizar a crítica do documento como monumento, verificando as circunstâncias nas quais foram criados, as relações, motivações e contextos. Com apoio em Le Goff (1990, p. 110), faz-se necessário observar que “todo o documento é um monumento que deve ser des-estruturado, des-montado”, pois o documento não é inocente.

Ainda em Le Goff (1990, p. 547-548), nós temos:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.

Referente a coordenação da professora Eliana Maria, temos o depoimento do professor Dr. Claudemir Dantes em entrevista, ao narrar como se deu este processo inicial da escolha da coordenação. Ele mencionou, que a professora Eliana Maria Ferreira, foi indicação da professora Magda. Ele destacou que esta escolha não foi aleatória, havia um vínculo prévio estabelecido na Pós-Graduação, na qual ambos se encontravam naquele contexto formativo. A professora Eliana cursando o Mestrado, e ele, naquele momento, cursando uma disciplina como aluno especial.

Tais relações, tecidas no campo acadêmico e profissional, se traduziram em confiança e reconhecimento, elementos que o levaram a ser convidado a compor a equipe docente do CEI, atuando diretamente na pré-escola em regime de 40 horas semanais. Esse movimento evidencia a interdependência, das trajetórias e redes formativas que atravessam a constituição das equipes docentes, articulando saberes, convivências e experiências compartilhadas. Elias (1994, p. 249), explica que “os indivíduos não existem isolados; estão sempre entrelaçados uns com os outros em relações de interdependência que formam teias, ou figurações, que moldam suas ações e possibilidades”.

Então, o convite para ser o coordenador do CEI UFGD, não pode ser compreendido como um fato isolado, fruto apenas de mérito individual ou acaso. Pelo contrário, ele emerge das teias de interdependência construídas no contexto da Pós-Graduação, espaço e tempo de convivências, partilhas de saberes, quando reconhecimento mútuo foram se configurando como elementos estruturantes.

Sobre este começo, ao rememorar como se deu o início das atividades, Claudemir ressaltou a materialidade e o caráter pioneiro daquele período: chegaram em fevereiro de 2012 e, embora presentes, não podiam atender as crianças de imediato, pois era necessário organizar fisicamente o espaço. Ele descreveu uma dimensão pouco visível da construção institucional, o trabalho braçal, o “*colocar a mão na massa*” expressão usada por ele, junto à coordenadoria, dispondo móveis, furando paredes, retirando plásticos dos armários, revela uma cena, de forma sensível. Entrevemos aqui o entrelaçamento entre gesto pedagógico e gesto de fundação, entre

cuidado com as crianças e cuidado com o espaço que viria a acolhê-las. O atendimento, recorda ele, só começou em 13 de março, data que marcou não apenas a história da instituição, mas também sua própria, coincidindo com seu aniversário, “*não tem como esquecer*”, disse, rindo.

Com esta fala do professor Claudemir, percebemos o seu envolvimento em pensar e propor às crianças, logo neste início de implementação, um espaço potente e plural. Ao refletir sobre este termo que nos dias de hoje é algo caro para aqueles que são comprometidos com uma educação infantil de qualidade e com o olhar voltado para as infâncias, concordamos com Barbosa (2020), ao refletir sobre o espaço:

Na medida em que é habitada por professores e por crianças, a escola, com suas salas, seus corredores, seus parques, é um lugar que forma um modo de ser, de habitar o mundo. Indica para a sociedade o que cabe às crianças (Barbosa, 2020, p. 69).

Desta forma, pensar o espaço, é também um gesto político e ético: ao organizar ambientes, delimitar usos e imaginar possibilidades, contribui para afirmar qual lugar as crianças ocuparão naquele contexto institucional. Nesse sentido, o empenho do professor Claudemir e da professora Eliana, neste processo de implementação, em pensar ambientes que acolham, provoquem e ampliem experiências, revelam compromisso com uma pedagogia que reconhece o espaço como elemento central da formação e da vida cotidiana das crianças.

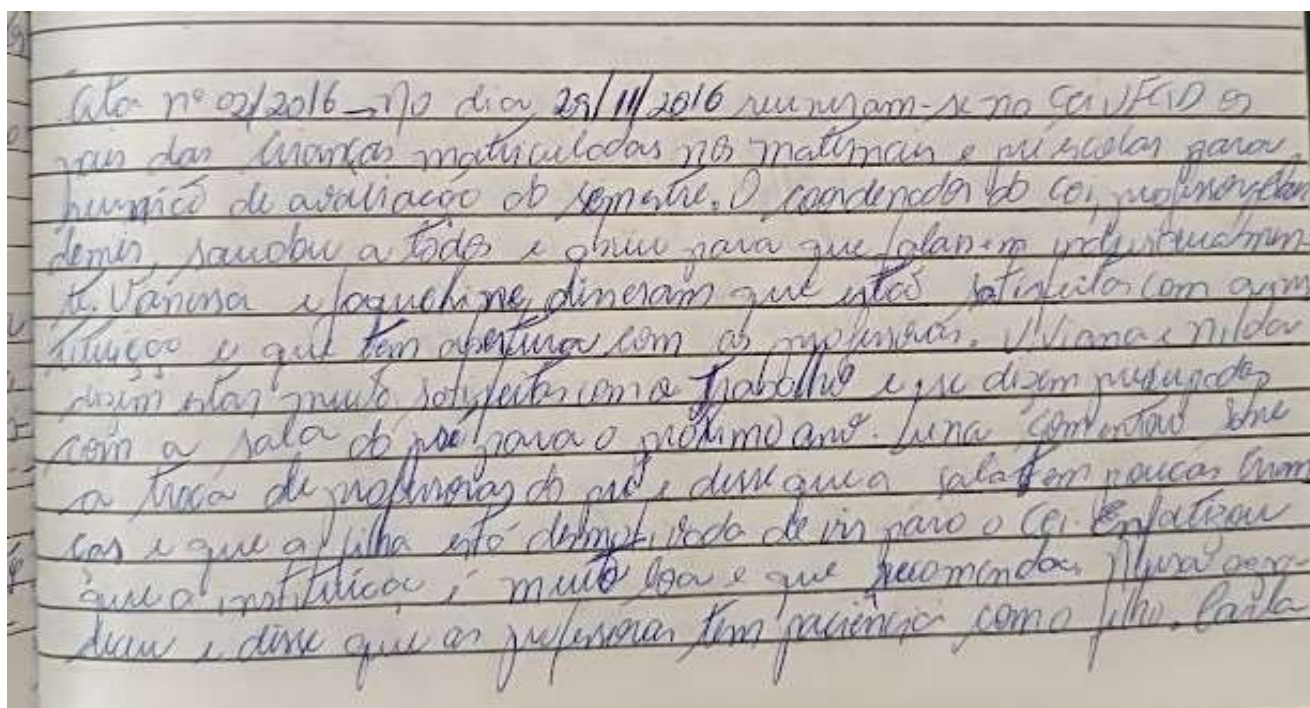
A narrativa segue e mostra uma transição, a professora Eliana permanece na coordenação apenas até abril daquele mesmo ano. Diante das dificuldades de deslocamento e da distância física entre a universidade e a cidade, as demandas do Mestrado, decide não continuar na função e indica Claudemir, mediando o processo de sucessão. Ele assume então a coordenação, com a anuência tanto da Secretaria Municipal de Educação quanto da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFGD (PROAE), simbolizando uma articulação interinstitucional que sustentava o CEI UFGD naquele momento inicial.

Ao retomar sua trajetória, Claudemir reafirma que esteve presente desde os primeiros gestos de organização do CEI “*desde o início*”, como faz questão de frisar, permanecendo no espaço até o final de 2016, início de 2017. Sua fala reforça a dimensão histórica e afetiva de quem participou da fundação de um projeto, carregando consigo as marcas do trabalho, dos desafios e das construções que materializaram a presença da Educação Infantil no espaço universitário.

Prosseguindo com as análises de documentos, na Ata referente ao ano de 2016, constatamos o registro de uma reunião pedagógica com as famílias das crianças, conduzida pelo então coordenador Claudemir Dantes, que procurou acolher cada participante, oportunizando espaços individuais para que todos pudessem se manifestar. Essa prática demonstra uma

concepção de gestão escolar que valoriza a escuta e o diálogo, reconhecendo as famílias como parte essencial do processo educativo. Da mesma forma, Libânio (2001, p. 112) destaca que a relação escola-família deve se pautar pelo acolhimento, pelo respeito mútuo e pela abertura ao diálogo, pois somente assim se estabelece uma parceria efetiva no processo de ensino e aprendizagem. No campo da educação infantil, Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Pinazza (2007, p. 20) reforçam que “a colaboração da família constitui elemento central para a construção de contextos educativos significativos, uma vez que a criança se desenvolve na articulação entre os ambientes familiar e escolar”. A Ata, portanto, não apenas registra um evento administrativo, mas revela um movimento de aproximação e de democratização das relações no âmbito escolar, em que ouvir a voz das famílias significa reconhecer sua legitimidade na construção da cultura escolar.

Imagem 8: Registros de reunião pedagógica com as famílias



Fonte: CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre (2024).

Transcrição do documento – Imagem 8: Registro da Reunião pedagógica com as famílias

Ata nº02/2016- No dia 25/11/2016 reuniram-se no CEI UFGD os pais das crianças matriculadas nos maternais e pré-escolas para reunião de avaliação do semestre. O coordenador do CEI, professor Claudemir Dantes, saudou a todos e abriu para que falassem individualmente. Vanessa e Jaqueline, disseram que estão satisfeitas com a instituição e que tem abertura com as professoras. Viviana e Nilda dizem estar muito satisfeitas com o trabalho e se dizem preocupadas com a sala do pré para o próximo

ano. Luna²⁰ comentou que a troca de professoras do pré e disse que tem poucas crianças e que a filha está desmotivada de ir para o CEI. Enfatizou que a instituição é muito boa e que recomenda. Neusa agradeceu e disse que as professoras tem paciência com a filha. Carla

Em relação às famílias, em sua narrativa, o professor Claudemir menciona o que mais permanece vivo em sua memória, são as relações construídas com as famílias e com as docentes. Contou que, até hoje, inúmeras famílias do CEI UFGD o procuram, pedindo sugestões de escolas, pedindo opiniões sobre mudanças de matrícula, partilhando dúvidas sobre os caminhos que seus filhos iriam seguir. Relatou que, mesmo quando encontra essas pessoas em outros espaços da cidade, muitas vezes elas chegam trazendo as crianças, já crescidas, para lhe mostrar: “Olha aqui o fulano”, diziam, enquanto ele se espantava com o tamanho, e com a rapidez do tempo.

Ao lembrar esse movimento, destacou que, desde o início, a equipe buscou romper com um paradigma muito presente nas instituições de educação infantil: o distanciamento entre escola e família. Disse que, em sua própria pesquisa, havia identificado a chamada “dinâmica do portão”, na qual mães e pais entregam as crianças a estagiárias/os ou assistentes e não atravessam o espaço da escola. No CEI, entretanto, desde a abertura das portas, o desejo era outro: criar espaços de diálogo, de trocas, de convivência. Ele mesmo se sentava com as famílias, assim como as professoras, para conversar sobre as crianças, compartilhar impressões, pensar coletivamente. Como já analisara em sua dissertação, “a interação entre família e a instituição educacional governamental está respaldada legalmente, porém o cotidiano relacional entre ambas pode se configurar de forma tensa e conflituosa” (Silva, 2015, p. 45).

A reflexão do professor Claudemir evidencia que a aproximação entre escola e família, embora juridicamente assegurada, não se efetiva automaticamente no cotidiano institucional. Ao incorporar à narrativa o trecho de sua própria dissertação, torna-se possível compreender que sua atuação no CEI não se deu de forma intuitiva, mas ancorada em uma análise crítica das práticas tradicionais de separação entre esses dois universos. A referência à “dinâmica do portão” reforça que, historicamente, muitas instituições de educação infantil mantiveram, e ainda mantêm, uma lógica de controle dos fluxos, limitando a presença das famílias ao espaço externo. O CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre, ao contrário, empenhou-se em subverter essa lógica e construir uma convivência baseada no diálogo e na coparticipação. Assim, a

²⁰ Registramos que “Luna”, presente nessa reunião e que faz a observação sobre a filha e a instituição, pode ser a irmã de Maria Alice Silvestre que, conforme narrativa da profa. Célia Foster, a filha da Luna pode usufruir do espaço. Ela diz, “*aí a Maia, quem vai usufruir esse espaço é a Maia*”.

prática vivida na referida instituição confirma e amplia as conclusões do autor em sua pesquisa, mostrando que transformar relações requer intencionalidade, abertura e investimento contínuo das equipes pedagógicas.

Ressaltou, entretanto, que essa relação não era sempre harmônica, e riu ao dizer: “bem eliasiano, não é?”. Para ele, as relações sociais são, por natureza, tensas, e é justamente nessas tensões que se democratizam as ações e se produzem movimentos de formação. Sua própria pesquisa já apontava nessa direção ao afirmar que:

As relações de interdependência entre CEIM e a família, ou melhor, entre os indivíduos que compõe essas instituições e se envolvem na relação cotidiana de cuidados e educação das crianças, se configuram de forma tensa e por vez contraditória. Ao dizermos da ambiguidade nas relações, nos referimos ao fato de nossa pesquisa nos levar à percepção de que as relações são ora marcadas pela cumplicidade, ora pelo conflito (Silva, 2015, p. 66).

Ainda assim, guarda como memória bonita e fundante o vínculo com as famílias e tudo o que se construiu a partir delas.

A Ata que se refere aos anos de 2015/2016 do CEI revela um compromisso institucional com a formação continuada de sua equipe pedagógica, evidenciado pelos registros de participação em cursos, encontros e atividades de aprimoramento profissional. Kramer (2005) destaca que a formação continuada de professoras/es é um processo essencial para a melhoria da qualidade da educação infantil, enfatizando que:

A formação continuada deve ser entendida como um processo permanente, que envolve a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, a construção coletiva de saberes e a valorização da experiência dos educadores. É fundamental que essa formação seja contextualizada, respeitando as especificidades do grupo de professores e da realidade da instituição, promovendo um espaço de diálogo e troca de experiências (Kramer, 2005, p. 15).

Essa perspectiva reforça a importância de uma formação que não se limita a momentos pontuais, mas que seja integrada ao cotidiano escolar, promovendo o desenvolvimento profissional contínuo dos educadores.

Ainda narrando as memórias do professor Claudemir, trazemos que este contou acerca do trabalho, salientando que ali também tinha um viés formativo, de autoformação, onde ele próprio se constituiu enquanto profissional. Lembrou com afeto das professoras com quem aprendeu imensamente, algumas das quais permanecem suas amigas até hoje, e que inclusive foram citadas em sua tese de doutorado. Contou que pesquisou os registros de três delas e que, ao longo desse processo, uma relação forte foi se construindo: não uma relação idealizada, mas

atravessada por tensões, discordâncias, diálogos difíceis, que ajudaram a moldar quem todos se tornaram como pessoas e como profissionais.

A narrativa do professor Claudemir Dantes sobre as docentes revela uma dimensão fundamental de sua experiência no CEI: o caráter formativo das relações profissionais. Ao destacar que também ele se constituiu como educador nesse espaço, evidencia-se uma perspectiva de formação que não se reduz à transmissão de saberes, mas que ocorre de maneira permanente, situada e relacional. Essa compreensão dialoga com concepções contemporâneas da formação docente que reconhecem a autoformação como processo contínuo, marcado pelas trocas entre pares, pelas vivências cotidianas e pelos desafios enfrentados coletivamente.

Sobre esta ação formativa, trago as narrativas com a professora Magda e suas contribuições, sobretudo com ações de formação. Um exemplo importante citado foi o projeto EducaMS²¹, desenvolvido em parceria com três instituições de Dourados: no CEI UFGD, coordenado pelo professor Claudemir Dantes; uma escola coordenada pela professora Eliana Maria Ferreira - Escola Municipal Frei Eucário Schmitt, localizada na Vila Rosa; e na Escola Municipal Prof^a. Efantina de Quadros, localizada no bairro Jardim Flórida, na qual atuava a professora Luciene Martins Ferreira Rocha, ex-aluna do Mestrado/UFGD e já falecida. O projeto, segundo a professora, possibilitou a realização de formações articuladas entre diferentes instituições, fortalecendo a integração entre universidade e escolas da rede local, além de ampliar o alcance das ações formativas ligadas à educação infantil.

Neste sentido destacamos o que enfatiza Kramer (2006, p. 804), “[...] a formação de profissionais da educação infantil, professores e gestores, é desafio que exige a ação conjunta das instâncias municipais, estaduais e federal”. Diante desta afirmação, ressaltamos a complexidade e a responsabilidade coletiva envolvida na formação de profissionais da educação infantil, seja ela tanto na formação continuada (em serviço ou em exercício, como se tem denominado a formação daqueles que já atuam como professores) quanto na formação inicial no ensino médio ou superior.

A professora Magda narra que essas formações aconteceram em diferentes espaços, inclusive no CEI UFGD, para onde ela mesma foi ministrar encontros formativos, junto com outras docentes. Entre as professoras que participaram, mencionou nomes que se tornaram

²¹ O projeto EDUCA/MS "Trajetórias Docentes na Educação Infantil: pesquisas em escolas públicas de Mato Grosso do Sul" - Chamada FUNDECT/CAPES Nº 11/2015 - EDUCA-MS - CIÊNCIA E EDUCAÇÃO BÁSICA - abarcou uma experiência de Pesquisa, Ensino e Extensão, desenvolvido na Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que fomentou estudos e ações acerca de contextos de educação infantil, a partir de uma atuação interinstitucional envolvendo a Universidade Federal da Grande Dourados, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Campus de Naviraí e as três instituições/escolas públicas do município de Dourados nomeadas no corpo do texto.

referência dentro e fora da instituição: professora Míria Campos, professora Larissa Montiel, que hoje é professora na UFMS – Campus de Naviraí, mas que já havia atuado como docente do CEI UFGD, professora Simone Lima, vinculada ao IFMS, professora Natali, ex-coordenadora do CEI UFD e ex-aluna do PPGEduc, além das professoras Andréia Vicença, Marta Troques, Thaise Silva, dentre outras. Todas essas ações foram desenvolvidas dentro de um grande projeto de formação, financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), vinculado ao programa EducaMS. Esse projeto representou, para ela, uma oportunidade de aproximação mais efetiva com os CEIMs e com o CEI, articulando universidade e educação infantil por meio do ensino, da extensão e da pesquisa.

A professora reafirma que a universidade não deve se limitar à formação teórica, mas precisa assegurar vivências concretas que permitam ao estudante colocar em ação os conhecimentos produzidos academicamente. Trata-se, como ela destaca, de uma formação complementar, que possibilita aprender *com* as crianças e com os desafios do cotidiano educativo, e não apenas *sobre* elas. Esse argumento ecoa reflexões de autores da educação infantil que defendem a indissociabilidade entre teoria e prática enquanto princípio formativo e ético da docência (Kramer, 2006; Oliveira, 2010; Rosemberg, 2013).

Para a professora, esses espaços apoiariam a formação *in loco* de professores e professoras, oferecendo a oportunidade de ousar, experimentar e desenvolver práticas pedagógicas inovadoras. Ela enfatizou que, dessa forma, o ambiente se tornaria um verdadeiro laboratório de aprendizagem e reflexão, beneficiando tanto a formação docente quanto a experiência das crianças. Ressaltou que, com esse tipo de formação, as/os futuras/os professoras/es sairiam da universidade com uma formação ainda mais sólida, mas não sólida no sentido de um modelo idealizado em que “*dentro da universidade é tudo lindo, eu faço tudo na creche da universidade e, quando chego lá fora, não dou conta de fazer*”. Para ela, não se trata disso.

Ela explicou que o importante é criar resistência na formação, de modo que, ao sair da universidade, a/o professora/r saiba lutar e tenha segurança para afirmar: “*eu sei o que estou fazendo, é o correto, é aquilo que precisa ser feito*”. Para professora Magda, a prática deve refletir o que foi estudado e lido teoricamente; a teoria precisa se manter viva na prática. Ela enfatizou que a ideia de que “*teoria é uma coisa e prática é outra*” é um equívoco, porque, segundo ela, quem não consegue alinhar teoria e prática, na verdade, não tem teoria.

Ainda com as buscas de documentos, no mesmo espaço, o “armário”, foi possível encontrar várias pastas de arquivos, designadas pela instituição de “arquivo morto”. Ora, “[...]”

longe de pensá-lo como algo *morto*, pois é um *Arq-Vivo*” o que se vê por lá (Almeida, 2021, p. 26, grifo da autora). Estes documentos, consideramos vivos, pois contam histórias, guardam memórias e nos cabe, enquanto pesquisadoras, em análises criteriosas, narrar tais fatos.

Nestas pastas de arquivos, foi possível localizar vários documentos, porém, o que nos chamou a atenção, foram: as cartas e ofícios de apresentação de projetos de extensão, bem como um documento referente ao Intercambio do México²² com o programa Paulo Freire da UFGD.

Ao obter em mãos as fontes encontradas, entendemos que os arquivos são lugares singulares. Sobre eles Diana Vidal, com base em Pierre Nora (1993), destaca os arquivos como lugares de memória, lugares duplos, “constantemente abertos a novas leituras do passado e do presente” (Vidal, 2005, p. 19). São lugares em que são guardados documentos que foram produzidos ao longo dos anos, evidenciando valores e transmitindo informações acerca da instituição, bem como evidenciam a cultura escolar.

Neste sentido, as cartas e os ofícios de apresentação dos projetos de extensão encaminhadas ao CEI UFGD, ao anunciarem as atividades a serem desenvolvidas com as crianças pelas/os acadêmicas/os, configuram-se como documentos reveladores da cultura escolar da instituição. Esses registros não se limitam a formalizar parcerias entre universidade e escola, mas evidenciam valores, práticas e representações que orientam o cotidiano educativo. Como observa Dominique Julia (2001), a cultura escolar é composta por um conjunto de normas, saberes e práticas sedimentadas historicamente, que organizam e dão sentido à vida escolar.

Podemos dizer que, a presença de projetos de extensão no CEI UFG indica uma abertura institucional à interlocução com saberes acadêmicos, ao mesmo tempo em que reafirma modos específicos de conceber a infância, e o papel pedagógico da escola. Além disso, essas cartas expressam questões burocráticas e pedagógicas, que também fazem parte da cultura escolar, como a necessidade de autorização, apresenta ação formal, definição de objetivos e justificativas pedagógicas. Tais elementos não são meramente administrativos, configuram formas de representação e legitimação das práticas escolares. “A cultura escolar é feita de

²² A UFGD foi uma das dez instituições selecionadas a participar do Projeto Paulo Freire de Mobilidade Acadêmica para Estudantes de Programas Universitários de Formação de Professores. O Projeto é uma iniciativa da Organização dos Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) que visa converter-se no principal instrumento da cooperação para consolidar um sistema estável de mobilidade acadêmica na região. Sua atividade fundamental, para os próximos anos, estará centrada nos estudantes de graduação e pós-graduação que estejam cursando programas focados na profissão docente (Notícia de agosto, 2016). Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/ufgd-ira-participar-de-novo-projeto-de-mobilidade-internacional--> Acesso em: 20 jan. 2026.

normas e práticas sedimentadas no tempo, inscritas tanto nos discursos oficiais quanto nas rotinas cotidianas das instituições escolares” (Julia, 2001, p. 10).

Neste aspecto, o professor Claudemir trouxe à memória a interação com diversas faculdades e programas da UFGD, em uma perspectiva interdisciplinar e colaborativa. Nomeou faculdades como Agronomia, Educação, Psicologia, Nutrição, Biologia, além de mencionar parcerias pontuais com Medicina e projetos em áreas como Entomologia, Zootecnia e Aquicultura. Ao narrar essas experiências, ele enfatizou o caráter formativo dessas relações, mencionando inclusive projetos de extensão que fortaleceram o vínculo entre a instituição e a comunidade acadêmica. Sua fala revela a creche (CEI UFGD) como lugar vivo de circulação de saberes, de experimentação e de construção conjunta entre práticas educativas, pesquisa e extensão. Ainda nos escritos de Nóvoa (2019, p. 14), temos a afirmação da importância de “construir uma comunidade de formação, na qual, coletivamente, se definam espaços de experimentação pedagógica e de novas práticas, criando assim as condições para uma verdadeira formação profissional docente”.

Diante desta narrativa, salientamos que o CEI UFGD se constituiu não apenas como espaço de atendimento à infância, mas como território de formação, pesquisa e extensão, encarnando a potência de uma creche universitária como lugar de articulação entre teoria e prática, entre universidade e sociedade, entre cuidado, educação e produção de conhecimento.

O documento referente ao Intercâmbio México do Programa Paulo Freire (UFGD), ao registrar a presença de acadêmicos estrangeiros no CEI, constitui-se como uma importante fonte documental para compreender os modos pelos quais a escola se abre à circulação de saberes e práticas educativas em diálogo com outros contextos culturais. Evidencia a existência de acolhimento, amplia o repertório cultural da comunidade escolar, provocando reflexões sobre concepções de infância, práticas educativas e modos de organização da escola. Nessa perspectiva, o documento não apenas informa, mas atua como um vestígio de práticas institucionalizadas, carregando intencionalidades e construindo memória (Le Goff, 1990).

A presença do Programa de Intercâmbio Paulo Freire (UFGD) no CEI, por meio de acadêmicos mexicanos, ao mesmo tempo em que promove uma abertura cultural e pedagógica significativa, também expõe desafios estruturais no que diz respeito à preparação dos profissionais da instituição para lidar com experiências educativas transnacionais. Embora o intercâmbio possa ampliar repertórios e favorecer trocas de saberes, ele demanda uma equipe escolar formada criticamente para compreender e mediar tais processos, algo que muitas vezes não é garantido pelas políticas institucionais. Como afirma Paulo Freire (1996), a prática

educativa exige do educador abertura ao novo, curiosidade epistemológica e disposição para aprender com o outro.

Quando essa preparação não ocorre de maneira consistente, as experiências tendem a se restringir a um caráter protocolar, sem gerar impactos pedagógicos relevantes no cotidiano da escola. Além disso, a falta de espaços coletivos de reflexão e planejamento entre professores e acadêmicos pode reproduzir relações verticalizadas de saber, nas quais o conhecimento universitário se impõe ao contexto da educação infantil, em vez de dialogar com ele. Assim, mais do que uma ação pontual, o intercâmbio internacional exige processos formativos contínuos que fortaleçam a autonomia, a escuta e a autoria docente no interior da escola. No entanto, quando tais experiências são tratadas como eventos isolados, corre-se o risco de reforçar desigualdades entre saberes acadêmicos e escolares, em vez de promover trocas. Por outro lado, políticas de extensão universitária bem articuladas podem fortalecer vínculos e gerar processos formativos transformadores, que reconheçam a escola como espaço legítimo de produção de conhecimento e não apenas como local de aplicação de práticas externas.

Nesse contexto, torna-se evidente que ações como o Intercâmbio México do Programa Paulo Freire só alcançam impactos pedagógicos significativos quando à presença de acadêmicos estrangeiros se configurar como um potente espaço de aprendizagem coletiva e reflexão sobre práticas pedagógicas, desde que acompanhada de momentos estruturados de estudo, diálogo e planejamento compartilhado.

Com os levantamentos de tais fontes, devemos citar Certeau (2020, p. 69), com quem aprendemos que a pesquisa histórica “[...] consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever, ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto”.

Ao longo desta subseção, ao analisar todas as fontes aqui descritas, entrelaçando com as narrativas, foi possível compreendermos que a história do CEI UFGD, se deu a partir das relações de interdependências, que em conjunto, se somaram para a constituição dessa instituição no interior da universidade. Nessa perspectiva, as narrativas não foram tomadas como mera reprodução dos acontecimentos, pois, como lembra Bosi (2007), o que é relatado corresponde ao passado recriado no presente. Assim, documentos e memórias, ao serem entrelaçados, revelaram sentidos, movimentos e tensões que atravessaram os primeiros anos de funcionamento do CEI UFGD. Como assinala Campos (2010, p. 19), a memória também modifica a escrita da história ao trazer para o centro da análise as sensibilidades, o cotidiano e as experiências dos sujeitos. Assim, o entrelaçamento entre análise documental e memórias possibilitou reconhecer que a criação do CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre, mais do que

um ato formal de institucionalização, constituiu-se no interior do espaço universitário por meio das relações, práticas e experiências vividas pelos sujeitos que participaram desse processo.

Esse movimento, quer seja, a análise documental, entrelaçando as memórias das professoras Magda Sarat e Célia Maria e do professor Claudemir Dantes, nos possibilitou reconhecer a história do CEI e sua criação dentro do espaço universitário.

3.2 De CEI UFGD ao CEI Maria Alice Silvestre: institucionalização, identidade e significados

Temos a intencionalidade nesta subseção de compreender e narrar como se deu o processo da nomeação de CEI UFGD para CEI Maria Alice Silvestre. Neste percurso, podemos evidenciar que nasce um “novo movimento”, que diz respeito à trajetória institucional do Centro de Educação Infantil, como sendo a mudança de sua denominação.

Sendo assim, voltamos o nosso olhar para as fontes documentais, buscando compreender os sentidos de nomear este espaço, que nasceu de um movimento de lutas, e da presença das mulheres na universidade. Entretanto, deparamos com o seguinte questionamento: de qual instituição viera a solicitação para a nomeação do CEI UFGD para CEI Maria Alice Silvestre (CEI MAS), seria da SEMED, PROAE e ou da própria UFGD?

Ao buscarmos resposta para tal pergunta, retornamos à Secretaria Municipal de Educação no dia vinte e quatro do mês de março de dois mil e vinte e seis, e de forma acolhedora a equipe do núcleo da reserva técnica, cedeu mais uma vez, toda a documentação do CEI UFGD. Na ânsia de encontrar respostas nas fontes documentais, conforme sinalizada anteriormente, a partir de Ginzburg (1989), atrás de indícios, pistas, “sinais”, nos debruçamos atentamente aos documentos.

Porém, nossa expectativa não foi alcançada, e não obtivemos êxito. Diante disso, nos propomos retornar ao CEI Maria Alice Silvestre, para prosseguir as buscas. Estivemos na instituição, no dia dez do mês de abril de dois mil e vinte e seis. Ao chegarmos no CEI Maria Alice Silvestre, a secretária nos recebeu e nos encaminhou aos arquivos, no mesmo espaço já descrito anteriormente, mas desta vez, realizamos as buscas ali mesmo, sentada ao “chão da escola” de frente ao armário.

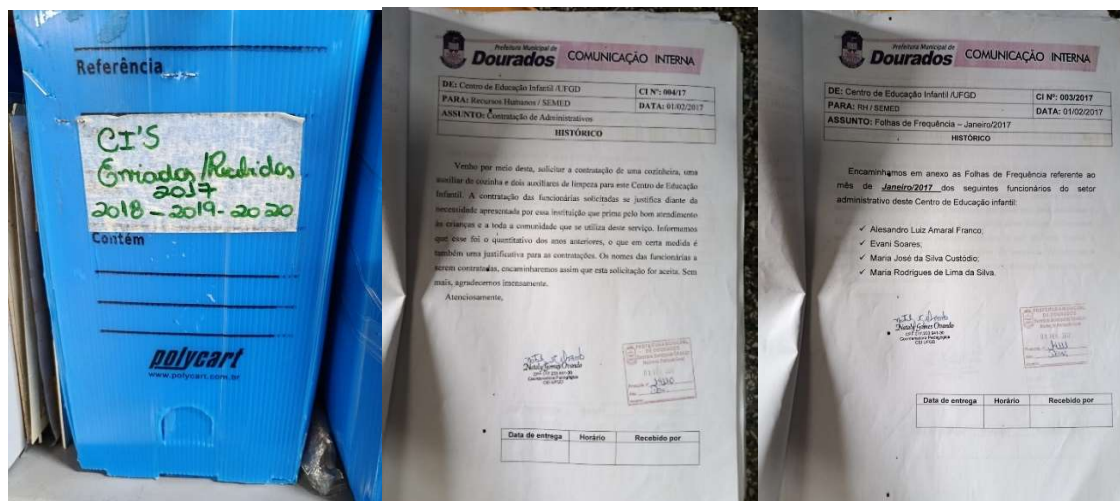
Imagem 9: Pesquisa em arquivos da instituição CEI MAS



Fonte: acervo pessoal da autora.

Realizamos as buscas minuciosamente, atenta a quaisquer pistas, que respondessem a nossa indagação, conforme anunciado anteriormente. Nesse processo, encontramos uma pasta arquivo que nos chamou à atenção, a pasta estava nomeada como: CI'S Enviadas/ Recebidas, entre os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Nela foi localizamos várias CI'S, destinadas a Secretaria de Educação, com assuntos diversos: contratação de administrativos, folhas de frequências, quadro de vagas de professores, requerimento de Gratificação de difícil acesso, dentre outros documentos, conforme apresentamos em imagens que seguem.

Imagem 10: CI'S Recebidas e Enviadas



Prefeitura Municipal de Dourados COMUNICAÇÃO INTERNA

DE: Centro de Educação Infantil / UFGD CI Nº: 009/17
 PARA: SEMED / Recursos Humanos / Ana Paula DATA: 07/02/2017
 ASSUNTO: QUADRO DE VAGAS PROFESSORES

HISTÓRICO

Encaminhamos abaixo o quadro de vagas remanescentes com turno deste Centro de Educação Infantil:

Nº	FURMA	VAGAS DISPONÍVEIS
01	MI MATUTINO	1 vaga Regente 2
02	MI VESPERTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2
03	MI MATUTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2
04	MI VESPERTINO	1 vaga Regente 2
05	MI A MATUTINO	1 vaga Regente 2
06	MI A VESPERTINO	1 vaga Regente 2
07	MI B MATUTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2
08	MI B VESPERTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2
09	MI A MATUTINO	1 vaga Regente 2
10	MI A VESPERTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2
11	MI B MATUTINO	1 vaga Regente 2
12	MI B VESPERTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2
13	PRE I MATUTINO	1 vaga Regente 1 / 1 vaga Regente 2 / 1 vaga Ed. Física / 1 vaga Arte

OBSERVAÇÃO:

- Regente 1 do MI A matutino e Regente 1 do MI B vespertino: Professora Tatiany Fernandes Barbosa está em estabilidade provisória com prazo previsto para o dia 24/07/17.

- Regente 1 do MI B vespertino: Professora Emmanoel Bernal está em estabilidade provisória com prazo previsto para o dia 13/02/17.

Atenciosamente,
 Nataly Gomes Ovando
 Coordenadora Pedagógica

Prefeitura Municipal de Dourados COMUNICAÇÃO INTERNA

DE: Centro de Educação Infantil / UFGD CI Nº: 012/17
 PARA: SEMED / Recursos Humanos DATA: 10/02/2017
 ASSUNTO: Gratificação de Dificil Acesso / 2017

HISTÓRICO

Encaminhamos em anexo os Requerimentos de Dificil Acesso para o ano de 2017 dos seguintes servidores deste Centro de Educação Infantil:

- ✓ Alise Katuko Nakano
- ✓ Evani Soares
- ✓ Grazi Caruso Cruz
- ✓ Joice Carolina dos Santos Kochi
- ✓ Marcella de Sousa Lima
- ✓ Maria José da Silva Custódio
- ✓ Maria Rodrigues de Lima da Silva
- ✓ Nataly Gomes Ovando
- ✓ Roberta Martins Araújo
- ✓ Tatiany Fernandes Barbosa

Atenciosamente,
 Nataly Gomes Ovando
 Coordenadora Pedagógica

Data de entrega	Horário	Recebido por

Fonte: Arquivos CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre (2026).

TRANSCRIÇÃO 1 da Imagem 10: CP'S Recebidas e Enviadas

DE: Centro de Educação Infantil/UFGD CINº004/17

PARA: Recursos Humanos/ SEMED DATA: 01/02/2017

ASSUNTO: Contratação de Administrativos

HISTÓRICO

Venho por meio desta, solicitar a contratação de uma cozinheira, uma auxiliar de cozinha e dois auxiliares de limpeza para este Centro de Educação Infantil. A contratação das funcionárias solicitadas se justifica diante da necessidade apresentada por essa instituição que prima pelo bom atendimento às crianças e a toda a comunidade que se utiliza deste serviço. Informamos que esse foi o quantitativo dos anos anteriores, o que em certa medida é também justificativa para as contratações. Os nomes das funcionárias a serem contratadas, encaminharemos assim que esta solicitação for aceita. Sem mais, agradecemos imensamente.

Atenciosamente,

Nataly Gomes Ovando

Cpf 017.233.941-30

Coordenadora Pedagógica

TRANSCRIÇÃO 2 da Imagem 10: CP'S Recebidas e Enviadas

DE: Centro de Educação Infantil/UFGD CINº003/17

PARA: Recursos Humanos/ SEMED DATA: 01/02/2017

ASSUNTO: Folhas de Frequência – janeiro 2017

HISTÓRICO

Encaminhamos em anexo as folhas de frequência referente ao mês de janeiro de 2017 dos seguintes funcionários do setor administrativo deste Centro de Educação Infantil:

Alessandro Luiz Amaral Franco;

Evani Soares;

Maria José da Silva Custódio;

Maria Rodrigues de Lima da Silva.

Nataly Gomes Ovando

Cpf 017.233.941-30

Coordenadora Pedagógica

CEI UFGD

Transcrição 3 da Imagem 10: CP'S Recebidas e Enviadas

DE: Centro de Educação Infantil/UFGD CIN°009/17

PARA: Recursos Humanos/ Ana Paula DATA: 07/02/2017

ASSUNTO: QUADRO DE VAGAS PROFESSORES

HISTÓRICO

Encaminhamos abaixo o quadro de vagas remanescentes com turno deste Centro de Educação Infantil

Nº Turma	VAGAS DISPONÍVEIS
01 BI MATUTINO	1 vaga regente 2
02 B I VESPERTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga regente 2
03 B II MATUTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga regente 2
04 B II VESPERTINO	1 vaga Regente 2
05 MI MATUTINO	1 vaga Regente 2
06 M II A VESPERTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga Regente 2
07 M II B MATUTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga Regente 2
08 MI B VESPERTINO	1 vaga Regente 2
09 M II A MATUTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga Regente 2
10 M II A VESPERTINO	1 vaga Regente 2
11 M II B MATUTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga Regente 2
12 M II B VESPERTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga Regente 2
13 PRÉ I MATUTINO	1 vaga Regente 1/ 1 vaga Regente 2 1 vaga Ed. Física/ 1 vaga Arte

OBSERVAÇÃO:

- Regente 1 do M I A matutino e Regente 1 do MI B vespertino: Professora Tatiany Fernandes Barbosa está em estabilidade provisória com parto previsto para o dia 24/07/2017.

- Regente 1 do B II Vespertino Emanoela Bernal está em estabilidade provisória com parto para o dia 13/02/2017

Atenciosamente,

Nataly Gomes Ovando
Cpf 017.233.941-30
Coordenadora Pedagógica
CEI UFGD

Transcrição 4 da Imagem 10: CI'S Recebidas e Enviadas

DE: Centro de Educação Infantil/UFGD CI Nº12/17

PARA: Recursos Humanos

ASSUNTO: Gratificação de Dificil Acesso/2017

HISTÓRICO

Encaminhamos em anexo os Requerimentos de Dificil Acesso para o ano de 2017 dos seguintes servidores deste Centro de Educação Infantil:

Aline Katsuko Nakano

Evani Soares

Gisele Carrara Cruz

Joice Camila dos Santos Kochi

Manoelle Lima da Silva

Maria José da Silva Custódio

Maria Rodrigues de Lima e Silva

Nataly Gomes Ovando

Roberta Martins Araujo

Tatiany Fernandes Barbosa

Atenciosamente,

Nataly Gomes Ovando
Cpf 017.233.941-30
Coordenadora Pedagógica
CEI UFGD

Porém, não encontramos registros que indicassem a solicitação que buscávamos. Essa ausência documental, evidencia a complexidade dos arquivos, que não se apresentam como um repositório neutro e completo. Neste sentido, conforme Arlette Farge (2009), citada por Almeida (2021), os Arquivos são lugares singulares e complexos que precisam ser desvendados em sua materialidade, incluindo aquilo que se mostram e, também, aquilo que se silenciam.

Nos chamou a atenção a CI de Nº 175/18, endereçada para a supervisão técnica da SEMED, com o encaminhamento do anexo da Resolução Nº 232, de 25 de outubro de 2018 do Conselho Universitário, resolução esta, que trata da aprovação do nome Maria Alice Silvestre, conforme já sinalizamos como fonte documental. Percebemos, então, que o que temos como documento é apenas esta resolução como sendo a aprovação da nomeação.

Diante disso, retomamos as leituras das narrativas da professora Magda, para compreendermos melhor como se deu este processo da oficialização do nome para CEI Maria Alice Silvestre. Ela explicou que, a proposta de homenagear Maria Alice com o nome do Centro de Educação Infantil, surgiu em uma conversa com o professor Claudemir, quando relembavam a trajetória da estudante e o papel fundamental que ela teve, junto com as colegas, na criação do projeto da creche. Que a ideia da homenagem surgiu como uma forma de manter viva a memória de Maria Alice, que faleceu de maneira trágica, em um episódio que abalou profundamente a comunidade da UFGD. Para ela, dar o nome da aluna à creche (CEI UFGD) era uma forma de reconhecimento e de preservação da memória de quem idealizou e lutou por aquele espaço.

Ela destacou como foi marcante escrever o documento sobre a escolha do nome do CEI junto com a professora Célia, mãe de Maria Alice Silvestre e disse: *“Foi muito emocionante contar essa história. Foi um momento realmente especial”*. Portanto compreendemos que o nome, não é apenas uma identificação, mas símbolo de pertencimento, homenagem e narrativa compartilhada.

Podemos perceber através deste relato, o modo como as dimensões da vida privada, a gravidez, o nascimento de uma criança, o luto, se entrelaçam à vida acadêmica, mostrando que o percurso formativo não se separa das experiências existentes e daquilo que nos atravessa no percurso. A perda da Maria Alice, narrada pela mãe na biografia, com emoção e lembranças, instaura um distanciamento temporal (Elias, 1994), uma quebra na continuidade da vida cotidiana que reorganiza os sentidos da trajetória familiar e profissional.

Questionamos sobre este processo de oficialização, à professora Célia Maria, se ela esteve envolvida de alguma forma, neste processo. A professora Célia fez questão de enfatizar, que a proposta partiu da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), mais especificamente da professora Magda Sarat, que encaminhou a sugestão do nome para os trâmites. Destaca que esse movimento foi conduzido no âmbito da universidade e não pela Secretaria Municipal de Educação, como poderia parecer à primeira vista. Mencionou que este foi um gesto sensível da professora Magda, que ao saber do falecimento de Maria Alice, propôs a UFGD o nome de Maria Alice. Afirmou: *“este gesto, foi inesperado e profundamente*

tocante”. Ela expressou que, embora a homenagem era motivo de muita emoção e reconhecimento, trazia consigo o peso da ausência. Mas compreendia o ato da professora Magda Sarat como uma atitude de delicadeza e de grande sensibilidade humana.

Em resposta, a professora Célia menciona recordar, conforme os registros documentais, que houve uma reunião do Conselho Universitário, realizado em 2018, na qual foi discutido e aprovado a denominação, disse que não esteve presente e que não tem a certeza se o seu marido Rogério, participou desta reunião. Mas fez questão de enfatizar, o que sustentou e embasou o processo de aprovação foi a biografia de Maria Alice, solicitada pela professora Magda Sarat, documento que se tornou peça central na justificativa encaminhada à universidade.

Sobre a biografia, a professora Magda, relata com emoção: *“A gestão pediu um documento, então entrei em contato com a Célia, mãe de Maria Alice. Foi muito tocante, muito marcante para mim. Escrevemos juntas, ela mandou algumas linhas sobre quem era a filha dela, e eu pude redigir o documento explicando como surgiu a escolha do nome”*. Esta ação da professora Magda, revela uma dimensão potente: a atribuição do nome como um gesto de reconhecimento, memória e responsabilidade coletiva, principalmente ao envolver a família da Maria Alice na escrita do documento. Desta maneira, a professora, reafirma uma ética da sensibilidade e do diálogo, considerando a importância do respeito na construção de sentidos institucionais.

Este gesto da professora Magda, ao solicitar a biografia de Maria Alice para compor o processo de nomeação do CEI, representa um esforço de inscrever a memória individual no espaço público, transformando a dor da perda em reconhecimento coletivo.

Neste ponto é possível dialogar com Le Goff (1990), quando o autor reflete sobre a memória como um dos alicerces da identidade coletiva. Para ele, toda sociedade organiza o passado em função das necessidades presentes, e os documentos não são apenas registros, mas construção de memória que carregam intencionalidades e valores simbólicos. Assim, ao ser construída a biografia de Maria Alice para compor o processo de nomeação pela universidade, passa a exercer a função de testemunho público, legitimou-se, homenageou-se e perpetuou a presença da jovem, com a nomeação de Centro de Educação Infantil Maria Alice Silvestre, (CEI MAS).

É importante destacar, que durante o processo da escrita desta dissertação, a professora Magda se aposentou da UFGD, e ao desocupar o gabinete, revisar o que havia em seus armários, ao encontrar uma caixa contendo vários documentos, ainda do tempo em que esteve à frente da COAE, nos disponibilizou para pesquisa, bem como os seus arquivos digitais, e assim foi possível encontrar em PDF a escrita da biografia, que trago a seguir na imagem 11.

Imagem 11- Biografia de Maria Alice Silvestre

Magda, o que dizer sobre minha filha, *in memorian*? Cada vez que falava dela, com ela, era com as mãos, com os olhos, com vinho, com pizza, com café, como bolo... com cheiro.

MARIA ALICE SILVESTRE

Maria Alice Silvestre nasceu em 01 de novembro de 1985, no estado de São Paulo. Lá, viveu sua meninice e sua adolescência, fez o ensino fundamental e médio. Veio para Dourados, para cursar Ciências Biológicas, em 2006, na primeira turma após a implantação da UFGD, especialmente acompanhando a família, com seu pai assumindo concurso como docente do curso ao qual se integrava, nessa universidade.

No primeiro ano do curso, ainda no contexto da implantação da Universidade, acompanhou as dificuldades de permanência de várias jovens mães estudantes. Entendendo que a oferta de espaços de convivência infantil facilitaria a permanência das jovens mães na universidade, liderou um grupo que apresentou essa demanda à professora Magda Sarat, então à frente da COE.

Maria Alice continuou seus estudos. Em 2009 se casou com Victor Quirolli. Concluiu a Graduação, ingressando no Mestrado em BIOPROSPECÇÃO em 2011.

Maria Alice concluiu o mestrado, em 2013. Ela, Victor e toda a família, esperavam a chegada de Hector, seu primeiro filho, quando aquela tragédia aconteceu.

Maria Alice foi estudante de graduação, de mestrado, seria de doutorado e seria professora da UFGD. Era para ser assim. Hector teria ido para o CEI que ela visualizou... que demandou com suas colegas. Era para ser assim... não foi.

Mas Maia, sua sobrinha, frequenta esse CEI desde os dois anos de idade. Luna, sua irmã, pode fazer mestrado com maior tranquilidade, podendo dispor desse cuidado com a pequena Maia. Outras mulheres jovens se beneficiam do que ela visualizou, do que desejou.

Fonte – Acervo pessoal professora dra. Magda Sarat, (2024).

TRANSCRIÇÃO Imagem 11- Biografia de Maria Alice Silvestre

Magda, o que dizer sobre minha filha, *in memória*? Cada vez que falava dela, com ela, era com as mãos, com os olhos, com vinho, com pizza, com café, como bolo...com cheiro.

MARIA ALICE SILVESTRE

Maria Alice Silvestre nasceu em 01 de novembro de 1985, no estado de São Paulo. Lá viveu sua meninice e sua adolescência, fez ensino fundamental e médio. Veio para Dourados, para cursar Ciências Biológicas, em 2006, na primeira turma após a implantação da UFGD, especialmente acompanhando a família, com seu pai assumindo concurso como docente do curso ao qual se integrava, nessa universidade.

No primeiro ano do curso, ainda no contexto da implantação da Universidade, acompanhou as dificuldades de permanência de várias jovens mães estudantes. Entendendo que a oferta de espaços de

convivência infantil facilitaria a permanência das jovens mães, na universidade, liderou um grupo que apresentou sua demanda à professora Magda Sarat, então à frente da COAE.

Maria Alice continuou seus estudos. Em 2009 se casou com Victor Quirolli. Conclui a Graduação, ingressou no Mestrado em BIOPROSPCÇÃO em 2011.

Maria Alice conclui o mestrado, em 2013. Ela e toda a família, esperavam a chegada de Hector, seu primeiro filho, quando aquela tragédia aconteceu.

Maria Alice foi estudante de graduação, de mestrado, seria de doutorado e seria professora da UFGD. Era para ser assim. Hector teria ido para CEI que ela visualizou...que demandou com suas colegas. Era para ser assim... não foi.

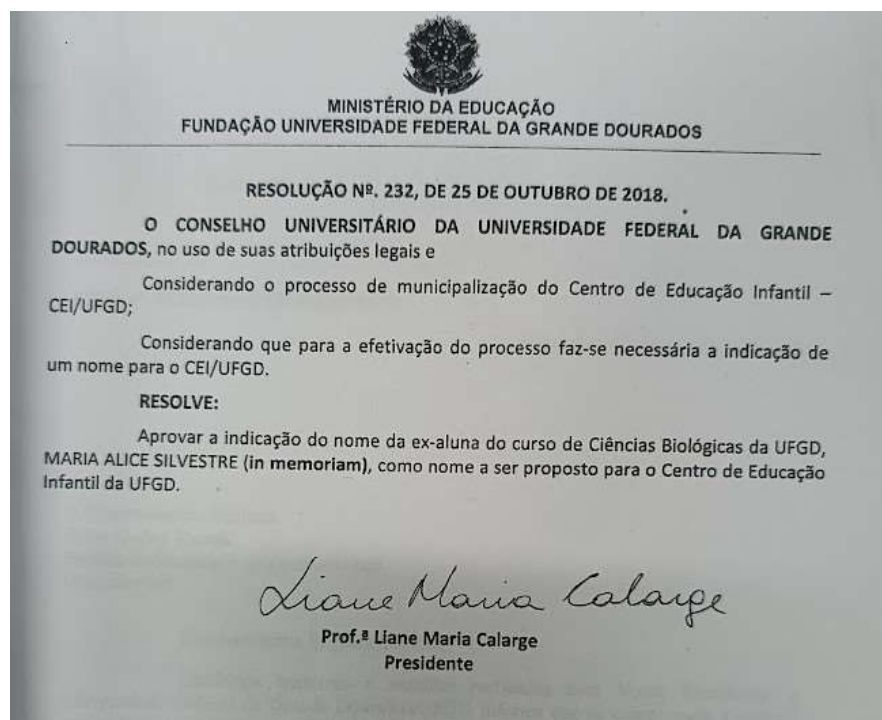
Mas Maia, sua sobrinha, frequentou esse CEI desde seus dois anos de idade. Luna, sua mãe, pode fazer mestrado com maior tranquilidade, podendo dispor desse cuidado com a pequena Maia.

Outras mulheres jovens se beneficiam do que ela visualizou, do que desejou.

Podemos evidenciar que, com o gesto da professora Magda e o aceite da mãe em escrever esta biografia, temos configurado um ato de produção da memória, em que o documento (a biografia), assume a mediação entre o vivido e a histórico. Assim, a universidade, ao oficializar o nome de Maria Alice, torna-se guardiã dessa memória, transformando o espaço educativo em um lugar de lembranças, na concepção de Le Goff (1990), um espaço no qual a história e a emoção se encontram para construir sentidos duradouros de pertencimento.

A Resolução nº 232 é então, até o momento de escrita desta nossa Dissertação, a única fonte documental que encontramos sobre a aprovação e a indicação do nome do CEI UFGD para CEI Maria Alice Silvestre. Esta resolução representa um ato político e simbólico de grande relevância, pois, a escolha de um nome para uma instituição educacional não é um mero detalhe burocrático, mas um gesto de construção identitária. Sendo assim, esta resolução formaliza e legitima uma decisão institucional que, atribui um significado social à escola, associando-a a uma trajetória, uma memória ou uma figura relevante no contexto local. O nome Maria Alice Silvestre passa a integrar a identidade institucional do CEI, inscrevendo-o na narrativa histórica da comunidade e do município. Isto posto, trazemos para o texto a Imagem 15, que materializa o que foi por nós refletido.

Imagem 12: Resolução nº 232 do COUNI/UFGD



Fonte: CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre (2024).

Transcrição Imagem 12: Resolução nº 232 do COUNI/UFGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

RESOLUÇÃO Nº 232 DE OUTUBRO DE 2018

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, no uso de suas atribuições legais e

Considerando o processo de municipalização do Centro de Educação Infantil – CEI/UFGD;

Considerando que para a efetivação do processo fa-se necessário a indicação de um nome para o CEI/UFGD.

RESOLVE:

Aprovar a indicação do nome da ex-aluna do curso de Ciências Biológicas da UFGD. MARIA ALICE SILVESTRE (*in memória*), como nome a ser proposto para o Centro de Educação Infantil da UFGD.

Liane Maria Calarge

Presidente

Em continuidade nas buscas, realizamos uma pesquisa na plataforma da UFGD no endereço eletrônico do portal da UFGD e encontramos o Mapa da Unidade II, onde podemos

visualizar, conforme a legenda o prédio do CEI UFGD, localizado no número 74, como demonstra a imagem.

Imagem 13 Mapa da Unidade II da UFGD – parte 1



Fonte: Portal UFGD – Guia do Acadêmico - acesso dia 13 de março 2026 às 17:33.

Imagem 14 Mapa da Unidade II da UFGD – parte 2



Fonte: Portal UFGD – Guia do Acadêmico - acesso dia 13 de março 2026 às 17:33.

Ao observar o mapa, foi inevitável não me lembrar, eu como professora no CEI e os passeios com as crianças, passeios estes que faziam parte do planejamento pedagógico e do cotidiano da creche. Os arredores do prédio, eram/são lugares com inúmeras possibilidades de aprendizado e experiências vivenciadas pelas crianças. Um desses lugares era/é o manguezal, situado quase de frente com o CEI. Era/é um lugar que fazia tanto sentido para as crianças, que foi nomeado por elas de “floresta encantada”. Ali, as crianças, exploravam as árvores, a terra e

podiam brincar e interagir. Outros lugares sempre frequentados pelas crianças, eram as quadras esportivas, os tanques dos peixes da faculdade de aquicultura, a fazendinha, com os bichos, da faculdade de agronomia e tantos outros lugares. Lembro-me que a partir destes fazeres pedagógicos, a equipe de professoras/es, desenvolveu o projeto intitulado “Meu quintal é maior que mundo”, inspirado no poema do poeta Manoel de Barros. Projeto este construído em 2018, com a orientação da coordenadora naquela época, Natali Gomes, fruto de sua participação em um evento na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em que apresentou um relato de experiência, juntamente com a professora Joice Camila, ambas foram mestranda do Programa de Pós-Graduação da UFGD. As professoras retornaram deste evento inspiradas, com o que presenciaram na universidade, a creche dentro do espaço universitário, era como um laboratório de aprendizado. Ao propor este projeto, a intenção foi vivenciar experiências fora das “salas”, construído no pátio este “laboratório de vivências e experiências”, bem como a exploração da natureza aos arredores do CEI. Essas práticas, envolvendo a criança e a natureza, faziam parte da identidade do CEI Maria Alice Silvestre, desde de sua fundação, pelo espaço geográfico em que o CEI está inserido.

A esse respeito, ao considerarmos o que ocorre no cotidiano e no interior da escola, corroboramos o pensamento de diversas/os pesquisadoras/os os quais defendem que o dia a dia escolar é produtor de cultura. Nesse sentido, “de fato, tais práticas produzidas pelos sujeitos no seu dia a dia escolar também os produzem” (Faria Filho; Vidal; Gonçalves; Paulilo, 2004).

Para dialogarmos com este contexto do fazer pedagógico do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, trazemos algumas observações do Projeto Pedagógico (PP) da instituição. O PP constitui-se como um documento de orientação institucional e identitária, construído por toda comunidade escolar. Sua construção, no contexto e consolidação da educação infantil no âmbito universitário, reflete movimentos de debates coletivos em torno de práticas e significados que definem o fazer pedagógico.

Conforme Kramer e Leite (1998), o PP é mais do que um instrumento técnico-administrativo, ele é uma expressão política e cultural do projeto educativo que a instituição escolhe construir. Nessa perspectiva, o documento de 2016 revela uma intencionalidade formativa que busca articular teoria e prática, saber acadêmico e saber da experiência, os direitos das crianças e as condições do trabalho docente. Ao explicar objetivos, metas e princípios, o texto não apenas organiza a rotina institucional, mas também produz representações sobre o que se entende por infância e educação infantil, configurando-se um espaço simbólico de produção de significado.

A leitura do PP, também evidencia o que Elias (1994) denomina de “teia de interdependência”, um entrelaçamento de ações, expectativas e poderes que marcam o cotidiano institucional. Nesse sentido o documento é fruto de uma rede de relações entre professoras/es, gestores, famílias e a própria universidade.

Com ênfase no brincar, escuta das crianças e na organização, dos tempos e espaços, as escolhas refletem, portanto, um processo social mais amplo de construção da identidade do CEI. É possível identificar uma concepção de infância como sujeito de direitos, marcada pela valorização das experiências, saberes e expressões infantis. O documento reconhece a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem e participante ativa da construção da vida coletiva no CEI. Essa perspectiva dialoga com o que Kramer (2007, p. 22) defende ao afirmar que “pensar a infância é pensar o humano em sua inteireza, em sua potência de ser e de conhecer o mundo”. Assim observa-se que o PP, não reduz a criança a um ser em desenvolvimento, mas a compreende em sua plenitude, como alguém que produz cultura e conhecimento.

O educador é apresentado como mediador, pesquisador e sujeito reflexivo, cuja função ultrapassa a simples execução de rotinas pedagógicas. O PP atribui ao professor o papel de observador atento e participante, capaz de escutar e interpretar as manifestações infantis, reconhecendo nelas formas de expressar seus pensamentos. Pensando nesta perspectiva, nos aproximamos de Freire (1996, p. 47), quando ele destaca a importância do diálogo e da escuta sensível como fundamentos da prática educativa: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para sua própria produção ou construção”. Assim, o documento orienta o trabalho pedagógico para a construção de ambientes de aprendizagem nos quais as crianças sejam encorajadas a investigar, criar e se expressar livremente.

Por fim, o documento expressa uma visão de escola como espaço de cultura, na qual se valorizam as diferentes linguagens, oral, corporal, plástica, musical, como formas legítimas de comunicação e aprendizagem. Tal concepção reafirma a perspectiva de que o currículo da Educação Infantil deve articular experiências, saberes e expressões culturais, conforme preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009).

Em se tratando da Educação Infantil do Município de Dourados MS, conforme demonstra Giselle Cristina Martins Real (2000), a organização da Educação Infantil esteve ligada inicialmente, a práticas assistenciais, filantrópicas e comunitárias, a partir da atuação de instituições privadas e entidades beneficentes antes da ampliação da participação do poder público municipal.

Segundo a autora, a Educação Infantil no município intensificou-se a partir da década de 1970, período de mudanças significativas no cenário regional, sobretudo em decorrência da

criação do estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, e do crescimento populacional de Dourados. Esse contexto contribui com os processos de urbanização e migração, resultando no aumento da população infantil e, conseqüentemente, na necessidade de criação de espaços voltados ao atendimento de crianças pequenas (Real, 2000).

Ainda a partir de Real (2000), temos que a Fundação de Promoção e Assistência Social (PRO-SOCIAL) exerceu papel importante na implementação das creches públicas, assumindo responsabilidades relacionadas ao atendimento infantil, em especial das crianças menores, o que reforçava uma concepção assistencialista das creches, em contraste com a pré-escola, associada ao preparo para o ensino fundamental.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e, posteriormente, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), a Educação Infantil passou a ser reconhecida como a primeira etapa da educação básica, ampliando a responsabilidade do município em relação à oferta desse atendimento. Entretanto, conforme destaca Real (2000), mesmo diante dos avanços legais, os desafios eram especialmente no que se refere à falta de vagas, às desigualdades entre creches e pré-escolas e práticas ainda fortemente marcadas pelo assistencialismo (Real, 2000).

E no final da década de 1990, de acordo com Real (2000), a Educação Infantil em Dourados apresentava-se em processo de reorganização institucional, buscando alinhar-se às diretrizes nacionais, embora permanecessem tensões entre as concepções de cuidado e educação. Nesse percurso, a trajetória da Educação Infantil no município revela um movimento de transição entre práticas predominantemente assistenciais e a progressiva institucionalização do atendimento educacional à infância, acompanhando as transformações das políticas públicas nacionais e as especificidades da realidade local.

Diante deste contexto histórico apresentado, percebemos que a Educação Infantil em Dourados se constituiu de forma gradual, atravessada por movimentos de expansão, reorganizações institucionais e pela crescente responsabilização do poder público municipal, especialmente após os marcos legais da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

Podemos dizer que ao fazer a análise do PP do CEI UFGD, entendemos que o documento, não é apenas um documento normativo, mas uma expressão simbólica da memória institucional, um marco que registra, organiza e legitima práticas, permitindo compreender o CEI UFGD como um espaço de produção de sentidos, no qual se torna também um ato político e cultural, revelando a complexidade e a vitalidade da educação infantil no âmbito universitário.

Para contextualizar este movimento e compreender a realidade da educação infantil de nosso município, retomando as buscas na Secretaria de Educação, com a responsável pelo Censo Escolar, com a intencionalidade de averiguarmos quantos CEIMs havia no período de 2008 a 2018, período referente ao recorte temporal. A responsável por esta informação, encaminhou a devolutiva após alguns dias, através de imagens fornecidas via telefone ²³.

Quadro 4 – Instituições de Educação Infantil em Dourados-MS entre a década de 2008 a 2018

Ano	Nº de CEIMs	Nº de crianças - Creches	Nº de crianças Pré-Escola	Total
2008	24	1.494	718	2.212
2010	26	1458	819	2.277
2012	28	1.765	910	2.675
2014	31	2.280	971	3.251
2016	34	3.158	1.559	4.717
2018	36	3.437	1.818	5255

Fonte: Elaborado a partir de dados do Censo Escolar – SEMED, 2026.

Conforme o quadro, é possível observar uma crescente expansão no que diz respeito a Educação Infantil no Município de Dourados, em especial no período de uma década, conforme exposto no quadro.

Desse modo, a criação do CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre, se inscreve também neste movimento de expansão da Educação Infantil no município de Dourados, e evidenciamos que, em se tratando de CEIMs, nas proximidades, não havia nenhum que atendesse a comunidade universitária e as demandas ao entorno. Isto posto, compreendemos que a criação do CEI MAS dentro do espaço da universidade, configura -se como um movimento de extrema relevância não só para a comunidade acadêmica e as comunidades ao entorno, mas também para a expansão da Educação Infantil dentro do município de Dourados, MS.

Portanto, escrever esta dissertação, entrelaçando movimentos, histórias e memórias, tonou-se não apenas uma tarefa científica e acadêmica, objetivando constatar a importância da criação do CEI UFGD - CEI Maria Alice Silvestre, mas uma tessitura em que a história encontrou espaço no vivido, lembrando o passado, as experiências e por fim constituiu um ato transformador, em que eu como a *professorapesquiadora*, passo a viver a *pesquisafomaçãotransformação*.

²³ O quantitativo de CEIMs foi disponibilizado em formato de imagens, pelo aplicativo de mensagens e comunicação de áudio e vídeo, denominado WhatsApp, devido a praticidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS: entrelaçando movimentos, histórias e memórias

“O que eu trago, para partilhar com você, fala um pouco de caminhos que entrelaçam viver, pesquisar, narrar e formar. Não consigo pensar de forma diferente esses componentes todos” (Reis; Baroni; Bragança, 2024, p. 220).

Ao concluir esta dissertação, retorno ao objetivo geral que orientou esta investigação: narrar a história da fundação e implementação do Centro de Educação Infantil da Universidade Federal da Grande Dourados, desde sua criação como CEI UFGD até sua institucionalização como CEI Maria Alice Silvestre, no período de 2008 a 2018. Mais do que reconstituir fatos, busquei compreender os movimentos, as relações, as tensões e os sentidos que atravessaram a constituição dessa instituição no interior da Universidade Federal da Grande Dourados e no contexto da Educação Infantil no município de Dourados, destacando-a como o único Centro de Educação Infantil dentro de um espaço universitário no estado de Mato Grosso do Sul.

A problemática que mobilizou esta pesquisa partiu da compreensão de que o CEI não surgiu como resultado de um ato isolado ou meramente administrativo. Ao longo da investigação, tornou possível evidenciarmos que sua criação foi tecida em meio a redes de interdependência, disputas de poder, articulações institucionais e reivindicações coletivas, especialmente vinculadas às demandas estudantis, às lutas das mulheres que, no espaço, reivindicavam condições para permanecerem estudando, trabalhando e maternando no âmbito acadêmico.

Nesse sentido, devo ressaltar, a constituição do CEI revelou-se como expressão de um processo histórico mais amplo, em que universidade, município, movimentos estudantis e sujeitos se entrelaçaram em um movimento para uma resposta coletiva necessária. Destaco o envolvimento neste processo de reivindicação, o movimento estudantil, em destaque as alunas do curso de Biologia, em especial da aluna Maria Alice Silvestre.

Na “Introdução: *pesquisaformação*, narrativa e (auto)biográfica”, assumi o percurso teórico-metodológico da pesquisa, trazendo para o nosso estudo a perspectiva da *pesquisaformação*, ancorada na abordagem narrativa e (auto)biográfica. A escolha não se limitou a uma definição metodológica, mas atravessou todo o processo investigativo, uma vez que narrar a história do CEI significou também revisitar memórias, reposicionar experiências e reconhecer o meu lugar de *professorapesquisadora* na produção do conhecimento, bem como por ter sido parte da equipe de professoras/es na referida instituição. Assim, o percurso

investigativo confirmou que a escrita da história institucional também produz movimentos formativos, transformando o olhar sobre o vivido e sobre a própria docência.

Na Seção 2, dedicada aos movimentos que antecederam a criação do CEI UFGD, foi possível compreender que sua implementação está diretamente relacionada ao processo de expansão da UFGD e às transformações políticas e sociais que marcaram aquele contexto. As fontes analisadas evidenciaram que a criação do CEI esteve vinculada a uma pauta concreta de permanência estudantil, especialmente diante das demandas das mulheres-mães, estudantes e servidoras que lutaram para que a universidade reconhecesse que o acesso ao ensino superior não se sustenta sem condições mínimas de permanência. Assim, a luta pelo espaço de educação infantil, no interior da universidade, inscreve-se também como luta por direitos, por equidade e por reconhecimento.

Na Seção 3, ao acompanhar os caminhos da fundação, implementação e institucionalização do CEI UFGD, ficou evidente que a história da instituição não se reduz à materialidade de sua abertura. Os documentos, atas, resoluções, projeto pedagógico, narrativas e arquivos revelaram uma trajetória marcada por escolhas, construções coletivas e permanentes processos de significação.

A análise do período inicial demonstrou que a fundação do CEI UFGD foi resultado de articulações entre diferentes instâncias da universidade e do poder público municipal, a partir de um acordo de cooperação técnica entre as partes: UFGD e Secretaria Municipal de Educação. Isto evidenciou que a Educação Infantil, naquele contexto, foi reconhecida como parte das políticas institucionais de apoio à comunidade acadêmica e também como resposta às demandas sociais do entorno.

Posteriormente, ao analisar a passagem de CEI UFGD para CEI Maria Alice Silvestre, compreendi que a mudança de denominação representou muito mais do que um procedimento burocrático. O processo de nomeação revelou uma dimensão simbólica profunda, em que memória, afeto, pertencimento e reconhecimento se transformaram em elementos constitutivos da identidade institucional. A homenagem a Maria Alice Silvestre inscreveu no espaço da instituição uma narrativa de luta, de presença feminina e de memória coletiva, convertendo o nome em marca histórica e política. Nesse sentido, ouvir a professora Celia Maria Foster Silveira, mãe de Maria Alice, se constituiu em escolha que conferiu humanidade, pois sem ela a pesquisa não caminha.

Outro aspecto que se destacou ao longo da pesquisa foi o modo como o CEI se constituiu como espaço formativo. As narrativas da professora Magda Sarat, do professor Claudemir Dantes, os registros documentais e o Projeto Pedagógico analisados, evidenciaram que a

instituição extrapolou a função de atendimento às crianças. O CEI se consolidou como lugar de formação docente, de extensão universitária, de diálogo com as famílias, de produção de conhecimento e de articulação entre teoria e prática. Nesse sentido, a creche dentro da universidade afirmou-se como espaço vivo de experiências educativas, de pesquisa e de construção de cultura escolar.

As fontes também permitiram compreender que a trajetória do CEI se insere em um movimento mais amplo de expansão da Educação Infantil no município de Dourados. No entanto, ao mesmo tempo em que acompanhou esse processo, o CEI assumiu uma singularidade própria ao se constituir no interior da universidade, articulando permanência estudantil, formação acadêmica e práticas pedagógicas voltadas à infância.

Ao final deste percurso, compreendi que narrar a história do CEI UFGD, hoje CEI Maria Alice Silvestre, significou contribuir para o campo da História da Educação, especialmente ao trazer à visibilidade a única instituição de educação infantil, no interior de uma universidade no Mato Grosso do Sul e que ainda pouco tematizada nas pesquisas acadêmicas. Os documentos encontrados, inclusive seus silêncios, as narrativas colhidas e as memórias revisitadas mostraram que a história institucional se constrói tanto a partir do que permanece registrado quanto a partir do que exige interpretação, escuta e sensibilidade investigativa.

Por fim, esta pesquisa permitiu reconhecer que o CEI Maria Alice Silvestre é resultado de movimentos históricos, políticos e humanos que se materializaram em um espaço educativo singular. Mais do que contar a história de uma instituição, a nossa Dissertação procurou evidenciar como a Educação Infantil, quando situada no interior da universidade, se torna também espaço de formação, de resistência, de produção de conhecimento e de afirmação de direitos.

Escrever esta Dissertação foi, portanto, mais do que reconstruir uma trajetória institucional. Foi também um exercício de reencontro com memórias, de escuta das vozes que constituíram essa história e de compreensão de que pesquisar, neste caso, foi também formar-se. Nesse movimento, a história do CEI Maria Alice Silvestre deixou de ser apenas objeto de investigação e tornou-se também experiência de *pesquisaformação*, em que memória, história e vida se entrelaçam na construção de novos sentidos sobre a Educação Infantil e sobre o próprio percurso da *professorapesquisadora*.

Talvez por isso, o verso de Manoel de Barros, que abre esta pesquisa, permaneça tão significativo ao seu fechamento: “*o meu quintal é maior que o mundo*”. O CEI, inscrito no interior da universidade, mostrou-se justamente assim: um quintal de infâncias, de aprendizagens, de descobertas e de humanização, onde a experiência cotidiana produziu

memórias, saberes e histórias que ultrapassam seus muros e seguem reverberando no tempo, na formação docente e na vida daqueles que por ele passaram. Eu passei por este espaço que me constitui como *professroapesquisadora* em constante *trasnformação*.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação**. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2021.
- ALMEIDA, Marcelo Matias de. O desenvolvimento regional enquanto concepção institucional: analisando os documentos institucionais da Universidade Federal de Dourados. *In: REAL, Gisele Cristina Martins (Org.). A UFGD na memória científica: contribuições do programa de pós-graduação em educação*. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
- BARROS, Manoel de. **Ensaaios fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo: antologia**. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2015.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Propor um espaço potente e plural. *In: Borges, Ana Lúcia; Alcântara Cristiano Rogério (Org.). Entre Sabores e Saberes: Experiências e reflexões sobre gestão escolar e formação docente*. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2020
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica arte e política**. Brasiliense, 1996.
- BIASOTTO, Wilson Valentin. Em busca dos caminhos percorridos para a implantação da UFGD. *In: FARIAS, Damião Duque de (Org.). UFGD em memórias: gestão democrática e excelência acadêmica (2005-2015)*. Curitiba: CRV, 2022. p. 21-51.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 29 ago. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 29 ago. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 29 ago. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 11.153, de 29 de julho de 2005**. Cria a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1 ago. 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2005/lei-11153-29-julho-2005-537975-publicacaooriginal-31337-pl.html> Acesso em: 08 ago. 2025

BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de novembro de 2009** que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf Acesso em: 29 ago. 2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (Orgs.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica): conhecimentos, experiências e sentidos).

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas. **Linhas Críticas** vol.29. Brasília, 2023. Epub 22-Ago-2023.

CAMILLO, Márcio de. O menino e o rio. In: **Crianceiras**. Campo Grande: [s.n.], 2012. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marcio-de-camillo/o-menino-e-o-rio/>. Acesso em: 28 fev. 2026.

CAMPOS, Míria Izabel. **Memórias de infância de professoras da educação infantil: gênero e sexualidade**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

DIDONET, Vital. A CRIANÇA DE 0 - 6 ANOS NO BRASIL E SEU ATENDIMENTO EDUCACIONAL - Questões a Considerar. **Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.** Ill(1): São Paulo, 1993.

DOURADOS. Prefeitura Municipal de Dourados. Universidade Federal da Grande Dourados. **Acordo de Cooperação Técnica entre a Universidade Federal e a Prefeitura Municipal**. Dourados: 2012.

DOURADOS. **Prefeitura Municipal**. Perfil socioeconômico de Dourados. Dourados: Prefeitura Municipal de Dourados, 2019. Disponível em: <https://www.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Perfil-Socioeconômico-de-Dourados-2.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2026.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schröter. Tradução Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Reimp. - (Biblioteca 70; 16). Biblioteca Nacional de Portugal - Catalogação na Publicação, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves; GONÇALVES, Irlen Antônio; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/dourados.html> Acesso em: 18 maio 2026.

JOSSO, Marie-Christine. Caminhar para si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n.1, p. 9-45, 2001.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

KRAMER, Sonia. AS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL: EDUCAÇÃO INFANTIL. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006.

KRAMER, Sonia. INFÂNCIA, CULTURA CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 14 pgs., 2007.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância E Produção Cultural**. 8. ed. Campinas, SP: Papiros, 1998.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990, p. 525-541.

LIBÂNEO, José Carlo. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MENEGAT, Alzira Salete. Mulheres na Sociedade: Um olhar sobre as condições e das transformações sociais produzidas por elas. In: LOMBA, Fátima de Farias (Org.). **Relações de gênero**: dilemas e perspectivas. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene (Orgs.) **Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

MORAES, Ceres. Assistência estudantil como política de inclusão na UFGD. *In*: FARIAS, Damião Duque de (Org.). **UFGD em memórias: gestão democrática e excelência acadêmica (2005-2015)**. Curitiba: CRV, 2022. p. 287-319.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto) biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75612, 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v.10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes R. O currículo na educação infantil: o que propõe as novas diretrizes nacionais. *In*: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezatto (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância: dialogando como passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PORTAL UFGD. **Carta da Reitoria em celebração ao aniversário da UFGD**. 2025. disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/ufgd-20-anos> Acesso em: 20 fev. 2026.

PORTAL UFGD: **Mapa panorâmico da Unidade II da UFGD**. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/PLANODIRETOR/Mapa%20da%20Unidade%202%20UFGD.pdf> Acesso em: 13 mar. 2026.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3993/399360926022.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2026.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a eco-formação. *In*: NÓVOA, António. FINGER, Mathias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 91-110.

REIS, Graça Regina Franco da Silva; BARONI, Patrícia; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Conversa com Inês Bragança: porque narrar faz parte desse movimento de habitar a terra, de estar em contato com o outro. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 2, p. 217-246, mai./ago. 2024.

REAL, Giselle Cristina. **Educação Infantil: Políticas Públicas e Ações Institucional**. 200. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas de educação infantil e avaliação. **Cadernos De Pesquisa**, 43(148), 44–75, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes 1976.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. História da Educação do tempo presente: bases teóricas-metodológicas. **Revista Filosófica e Educação**, Campinas, v.3, n.1, p. 295-312, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, jul./dez. 1990.

SILVA, Claudemir Dantes da. **Família e educação infantil: relações interdependentes**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados: UFGD, 2025.

VIDAL, Diana. **Culturas Escolares**. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **educação**, Santa Maria, v. 30 - n. 02, p. 177-194, 2005.

REFERÊNCIAS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Silvânia Brito. **Políticas para a educação infantil: implementação de creches na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESBB**. 147f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2019.

BULLÉ, Flávia do Carmo. **Impactos da “institucionalização”**: um olhar a partir de encontros. 2016. [144 f.]. Dissertação (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ].

FERREIRA, Eliana Maria. **Educação infantil no cotidiano: diálogos entre adultos e crianças**. 2019. 161 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

GRAVITOL, Samara. **Educação “pré-escolar em Dourados: a escola Serviço de Educação Integral -SEI (1980-1995)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados. 2017.

LOPES, Isabela Pereira. **O Acesso às Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (UUFEL'S):** A escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Universidade federal do Rio de Janeiro Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação.

MELO, Ceciana Fonseca Veloso de. **Narrativas infantis:** estudos da agência no contexto de uma creche universitária. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2010.

MELO, Claudia Viana. **Da Creche Universitária a EEI-UFRJ:** uma pedagogia da infância entre rastros, rascunhos e alinhavos. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação.

RAUPP, Marilene Dandolini. **A Educação Infantil nas Universidades Federais:** questões. Dilemas e perspectivas. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

SANTOS, Ronise Nunes. **A história da “Casa escola O Infantil do Bom-senso” em Dourados (1973-1986).** 2015. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

SILVA, Vania Maria Almeida. **A trajetória da Educação Infantil na UFSM:** 23 anos de história do Ipê Amarelo. 133p.;30cm. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2012.

VARGAS, Priscila Demeneghi da Silva. **História do Lar Santa Rita e a infância em Dourados -MT/MS(1965-1982).** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados. 2022.

OLIVEIRA, Rosana Carla. **Paulistinha, a creche universitária da UNIFESP:** a construção identitária de uma história multifacetada (1971 a 1996). Dissertação (mestrado em educação). Universidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2019.

MENEZES, Flávia Maria de; Aquino Ligia Maria Motta Leão de. **Onde Estão as crianças da Carochinha?** Investigando a Produção de Conhecimento de uma creche Universitária. GT 07- Educação de Crianças de 0 a 6 anos – Trabalho 720 – Agência Financiadora: PROCENCIA-UERJ/FAPERJ.

FONTES DOCUMENTAIS

Diário Oficial da União – seção 3 nº 238. Celebração entre a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados e a Prefeitura de Dourados. Arquivo da Secretaria Municipal de Educação Dourados MS, SEMD.

Diário Oficial do Município, 16 de junho de 2014 – ATA criação da APM CEI UFGD. Arquivo da Secretaria de Educação Municipal de Dourados, MS. SEMED.

MARIA ALICE SILVESTRE. **Livro Ata**, Ata nº 01 da Criação do CEI UFGD. Arquivo institucional do CEI Maria Alice Silvestre. Dourados, MS, 12 de dezembro de 2011.

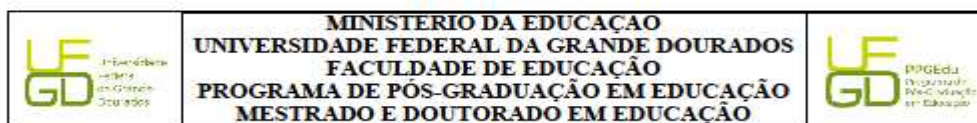
MARIA ALICE SILVESTRE. **Livro Ata**, Ata nº 02, registro referente às reuniões pedagógicas com o objetivo de apresentar e conhecer os profissionais que atuarão no CEI. Arquivo institucional do CEI Maria Alice Silvestre. Dourados, 2012.

MARIA ALICE SILVESTRE. **Livro Ata**, registro de abertura, referente às ocorrências administrativas, deliberações, resoluções e decisões em reuniões administrativas e pedagógicas. Arquivo institucional do CEI Maria Alice Silvestre. Dourados, 2014.

MARIA ALICE SILVESTRE. **Livro Ata**, Ata nº 03, registro referente a reunião com todos os funcionários para discussão administrativa e pedagógica. Arquivo institucional do CEI Maria Alice Silvestre. Dourados, 11 de maio de 2012.

Ofício 04, 23 de fevereiro 2018. APM para Promotoria de Infância e Juventude de Dourados, referente a fatos ocorridos no CEI UFGD -Paralização. Arquivo institucional do CEI Maria Alice Silvestre. Dourados, 23 de fevereiro de 2018.

Resolução nº 232, 25 de outubro de 2018. Indicação do nome da ex-aluna do curso de Ciências Biológicas da UF



Dourados, MS, 02 de setembro de 2024.

Ilma. Professora Luciane Lopes
Coordenadora do Centro de Educação Infantil Maria Alice Silvestre

Prezada Professora,

Eu, Miria Izabel Campos, professora da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Educação - Graduação e Pós-Graduação - me dirijo a Vossa Senhoria hoje desempenhando a função de orientadora de **Antonieta Aliendre Moraes Nascimento**, aluna regularmente matriculada no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEdu/FAED/UFGD.

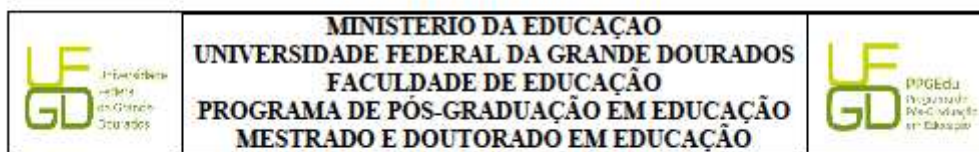
Devo registrar que a aluna vem desenvolvendo pesquisa teórica com vistas à elaboração da sua Dissertação, inicialmente intitulada **"CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA ALICE SILVESTRE EM DOURADOS-MS (2008-2018): MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS"** e, neste momento do processo, necessita iniciar os procedimentos empíricos do estudo.

Neste sentido, venho através deste solicitar de Vossa Senhoria recebê-la para tratar do estudo em andamento e possibilitar acesso a documentos da história da referida instituição, os quais serão fundamentais para que a aluna possa realizar a leitura e fazer os apontamentos necessários à sua investigação.

Sendo o que se apresenta no momento e certa de poder contar com seu apoio, desde já agradeço e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos relativos ao desenvolvimento da pesquisa.

Atenciosamente,

Professora Miria Izabel Campos



Dourados, MS, 02 de setembro de 2024.

Ilmo. Professor Doutor Fabiano Coelho
 Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis - PROAE/UFGD

Prezado Professor,

Eu, Míria Izabel Campos, professora da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Educação - Graduação e Pós-Graduação - me dirijo a Vossa Senhoria hoje desempenhando a função de orientadora de **Antonieta Aliandre Moraes Nascimento**, aluna regularmente matriculada no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEdU/FAED/UFGD.

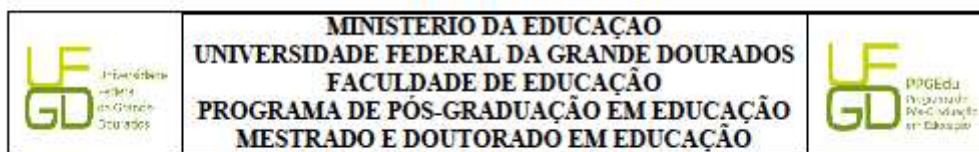
Devo registrar que a aluna vem desenvolvendo pesquisa teórica com vistas à elaboração da sua Dissertação, inicialmente intitulada **“CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA ALICE SILVESTRE EM DOURADOS-MS (2008-2018): MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS”** e, neste momento do processo, necessita iniciar os procedimentos empíricos do estudo.

Neste sentido, venho através deste solicitar de Vossa Senhoria recebê-la, ou indicar alguém que possa fazê-lo, para tratar do estudo em andamento e possibilitar acesso a documentos da história da referida instituição, os quais serão fundamentais para que a aluna possa realizar a leitura e fazer os apontamentos necessários à sua investigação.

Sendo o que se apresenta no momento e certa de poder contar com seu apoio, desde já agradeço e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos relativos ao desenvolvimento da pesquisa.

Atenciosamente,

Professora Míria Izabel Campos



Dourados, MS, 02 de setembro de 2024.

Ilmo. Professor Carlos Vinicius da Silva Figueiredo
 Secretário de Educação
 Dourados - MS

Prezado Professor,

Eu, Míria Izabel Campos, professora da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Educação - Graduação e Pós-Graduação - me dirijo a Vossa Senhoria hoje desempenhando a função de orientadora de **Antonieta Aliandre Moraes Nascimento**, aluna regularmente matriculada no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEdu/FAED/UFGD.

Devo registrar que a aluna vem desenvolvendo pesquisa teórica com vistas à elaboração da sua Dissertação, inicialmente intitulada **“CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA ALICE SILVESTRE EM DOURADOS-MS (2008-2018): MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS”** e, neste momento do processo, necessita iniciar os procedimentos empíricos do estudo.

Neste sentido, venho através deste solicitar de Vossa Senhoria recebê-la, ou indicar alguém da Secretaria Municipal de Educação que possa fazê-lo, para tratar do estudo em andamento e possibilitar acesso a documentos da história da referida instituição - quer seja, CEI Maria Alice Silvestre -, os quais serão fundamentais para que a aluna possa realizar a leitura e fazer os apontamentos necessários à sua investigação.

Sendo o que se apresenta no momento e certa de poder contar com seu apoio, desde já agradeço e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos relativos ao desenvolvimento da pesquisa.

Atenciosamente,

Professora Míria Izabel Campos

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
GRANDE DOURADOS - UFGD



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DE CEI UFGD A CEI MARIA ALICE SILVESTRE(2008-2018):MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Pesquisador: ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89149225.7.0000.5160

Instituição Proponente: Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.884.443

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2515988.pdf, de 28/05/2025).

1. Introdução

Neste presente projeto de pesquisa, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC), temos como proposta narrar a história da fundação e implementação do Centro de Educação Infantil - CEI UFGD, posteriormente nomeado Centro de Educação Infantil (CEI) Maria Alice Silvestre, situado na Unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul (MS), enquanto um espaço que contribui como lugar propulsor de práticas pedagógicas. Inicialmente reconhecido como CEI UFGD, foi inaugurado em março de 2012, em resposta à reivindicação da comunidade acadêmica. O início do seu funcionamento se deu a partir de um Acordo de Cooperação Técnica entre a UFGD e a Prefeitura Municipal de Dourados: Acordo de cooperação Técnica N. 055/2011 que entre si celebram a Fundação Universidade Federal da Grande Dourados UFGD e o município de Dourados com vistas a unir esforços em torno do CEI UFGD, localizado na Unidade II, da UFGD, em Dourados (Dourados, 2012, p. 1). Este acordo deu legalidade ao funcionamento do CEI UFGD como instituição conveniada, sendo que a Prefeitura

Endereço: Rua João Rosa Góes, 1761

Bairro: Vila Progresso

UF: MS

Município: DOURADOS

CEP: 79.825-070

Telefone: (67)3410-2853

E-mail: cep@ufgd.edu.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
GRANDE DOURADOS - UFGD**



Continuação do Parecer: 7/84443

Ausência	TCLE_Corrigido.pdf	28/04/2025 11:25:04	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Outros	Resolucao.pdf	28/04/2025 18:08:25	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Cronograma	Cronograma.pdf	28/04/2025 12:53:50	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Orçamento	Orçamento.pdf	28/04/2025 10:43:28	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Outros	ENTREVISTA.pdf	28/04/2025 10:08:19	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Outros	Compromisso.pdf	28/04/2025 09:51:03	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Infraestrutura.pdf	25/04/2025 17:48:32	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo
Folha de Rosto	Folha de Rosto.pdf	25/04/2025 17:23:30	ANTONIETA ALIENDRE MORAES NASCIMENTO	Acelo

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 02 de Julho de 2025

Assinado por:
Leonardo Ribeiro Martins
(Coordenador(a))

Endereço: Rua João Rosa Góes, 1761

Bairro: Vila Progresso

UF: MS

Município: DOURADOS

Telefone: (87)3415-2853

CEP: 79.825-070

E-mail: cep@ufgd.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/a senhor/a está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada “DE CEI UFGD A CEI MARIA ALICE SILVESTRE (2008-2018): MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS”, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados/MS desenvolvida por **Antonieta Aliandre Moraes Nascimento**, discente do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sob orientação da Profa. Dra. Míria Izabel Campos.

O principal objetivo deste estudo é “Narrar a história da fundação e implementação do Centro de Educação Infantil -CEI UFGD até se tornar CEI Maria Alice Silvestre”. A fim de que essa pesquisa se efetive, necessitamos da sua colaboração. Por esta razão, gostaríamos de convidá-lo/a participar do estudo.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na participação não trará nenhum prejuízo à sua relação com a pesquisadora ou com a UFGD. As datas e horários serão agendados de acordo com a sua disponibilidade. Em caso de desconforto ou constrangimento de qualquer natureza, a coleta de dados será prontamente interrompida. O/a participante tem o direito de não responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de qualquer natureza.

Destaca-se que sua participação trará benefícios importantes, pois **de fato tiveram participação neste processo de implementação desta instituição.**

A pesquisadora garante que o/a participante tem o direito de buscar por indenização por danos decorrentes da pesquisa, nos termos da Lei, e se compromete com o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Os resultados e conclusões obtidas na pesquisa serão apresentados em forma de **dissertação de mestrado** e poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em congressos, seminários e publicados em diferentes meios. Em todas as publicações, será garantido a ética e o respeito à identidade dos participantes.

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) da UFGD é um colegiado interdisciplinar e independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP/UFGD está localizado no Prédio da Reitoria (Unidade 1, sala 501), Rua João Rosa Góes, número 1761, no bairro Vila Progresso. O e-mail do CEP/UFGD é cep@ufgd.edu e o contato telefônico é (67) 3410-2853. Esse termo foi impresso em duas vias e você receberá uma via deste, na qual consta dados para contato com a pesquisadora e sua orientadora, podendo, a qualquer momento, entrar em contato para retirar dúvidas sobre o projeto e sua participação na pesquisa.

Ass. Pesquisadora: _____ Ass. Participante: _____



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Antonista Moraes Nascimento (Pesquisadora)
Telefone: (67) 9 9186-3030
E-mail: antonistamoraesnascimento@hotmail.com

Profª. Drª. Miria Izabel Campos (Orientadora)
Telefone: (67) 9 9847-5257
E-mail: miriacampos@ufgd.edu.br

Por fim, eu _____,
telefone _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e
benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Dourados- MS, _____ de _____ de 2025.

Participante

ENTREVISTA - QUESTIONÁRIO - OBSERVAÇÃO**MAGDA CARMELITA SARAT OLIVEIRA**

- Nome/Data de nascimento/Idade
- Cidade e estado de nascimento
- Formação e instituição na qual trabalha
- Conte-nos quando começou a sua relação com o CEI UFGD?
- Pelas fontes já encontradas, sabemos que a Sra. estava à frente da Coordenadoria de Assuntos Estudantis (COAE) e que foi procurada para atender uma solicitação feita pela comunidade estudantil, para que houvesse a construção de um espaço que atendesse as famílias e seus filhos. Poderia nos relatar como se deu este momento e como se desenvolveu o processo?
- Durante esse processo houve entraves? Quais?
- Na época, como foram tratadas as questões de infraestrutura, mais especificamente em relação às verbas para a viabilidade do CEI UFGD?
- Poderia nos dizer, levando em consideração seu envolvimento com o processo do CEI UFGD e por seu trabalho com a infância e a Educação Infantil, qual a importância desta instituição inserida na Cidade Universitária – Unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)?
- Levando em consideração o referencial eliasiano, abordagem na qual nos apoiamos e sabendo que a Sra. é estudiosa de Norbert Elias, como descreveria as dinâmicas de poder e as relações interdependentes constituídas entre as diferentes figurações envolvidas no processo e como elas influenciaram os movimentos que culminaram na criação do CEI UFGD?
- A Sra. poderia nos contar alguma experiência marcante vivenciada na instituição CEI UFGD?

CÉLIA MARIA FOSTER SILVESTRE

- Nome/Data de nascimento/Idade
- Cidade e estado de nascimento
- Formação e instituição na qual trabalha
- Quem foi Maria Alice Silvestre?
- A Sra. acompanhou o movimento de estudantes, em especial a luta pela criação de um espaço que atendesse as famílias e seus filhos na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), luta na qual Maria Alice esteve à frente?
- A Sra. acompanhou o processo da mudança do nome de CEI UFGD para o nome CEI Maria Alice Silvestre (*in memoriam*)?
- Os envolvidos com a instituição solicitaram consentimento para nomear o CEI UFGD? Se positivo, de quem partiu a ideia: da UFGD ou da Secretaria Municipal de Educação de Dourados (SEMED)?
- Foi convidada e participou da Reunião do Conselho Universitário da UFGD, acontecida no ano de 2018, na qual foi aprovada a indicação de Maria Alice Silvestre nomear o CEI UFGD?
- Já esteve no CEI Maria Alice Silvestre? Acompanha os trabalhos desenvolvidos na instituição que carrega o nome de Maria Alice Silvestre?
- Em sua opinião, qual o legado mais significativo que Maria Alice Silvestre deixou em sua curta, mas pelas nossas pesquisas, intensa trajetória de vida?

CLAUDEMIR DANTES DA SILVA

- Nome/Data de nascimento/Idade
- Cidade e estado de nascimento
- Formação e instituição na qual trabalha
- Conte-nos sobre como foi o processo para se tornar o coordenador do CEI UFGD, em que ano começou e por quanto tempo você permaneceu na coordenação?
- Você esteve no início da implementação do CEI UFGD? Se positivo, pode nos falar a respeito do processo?
- Poderia nos contar sobre a construção das relações entre o trabalho desenvolvido no CEI UFGD, sob a sua coordenação, e os diferentes órgãos administrativos da UFGD, bem como as diversas faculdades?
- Poderia nos contar sobre a construção das relações entre o trabalho desenvolvido no CEI UFGD, sob a sua coordenação, e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)?
- Poderia nos contar sobre a construção das relações entre o trabalho desenvolvido no CEI UFGD, sob a sua coordenação, e a Secretaria Municipal de Educação de Dourados (SEMED)?
- Poderia nos dizer, em sua opinião de educador e estudioso da infância e Educação Infantil, qual a importância desta instituição inserida na Cidade Universitária – Unidade II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)?
- Quais suas memórias mais marcantes do CEI UFGD – CEI Maria Alice Silvestre?